

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Alessandro Gonçalves Ayres de Lima

A militância política de João Saldanha até 1970: “Eu escalo a seleção, ele escala o ministério”.

Monografia apresentada ao Departamento
de História da PUC-Rio como parte dos
requisitos para a obtenção do grau de
Licenciada em História.

Orientador:

Prof. Dr. Maurício Barreto Alvarez Parada

Departamento de História
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, junho de 2016

Agradecimentos

Neste momento em que recordo toda minha trajetória na graduação, me sinto na obrigação de agradecer primeiramente a Deus e a minha família, que sempre me deram um apoio incondicional em qualquer escolha da minha vida e não foi diferente no momento de escolha da minha carreira. À minha mãe, mulher forte, inteligente, que junto com meu pai, me serviram de fortaleza de apoio para conquistar uma bolsa na universidade. À minha irmã que sempre me apoiou em qualquer momento.

Agradeço ao meu avô, Samuel Ayres (In Memoriam), a quem defino como um grande homem e que foi uma das primeiras pessoas a me apresentar a figura de João Saldanha, a quem se referia como um “comunista mal educado” mas por quem nutria certa amizade, contando histórias de um tempo nostálgico do Botafogo.

A todos os meus professores de curso, em especial ao meu orientador Maurício Parada, que além de me ajudar com seus comentários durante a produção dessa monografia foi o professor com quem mais tive o prazer de ter aula durante a minha graduação. Ao professor Leonardo Pereira que durante a matéria Tutoria IV, me auxiliou nas direções em que um trabalho como esse poderia ter, facilitando a minha opção.

A Vice-Reitoria Comunitária da PUC-RJ que com a bolsa que me foi concedida tornou possível a minha graduação. Aos funcionários do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro que me ajudaram, e muito, na busca de documentos para a realização deste trabalho.

Aos meus amigos Bruno Vater e João Pedro Daiha, que sempre estiveram cientes dos desafios que eu enfrentei até aqui. Aos meus amigos Eduardo Bailão e Pedro Miguel Bailão, que me incentivaram muito na escolha do tema. Somos de General Severiano. Somos Botafogo!

Aos funcionários do Departamento de História, Anair, Claudio, Moisés, e principalmente, a botafoguense Cleusa.

A todos os amigos que fiz na universidade por estudar História. O pensamento crítico, sempre presente nas nossas conversas me ajudou bastante na produção deste trabalho.

Resumo

Este trabalho pretende analisar parcialmente biografia política de um ativo militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB) que ainda se tornaria um dos comentaristas esportivos mais famosos do Brasil e técnico da Seleção Brasileira. Além de se tratar de uma pesquisa sobre a trajetória de João Saldanha como militante, pretendo, neste espaço, fazer um contexto sobre a situação geral em que o personagem atua politicamente.

O contexto varia entre as suas diversas áreas de atuação, não tratando somente da política brasileira em geral, mas também da orientação política do partido em determinadas ocasiões e as situações específicas de alguns episódios que marcaram um período de sua militância.

A monografia tem como um de seus objetivos principais, atuar na desconstrução de um personagem que não tem na sua militância política um valor devidamente reconhecido pelo público em geral que tem conhecimento da sua carreira como jornalista esportivo e técnico.

Palavras-chaves: Partido Comunista Brasileiro (PCB); João Saldanha; política brasileira; militância política.

Sumário

Introdução -----	4
Capítulo 1: A infância, a entrada na ANL e as primeiras missões pelo PCB-----	9
Capítulo 2: Saldanha: entre a guerrilha e as greves -----	25
- Guerrilha de Porecatu (norte do Paraná)-----	25
- A Greve dos 300 mil -----	40
Capítulo 3: O jornalista e militante “realmente técnico”-----	50
- Saldanha nos registros policiais: análise da trajetória de um militante pela ótica da polícia -----	58
Conclusão -----	84
Referências bibliográficas -----	89

Introdução

O presente trabalho trata-se de uma narrativa histórica produzida a partir de uma diversidade no modo de se fazer História, primeiramente com relação às diferentes fontes usadas para se constituir tal narrativa, levando em consideração as especificidades de cada tempo vividas pelo objeto estudado. Em todos os capítulos, três biografias sobre João Saldanha são usadas como referências, que de certa forma, me ajudaram a manter uma linearidade sobre alguns dos acontecimentos que marcaram a sua militância política. Como a intenção deste trabalho nunca foi analisar todo o histórico da luta política de Saldanha por completo, até pela complexidade de tal objetivo e também pelo meu acesso às fontes que não correspondem com um trabalho desse tamanho. Esta diversidade na maneira de se fazer história também poderá ser verificada a partir de uma tentativa de relação entre micro e macro história, da qual ainda veremos com mais detalhe.

As fontes diversas acerca de Saldanha que montam a base deste trabalho são: as suas três principais biografias, escritas por André Iki Siqueira, Carlos Ferreira Villarinho e João Máximo; suas entrevistas, tanto em jornais e revistas impressos como para canais de televisão; dois livros da própria autoria de Saldanha (“Os subterrâneos do futebol” e “Futebol e outras histórias”); e os documentos das polícias políticas em que consta o nome João Saldanha que podem ser encontrados no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro.

Além do auxílio que estas biografias me deram para encontrar uma linearidade entre as suas diferentes maneiras de narrar a vida de João Saldanha, estas biografias serviram para se ter conhecimento de situações que ocorreram em sua vida que possuem relação com sua militância, mas que são desconhecidas das fichas policiais, a partir do acesso a relatos feitos por amigos de militância, da profissão de jornalista e também da de técnico, além de alguns familiares, concedidos por meio de entrevistas a esses autores. O uso dos dois livros escritos por Saldanha se dão por ser um registro sobre suas diversas críticas, mais precisamente com relação à administração do futebol, mas que em alguns momentos levantam aspectos políticos da sua vida. Os documentos dos setores de inteligência da polícia também são usados por servirem como sustentação para as narrativas de alguns episódios sobre a militância política de Saldanha e também por nos fornecerem a visão que a inteligência da polícia tinha sobre alguns militantes.

Estes documentos também nos são úteis em nos revelar as maneiras que os governos brasileiros agiam com relação aos seus grupos políticos opositores no período de 1937 até 1970.

O “recorte” final em 1970 se dá pelo fato de ser um momento em que Saldanha estaria em maior evidência durante toda a sua vida. Ao se tornar técnico da Seleção de um país, que governado por uma ditadura militar, perseguia, prendia, torturava e matava, muitos que representassem uma oposição ao regime, Saldanha, com o histórico de sua militância já conhecido, principalmente pelos órgãos de espionagem, passou também a denunciar tais práticas. Além da posição de evidência de Saldanha como figura pública, a sua demissão do cargo de técnico merece uma análise cuidadosa por envolver duas questões que marcariam a figura de Saldanha: política e futebol, que estão intrinsecamente relacionadas no episódio de sua saída da Seleção.

O uso das biografias já citadas, como referência, se dá em maior volume no primeiro capítulo, por tratar do ambiente familiar, que já tinha uma relação estreita com a política durante a infância de Saldanha, o que acaba atuando na sua formação como indivíduo, e pelo valor dos relatos obtidos pelas entrevistas dos seus familiares e companheiros de militância, ainda no início de sua luta política, quando ainda não havia registros policiais em seu nome, apesar de neste capítulo já conter algumas menções a documentos que vão ser analisados na parte final do trabalho.

No segundo capítulo, o que se pretende fazer, é relacionar dois dos principais episódios da militância de João Saldanha com os relatos de outros personagens que atuaram nas mesmas passagens. O capítulo dividido entre a Guerrilha de Porecatu e a Greve dos 300 mil em São Paulo, tem como base suas biografias e também as biografias desses outros personagens, que tendo ou não contato com Saldanha durante essas mobilizações, nos auxiliam a uma compreensão mais ampla desses movimentos. O objetivo não é o de colocar somente a importância de Saldanha nos casos de luta política em que esteve envolvido, mas o de relacioná-lo também a um contexto mais amplo, e por isso se fez necessário a consulta a outros textos que pudessem viabilizar essa contextualização, assim como jornais e revistas que relataram tais casos na época.

O terceiro capítulo ressalta um breve momento de afastamento de João Saldanha do PCB e por isso o uso dessas biografias ainda foi mantido no início dessa última parte, devido à necessidade de se abordar, de maneira geral, seus trabalhos como técnico

do Botafogo e, posteriormente, o início oficial de sua carreira de jornalista no Brasil. Ainda assim, o capítulo ainda trata dos registros policiais que foram produzidos nesse mesmo período sobre Saldanha, onde aparentemente ele se distanciara de mobilizações políticas. O capítulo volta a abordar as estratégias de espionagem dos serviços de inteligência das polícias políticas, principalmente as do governo Dutra e as que se sucedem após o golpe civil-militar em 1964.

A opção por analisar estes documentos somente no último capítulo, voltando alguns anos da trajetória de João Saldanha, se dá por uma tentativa de fazer o leitor tentar compreender a questão política que estava por trás de sua demissão do posto de técnico da Seleção Brasileira, ao possibilitar a análise de documentos que estavam sob o poder da polícia e como esses documentos eram vistos por um Estado ditatorial, governado por um ex-chefe (Médici) de setor (SNI) que tinha acesso a todos esses registros. A contextualização da saída de Saldanha da Seleção se dá a partir de outros possíveis motivos encontrados nas biografias, no entanto, o enfoque principal se dá entre as fichas policiais que contém o nome de Saldanha e a política repressiva da ditadura militar especificamente naquele momento.

A relação de micro e macro-história se dá a partir dessa variação de escala pela qual se produziu o texto deste trabalho, com uma escrita se revezando entre as passagens das lutas políticas de Saldanha e o contexto em que elas se deram. Carlo Ginzburg¹ em “O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição”², partindo da história do moleiro Menocchio, acaba relatando em detalhes como poderia funcionar o Tribunal da Inquisição da Santa Igreja Romana pela ótica de um condenado. Uma história possível dentro de um contexto que abrange vários outros casos semelhantes, mas que também guardam suas peculiaridades.

A biografia política de Saldanha tenta seguir a mesma estratégia contando com uma contextualização mais explícita e ressaltando, na maioria das vezes, a situação política do Brasil naquele momento. A variação de escalas depende do tema tratado por

¹ Carlo Ginzburg, historiador italiano, é um dos principais difusores do estudo da micro-história. Também se especializou na análise de crenças religiosas populares.

² “O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição”, trata-se de uma obra pioneira com relação a micro-história. Escrita por Carlo Ginzburg, a obra se volta para o episódio específico da perseguição às ideias de Menocchio e a sua posterior condenação. Desse modo, Ginzburg trata com detalhes um caso em meio aos mais de dois mil processos de julgamento da Santa Inquisição imposto pela Igreja Católica.

cada capítulo, e ainda, pelos momentos da vida de Saldanha, mas o texto ficará “flutuando” entre os episódios individuais vividos pelo militante João Saldanha e alguma situação específica da política brasileira naquele momento. Por exemplo: as suas missões durante a clandestinidade do partido e a repressão aos comunistas durante o Estado Novo; a participação de Saldanha na Guerrilha de Porecatu e o histórico problema da concentração fundiária de terras no Brasil, além da orientação do PCB na época; a sua participação na Greve dos 300 mil e a situação geral dos trabalhadores de precariedade, as consequências da Greve para estes trabalhadores e ainda a atuação do partido junto aos sindicatos; os registros policiais que constam o nome João Saldanha e a atuação das polícias políticas e dos governos que cassaram e perseguiram o PCB; e a sua saída da Seleção Brasileira em um dos momentos mais repressivos da ditadura. As ações de Saldanha como consequência de sua militância são colocadas em meio ao contexto da situação política brasileira daquele momento.

Essa escrita diversificada por meio de diferentes fontes e enfoques que se alternam tem como objetivo principal atuar na desconstrução de João Saldanha como um personagem midiático visto por alguns até como uma pessoa folclórica, caricata do jornalismo esportivo brasileiro. É claro que trabalhar bastante tempo na mídia acabou contribuindo para isso, assim como as suas histórias que envolviam algum desentendimento com alguém, como o caso dos tiros no Mourisco³ durante uma comemoração do Botafogo e o caso das pilhas com defeito em uma farmácia do Leblon⁴. O que vai ser analisado prioritariamente neste trabalho é somente o envolvimento de Saldanha com a política.

Por fim, a importância do tema está justamente nessa possibilidade de acompanhar um curto período da História política do Brasil a partir da militância política de um indivíduo, desde que se contextualizem esses momentos de luta. O

³ O “Mourisco” era um espaço antigo de propriedade do clube do Botafogo destinado ao lazer dos seus associados. Localizado na Praia de Botafogo, onde hoje funciona um prédio empresarial. Em 1967, após o Botafogo ter se consagrado campeão carioca vencendo o Bangu Atlético Clube, Saldanha teria obtido a informação de que Manga (goleiro do clube) queria “entregar” o jogo, e foi ao “jantar dos campeões” para interpelar Manga. Armado, Saldanha teria disparado duas vezes, que felizmente, não provocou feridos. Ver mais sobre, em: “João Saldanha – Uma vida em jogo”, de André Iki Siqueira, e “Os dez mais do Botafogo”, de Paulo Marcelo Sampaio.

⁴ Em 1987, Saldanha, então com setenta anos, teria se dirigido a uma farmácia no Leblon para reclamar de duas pilhas que estariam com defeito e teriam sido compradas no local. Após uma discussão com o gerente da farmácia, Saldanha teria dado um disparo dentro do estabelecimento, sem causar feridos. Ver mais sobre, em: “João Saldanha – Uma vida em jogo”, de André Iki Siqueira; e “Sobre nuvens de fantasia”, de João Máximo.

trabalho como vamos ver, tem a sua colocação em um plano mais geral e amplo, facilitada a partir dos depoimentos do próprio Saldanha e também dos seus companheiros de militância em alguns casos.

Outros fatores estão ligados à motivação para se estudar a biografia política do militante João Saldanha, mas que estão mais relacionados a uma questão pessoal. Como botafoguense e morador da Rua General Severiano, onde se concentra a sede do Botafogo, cresci ouvindo as histórias de Saldanha no clube e estas sempre me despertaram curiosidade. No entanto, trata-se de histórias que ajudaram a compor o personagem João Saldanha, mas que me fizeram ter um interesse inicial sobre a sua trajetória, que se torna surpreendente quando se descobre a sua relação com a política.

1. A infância, a entrada na ANL e as primeiras missões pelo PCB.

Quando se afirmar que a política ou a luta política sempre estiveram presentes na vida de João Alves Jobim Saldanha, pode se interpretar esta frase de maneira literal. Desde a sua infância no Rio Grande do Sul, Saldanha esteve próximo dos ideais políticos, e mais do que isso, do confronto por oposições políticas, por ter acompanhado cotidianamente a guerra entre “maragatos” e “chimangos” no mesmo Estado, durante a Revolução Federalista⁵. O pai de João, Gaspar Saldanha, já era um advogado renomado quando se tornou um dos principais líderes dos “maragatos”⁶, que usavam um emblemático lenço vermelho no pescoço em contraposição ao lenço branco dos “chimangos”⁷ e favoráveis ao governador Borges de Medeiros, herdeiro de Júlio de Castilhos, que também havia sido governador do Estado entre 1893 e 1898. Ambos pertenciam ao Partido Republicano Progressista. Desde Castilhos, os republicanos, também chamados de pica-paus, passaram a ser vistos como autoritários, devido à imposição de suas vontades e suas leis por meio da força, fazendo com que seus adversários políticos tivessem cada vez menos representatividade no governo do Estado⁸. Estes adversários, primeiramente Júlio de Castilhos, que não encontravam voz no governo, se voltaram para a luta contra as forças estaduais quando em 1893 estourou a chamada Revolução Federalista⁹.

Estes federalistas que tentavam encontrar representatividade no Partido Federalista do Rio Grande do Sul, mas eram perseguidos pela repressão do governo, ficavam indo e voltando do Uruguai, que passou a ser visto como um lugar de escape da repressão, possibilitando o planejamento de novos ataques aos “chimangos”¹⁰. Por causa dessa forma de luta, os republicanos passaram a chamar os federalistas de “maragatos”, ou papagaio da serra, ave típica da fronteira com o Uruguai¹¹. Já, “chimango”, é uma ave de rapina, que come de tudo nos campos, inclusive ratos e cobras e algumas espécies ainda nascem com um topete com listras brancas, referência

⁵ SIQUEIRA, André Iki. João Saldanha – uma vida em jogo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007. P. 31

⁶ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 32

⁷ IDEM

⁸ FAUSTO, Boris. A História do Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação do desenvolvimento da educação. P. 245

⁹ IDEM

¹⁰ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 33

¹¹ FAUSTO, Boris. Op. cit., p. 247

para o apelido devido ao lenço branco dos governistas¹². Esta luta entre maragatos e chimangos já estava começando a incomodar o governo federal, que temia uma pequena possibilidade de um movimento independente do Rio Grande Sul e que pudesse se espalhar também por Paraná e Santa Catarina, que também foram locais de conflito¹³. Com esse temor, Floriano Peixoto, também conhecido como “Marechal de Ferro”, por dificilmente fugir de conflitos, resolveu enviar tropas em apoio a Júlio de Castilhos, conseguindo assim sufocar a revolta¹⁴. No entanto, algumas lideranças dos maragatos ainda permaneceram sendo perseguidas durante o governo que se seguiu de Borges de Medeiros, mantendo viva a rota dos maragatos¹⁵.

Como Gaspar Saldanha era uma dessas lideranças e, portanto, ativo nesse vai e volta entre Rio Grande do Sul e Uruguai e sempre levava sua família junto, João sempre teve que explicar seu local de nascimento: “Meu primeiro registro é Uruguaio. Ibirocaí é pertinho da fronteira, e me registraram no Uruguai. Só aos dezoito anos é que providenciei o certo”¹⁶.

Em 1917, ano do nascimento de Saldanha, Gaspar se candidatou e conseguiu se eleger deputado estadual pelo Partido Federalista, tendo a companhia de apenas mais um deputado federalista na Assembléia¹⁷. Entre a maioria dos deputados republicanos, existia um com a difícil missão de tentar a unidade entre republicanos e federalistas e que confrontou Gaspar Saldanha em diversos debates acalorados na Assembléia, que atendia pelo nome de Getúlio Dornelles Vargas¹⁸.

João Saldanha, portanto, desde criança, conviveu com a militância política, assim como seus irmãos, que também mantiveram o interesse pela política durante suas vidas, na militância e como políticos, de fato, como veremos mais a frente. Na eleição seguinte, Gaspar Saldanha se reelegeu¹⁹, com os federalistas sendo representados agora por três deputados²⁰. No entanto, após novas eleições e mais uma vitória de Borges de Medeiros (a sua quinta), a disputa entre “maragatos” e “chimangos” voltou a se acirrar,

¹² IDEM

¹³ IDEM

¹⁴ JÚNIOR, Valério Hoerner. Maragatos. Rio Grande do Sul: Editora Juruá, 2007. p. 57

¹⁵ VILLARINHO, Carlos Ferreira. Quem derrubou João Saldanha. Rio de Janeiro: Livros de futebol.com, 2010. p. 8

¹⁶ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 36

¹⁷ Máximo, João. Sobre nuvens de fantasia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996. p. 19

¹⁸ FAUTO, Bóris. Op. cit., p. 253

¹⁹ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 39

²⁰ FAUSTO, Bóris. Op. cit., p. 255

fazendo com que Gaspar voltasse ao Uruguai, desta vez para ficar por um tempo, como um exílio forçado²¹. Porém, desta vez, o governo do Rio Grande do Sul não teria o apoio do poder central, que tinha como presidente Artur Bernardes, mas que também não apoiava os federalistas, fazendo com que o governo federal demorasse a buscar um acordo de paz, que só aconteceu em dezembro de 1923, com o Pacto das Pedras Altas²². A tensão permaneceu e Gaspar Saldanha achou melhor levar toda a família para o Uruguai, e nesse período Gaspar teria, inclusive, usado seus filhos para levarem objetos e produtos, além de dinheiro, obtidos no Brasil para manter a casa, uma vez que a caça aos “maragatos” continuava intensa. No livro “João Saldanha – uma vida em jogo”, de André Iki Siqueira, Maria, a irmã mais velha relembra: “O Aristides era pequeno, tinha uns seis anos, acho eu. Ele que trazia o dinheiro, escondidinho no bolso”²³.

Somente no ano seguinte, em 1924, a família Saldanha voltou ao Brasil. Gaspar Saldanha, desconfiado dos “chimangos” achou melhor se mudar com a família para a capital do Paraná, Curitiba²⁴. De lá, Gaspar Saldanha teria acompanhado a vitória de Getúlio Vargas nas eleições de 1926, para o governo do Rio Grande do Sul, acompanhado de uma base formada por “maragatos” e “chimangos”. Vargas por ter sido eleito deputado federal em 1922 se distanciou das lutas que ocorreram no Estado que agora governava, o que pode ter favorecido a formação desta base, que contava com “maragatos” e dissidentes do Partido Republicano²⁵. Assim, em 1928 a família Saldanha retorna ao Rio Grande do Sul, apoiando o governo Vargas e sua candidatura à presidência nas eleições de 1930, que seriam vencidas por Júlio Prestes. João Saldanha participaria da campanha, como um garoto emocionado, claro, mas que guarda suas lembranças de apoio a Getúlio: “‘Abaixo isso, abaixo aquilo’. A polícia corria atrás, era proibido propaganda contra. A sede do nosso partido foi fechada várias vezes. Eu tinha meus doze, treze anos e pichava muro: “Gegê vem aí”. Era o Getúlio. Não veio, pô! Ganhou Júlio Prestes. Aí, saiu a revolução”²⁶.

No entanto, a oposição derrotada passou a denunciar fraudes no processo eleitoral tentando impedir a posse de Júlio Prestes, e assim se iniciaram, primeiramente, levantes

²¹ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 41

²² Nome dado ao acordo político assinado em 14 de dezembro de 1923, no qual se garantiu o fim do mandato de Borges de Medeiros sem a possibilidade de uma reeleição.

²³ SIQUEIRA, André. Op. cit., p. 45.

²⁴ IDEM

²⁵ FAUSTO, Bóris. Op. cit., p. 256

²⁶ SALDANHA, João. Futebol e outras histórias. Op. cit., p. 23

no Rio Grande do Sul e no Paraná, curiosamente lugares de atuação de Gaspar Saldanha, que apoiou a Revolução de 1930 chegando a comandar uma milícia de 300 homens. Após o final desse processo, do qual Vargas conseguiu chegar à presidência, a família Saldanha seguiu o curso da Revolução e foi parar no Distrito Federal²⁷.

Em 1931, João Saldanha chegou ao Rio de Janeiro, e assim como sua família, se adaptou muito bem à cidade carioca com características provincianas bem marcantes e se fixaram em uma Copacabana lembrada com nostalgia para quem viveu no bairro nesse tempo. Incentivado por Getúlio Vargas, Gaspar Saldanha investiu na carreira parlamentar e se candidatou para deputado na constituinte de 1934, ao mesmo tempo em que teria “ganho” de Getúlio, por seu apoio na Revolução de 1930, a administração do cartório de registro de imóveis das zonas oeste e sul da cidade, uma área com praticamente todos os bairros em crescimento e com um “boom” de construção de edifícios²⁸, principalmente esta última região. À medida que o tempo ia passando João, só ficava mais à vontade com a praia, as voltas por Copacabana, por onde se tornou amigo de personalidades que iriam te acompanhar o resto de sua vida, tanto nas lutas políticas, quanto no futebol, boemia e jornalismo²⁹. E não foi diferente em General Severiano, sede do Botafogo, clube que João adotou em sua chegada e jogou basquete e futebol, e no Colégio Pedro II, no qual estudou nas sedes do Humaitá e do Centro³⁰.

Assim como seu irmão mais velho e seu pai, Aristides, João foi cursar direito quando fez dezoito anos. A política na Faculdade de Direito, como não pode ser diferente em um espaço acadêmico, marcava uma presença muito forte, ainda mais em um período polarizado na primeira metade da década de 1930 entre a Aliança Nacional Libertadora (ANL), liderada por Luís Carlos Prestes, e a Ação Integralista Brasileira (AIB), liderada por Plínio Salgado. A ANL surge após vários congressos espalhados pelas universidades, um deles realizado pelo Centro Acadêmico de Direito da UERJ junto com a União da Juventude Comunista (UJC), um dos setores do PCB, em 1934, um ano antes da entrada de João na universidade³¹. Este congresso foi o I Congresso da Juventude Operária-Estudantil e dá uma ideia da presença do PCB na faculdade escolhida por Saldanha.

²⁷ SIQUEIRA, André. Op. cit., p. 55

²⁸ VILLARINHO, Carlos Ferreira. Op. cit., p. 13

²⁹ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 56

³⁰ IDEM

³¹ VILLARINHO, Carlos Ferreira. Op. cit., p. 14

João Saldanha sobre esse período é objetivo: “Nos meses de abril, maio e junho de 1935, ou se era aliancista ou se era integralista”³², e foi nesse contexto que João e Aristides, assim como 50 mil pessoas só no Rio de Janeiro se filiaram à ANL³³. A ANL surge como uma reação contra o integralismo, marcado por um totalitarismo ideológico, contando com um avanço do fascismo, ao mesmo tempo em que foi uma tentativa do PCB de organizar uma resistência popular contra o governo Vargas³⁴. No entanto, João acabaria expulso da Universidade³⁵ logo no ano seguinte, como consequência da repressão do governo pós Intentona Comunista, um levante armado aliancista que fracassou e rapidamente foi sufocado em algumas horas, porém as perseguições aos seus seguidores levariam alguns anos para acabar. As versões, assim como inúmeros fatos da vida de João Saldanha, divergem bastante sobre sua expulsão da universidade, mas existem duas principais hipóteses, uma contada por ele mesmo: “Queriam levar nosso professor de História. Batemos na polícia e apanhamos muito no dia seguinte, quando eles voltaram, reforçados”³⁶. Em outra versão teriam sido três professores presos e um grupo de alunos, incluindo João, teriam reivindicado a liberdade dos professores realizando manifestações na universidade. Além das incontáveis versões sobre fatos da vida de João, o que também surpreende são suas curiosidades, neste mesmo grupo de alunos excluídos estava Carlos Lacerda, futuro governador do Estado da Guanabara³⁷.

João Saldanha não se intimidou, e mesmo com a instalação do Estado Novo, continuou indo às reuniões do PCB, ainda muitíssimo caçado³⁸. Ainda conseguia tempo para se dedicar aos esportes, trocou o futebol pelo basquete e jogou por Botafogo e Flamengo, neste último sendo campeão brasileiro, no entanto estava cada vez mais a serviço do PCB³⁹, cumprindo fielmente suas missões, que passaram a se tornar mais complexas a partir de sua aproximação com a cúpula do partido, que se deu devido à sua presença constante nas reuniões secretas do partido durante certo período de tempo⁴⁰. O PCB, então, decidiu enviá-lo à Europa como um dos seus mensageiros no

³² VILARINHO, Carlos Ferreira. Op. cit., p. 15

³³ FILHO, Dinarco Reis. PCB – Uma história de luta. Rio de Janeiro: Fundação Dinarco Reis, 2009.

³⁴ IDEM

³⁵ VILLARINHO, Carlos Ferreira. IBIDEM

³⁶ MÁXIMO, João. Op. cit., p. 26

³⁷ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 77

³⁸ IDEM

³⁹ IDEM

⁴⁰ MÁXIMO, João. Op. cit., p. 27

exterior, atividade que João iria realizar algumas vezes para o partido naquele momento, abrindo uma temporada de intensas viagens entre Europa e América⁴¹. Nessa altura, em 1938, a sua missão era denunciar as prisões e torturas da ditadura Vargas, além de levar dinheiro aos membros do partido exilados⁴². A escolha de João para a realização de uma missão como essa na Europa também pode ter se dado pelo fato de o jovem, então com 21 anos já ter feito uma excursão pelo continente com sua família em 1934, e portanto, já possuir um conhecimento de alguns países⁴³. Nesse caso, sua formação burguesa acabou o ajudando em sua militância.

Cuidadoso ao extremo, pois sabia da responsabilidade que era realizar essas missões, João Saldanha passou a arrumar e se aproveitar de outros compromissos como pretexto para cumpri-las⁴⁴. Voltou ao futebol, nessa época a profissionalização do futebol não era muito levada a sério e também não era rigorosa quanto à formação do atleta, e assim levava suas duas paixões. Jogando por uma Seleção estudantil, quando ia viajar para outro país, avisava à direção do partido para agir em caso de necessidade⁴⁵. Mesmo com todo esse cuidado, o contexto político vivido na Europa naquele momento, dificultava, e muito, suas missões. O próprio Saldanha explica:

“A mais tenebrosa da história do nosso país. A revolução dos militares em 1964 fez mais mortos, mas a ditadura Vargas foi mais tenebrosa. Não consegui publicar a lista. Em Portugal, estava Salazar; na Espanha, Franco. Fui para a Inglaterra; nada. Pensei na Dinamarca – ora, porra a Dinamarca não sabe nem o que é o Brasil! Só consegui publicar a lista em 1941, no México, durante uma excursão como reserva do time do Botafogo”⁴⁶.

Nos anos 1940 João Saldanha ficou assim, dividido entre sua família, o Botafogo, e suas atividades no PCB, com mais destaque para estas últimas, até porque logo mais, em 1945 a Europa se tornou um território livre com fim da II Guerra, o que aumentou o mapa de João por uma possibilidade de acesso maior lhe permitindo um conhecimento melhor do “velho mundo”. Nessa mesma época passou a dominar diversos idiomas e a

⁴¹ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 85

⁴² IDEM

⁴³ IDEM

⁴⁴ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 86

⁴⁵ IDEM

⁴⁶ Roda Viva. Entrevista com João Saldanha. TV Cultura, 25 de maio de 1987.

estudar vários cursos na Europa, sobretudo filosofia, geografia, história e economia⁴⁷. Eram cursos sugeridos e orientados pelo PCB, em sua grande maioria.

Em seu retorno desta última viagem pela Europa, a repressão sobre os comunistas havia aparentemente diminuído, mas o serviço de espionagem da polícia continuava atuando da mesma forma⁴⁸. O nome de João aparece em um relatório do Dops datado de 1945, com a relação dos inscritos no PCB daquele ano⁴⁹. O Estado Novo, autoritário, havia se juntado aos países Aliados, que lutavam em defesa da democracia na II Guerra Mundial, contradizendo com a forma de governo brasileiro. Portanto, no discurso governista, havia diminuído a repressão, visto que a própria União Soviética era uma das principais potências dos Aliados, mas o Estado Novo continuava regendo o Brasil. Talvez por isso, sentindo ainda uma tensão no ar e também saudade de ficar no ambiente de General Severiano, Saldanha preferiu dedicar um pouco mais de tempo ao Botafogo e lá pelos anos de 1943, 1944 se aproximava da diretoria do clube aceitando um convite para ser uma espécie de tradutor do técnico uruguaio Ondino Veira⁵⁰. Quase que dois anos depois já seria diretor de futebol do clube⁵¹.

Não demoraria nem mais de um ano para ficar cheio de atribuições de novo entre Botafogo e PCB, pois com o fim da guerra e a Europa se tornando livre, Saldanha com 28 anos já conhecia o velho continente muito bem por causa desses anos de idas e vindas em missão pelo PCB e pode ter sido nesse momento que João Alves Saldanha se filiou oficialmente ao PCB⁵². Sobre a sua entrada oficial no PCB ainda discutiremos no último capítulo a partir de documentos registrados pelo DOPS. Em 1945, o PCB estava em busca de cada vez mais adeptos, e por isso criou os Comitês Populares Democráticos⁵³ e João Saldanha, além de exercer sua militância no Comitê Popular Democrático de Copacabana, também passou a atuar no Movimento Unificador dos

⁴⁷ VILLARINHO, Carlos Ferreira. Op. cit., p. 19

⁴⁸ Esta informação é concluída a partir do acesso a vários documentos produzidos pelo DOPS/GB sobre a atuação dos militantes do PCB no Distrito Federal.

⁴⁹ APERJ. Relatório “Partido Comunista do Brasil”, Fundo Polícias Políticas, Setor: DOPS/GB p. 70

⁵⁰ PORTO, Roberto. Botafogo: 101 anos de histórias, mitos e superstições. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2005. P. 57

⁵¹ IDEM

⁵² SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 92

⁵³ FILHO, Dinarco Reis. PCB – Uma história de luta

Trabalhadores (MUT)⁵⁴, organização intersindical fruto da aliança de comunistas e getulistas, o que é no mínimo curioso, ainda mais pelo período que se deu essa fusão⁵⁵.

Voltando à Europa no pós-guerra, aproveitando um clima mais tranquilo para mais uma temporada de cursos, João iria exercer pela primeira vez a profissão de jornalista, de um modo amador, mas seria um correspondente internacional⁵⁶. Em um curso sobre desenvolvimento social, João conheceu um italiano chamado Saverio cujo tio estava abrindo uma agência de notícias, e claro, se surpreendeu com as experiências de Saldanha pelo continente, principalmente sobre suas andanças pela Europa Oriental. Junto com a surpresa veio um convite para João Saldanha trabalhar como correspondente da agência de notícias do tio de Saverio⁵⁷.

Agora, com uma missão jornalística pela frente, João Saldanha e o italiano Saverio, teriam o primeiro trabalho de visitar as cidades arrasadas pela guerra, passando ainda por campos de concentração⁵⁸. Primeiramente os dois fizeram um tour percorrendo algumas cidades que ficaram marcadas pela barbárie da guerra. Nessa primeira parte do trabalho, os dois amigos passaram por um desses campos praticamente intacto, em Majdanek, na Polônia. Em entrevista para a Revista Playboy, em 1989, Saldanha relembra: “Os outros estavam muito destruídos. Esse campo tinha caído sem dar tempo de ajeitar (sem dar tempo dos nazistas destruírem provas do extermínio). Aquilo marcou muito, por que me deu uma dimensão da guerra”⁵⁹. Ainda passou por outros lugares muito marcados e conhecidos pela barbárie:

“O que mais me impressionou foi Auschwitz: sapatos de criança pelo chão, cabelos empilhados, roupas de criança. Cheguei lá menos de um ano depois da guerra, tudo fresquinho. Em 1974, na Copa da Alemanha levei Jorge Cury, Ruy Porto e Leônidas da Silva até lá”⁶⁰.

Ao todo foram três meses viajando pela Europa fazendo reportagens e acumulando experiência em uma área que acabava de ser apresentada a Saldanha, que parece

⁵⁴ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 100

⁵⁵ FILHO, Dinarco Reis. Op. cit., p. 67

⁵⁶ VILLARRINHO, Carlos Ferreira. Op. cit., 19

⁵⁷ SIQUEIRA, André Iki Op. cit. p. 100.

⁵⁸ IDEM

⁵⁹ Revista Playboy, 1989. “Minha filha me chamou de direitoista”, nº 183.

⁶⁰ IDEM

lembrar de seu primeiro trabalho como jornalista de uma maneira saudosa e nostálgica. Na mesma entrevista João conta:

“O sujeito (tio de Saverio, que também se chamava Saverio) era vivo. Criou uma agência independente e depois vendia para as agências famosas. Mais tarde, ele se juntara à Agência Ansa, da Itália. Saímos atrás da desgraça deixada pela Segunda Guerra Mundial. Miséria total, racionamento de tudo”⁶¹.

Em mais um retorno ao Rio de Janeiro, agora com mais uma experiência no currículo de sua vivência, como jornalista internacional, Saldanha foi convidado por Aydano do Couto Ferraz para escrever na Folha do Povo⁶², que voltava à circulação dez anos depois de sua proibição como um dos efeitos da repressão que veio após o fracasso da Intentona Comunista. Mesmo colocado entre alguns dos jornais que possuíam os menores recursos da rede de imprensa popular estruturada pelo PCB, a Folha do Povo exerceu um papel fundamental de formação e representação de grupos sociais excluídos da esfera pública (operários, trabalhadores rurais, sindicalistas, donas de casa, entre outros setores populares)⁶³.

Ainda durante esse período, João estudou pela primeira vez alguns cursos da famosa Escola de Quadros do PCUS e quando voltou ao Brasil em dezembro de 1946 fora cotado para recompor a direção da extinta União da Juventude Comunista (UJC), setor que foi bem próximo em seu tempo de estudante de Direito, e que agora, assim como o PCB voltara à legalidade em outubro de 1945⁶⁴. A escolha se deu pelo Comitê Central do PCB, que além de João havia selecionado para compor essa reorganização do quadro, Apolonio de Carvalho (que seria o presidente da UJC), Gervásio Gomes de Azevedo como diretor, e Saldanha como secretário geral. João tinha a função de organizar eventos com a finalidade de apresentar as propostas do PCB e assim, recrutar novos integrantes ao partido⁶⁵. Esses eventos, em sua maioria, se davam em centros estudantis, como universidades, escolas secundaristas e a UNE.

O PCB se empolgou e comemorou este período depois de dez anos na ilegalidade, e mais do que isso, se preparou para as eleições suplementares que se dariam no começo de 1947⁶⁶. Mal sabiam que essa legalidade duraria tão pouco. No

⁶¹ IDEM

⁶² SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 101

⁶³ FILHO, Dinarco Reis. PCB – Uma história de luta

⁶⁴ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 102

⁶⁵ IDEM

⁶⁶ IBIDEM

entanto, nesse pouco tempo, vale lembrar que a maior liderança não só do PCB, mas da esquerda brasileira em geral, Luís Carlos Prestes, discursou para mais de cem mil pessoas no Rio de Janeiro, mostrando o poder de mobilização que o PCB ainda tinha nas ruas⁶⁷. Nas eleições de 1947, o partido teve um bom resultado, ainda mais considerando o tempo em que retornou à legalidade e conseguiu formar, com a eleição de 18 vereadores, a maior bancada da Câmara Municipal do Distrito Federal⁶⁸. Com relação aos deputados o resultado também foi satisfatório, com a eleição de Gregório Bezerra, o romancista Jorge Amado e Carlos Marighella, três amigos próximos de Saldanha⁶⁹. Nos anos 1980 o Departamento Geral de Investigações Especiais, que colhia informações sobre possíveis “subversivos”, ainda lembraria de Saldanha por um simples telegrama seu enviado a Gregório Bezerra felicitando-o sobre seu aniversário. Jorge Amado que escrevera *Os subterrâneos da liberdade* para tratar a perseguição sofrida pelos comunistas durante o Estado Novo fora homenageado por Saldanha em 1963, que escreveu *Os subterrâneos do futebol*⁷⁰. Sobre Marighella ainda falaremos mais adiante.

O breve período de legalidade do PCB se encerrou no mesmo ano das eleições, em maio, com a cassação do registro do partido, no entanto ela já vinha se desenhando. Como já afirmado, os serviços de espionagem da ditadura do Estado Novo continuaram agindo e registrando qualquer atividade considerada “subversiva”. Nos vários relatórios feitos sobre as atividades do PCB nesse rápido tempo de legalidade do partido e de um regime democrático no Brasil, constam o nome de João e seus irmãos, Aristides Saldanha e Maria Saldanha. Esses registros feitos durante esse período fortaleceram a perseguição que ainda se iniciaria de uma forma mais declarada novamente.

Com essa temporada de caça ganhando cada vez mais força uma das armas do PCB era a organização de comícios relâmpagos, organizados de maneira improvisada e feitos, é claro, de maneira rápida, para evitar a chegada da polícia antes do fim dos comícios e assim a prisão de seus idealizadores⁷¹. As principais pautas, nesse momento, 1947 eram o fim da cassação do PCB por meio de assinaturas recolhidas durante esses

⁶⁷ IDEM

⁶⁸ IDEM

⁶⁹ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 102

⁷⁰ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 223

⁷¹ FILHO, Dinarco Reis. PCB – Uma história de luta.

comícios, a volta do regime democrático e o fim da truculência da polícia de Eurico Gaspar Dutra⁷².

Entretanto, algumas vezes a polícia chegava a tempo de desmontar o evento e foi o que aconteceu com João justamente em um desses comícios em três de agosto, a acusação: “estar promovendo um comício de propaganda comunista”. Segundo os relatórios (IPM) feitos tempos, durante a ditadura militar, nessa primeira prisão, João Saldanha teria sido liberado no dia seguinte, mas sua primeira ficha de subversão política já estava feita e junto a ela se somou todos os registros policiais de suas atividades já citadas pelo partido, que nos arquivos do DOPS ganharam o status de antecedentes⁷³. Antes mesmo de ser fichado por conta desse comício no Largo do Machado, já eram anotadas na polícia suas aparições em Comitês do PCB, hora de chegada e saída, viagens pela Europa, tudo, segundo os registros policiais, com o objetivo de angariar membros ou recursos para o partido.

O registro do PCB já havia sido cassado, mas o mandato dos seus políticos eleitos só foram cassados em 10 de janeiro de 1948, confirmando de maneira mais explícita a caça ao comunismo no Brasil⁷⁴. Nesse contexto, Saldanha viu no Botafogo a sua válvula de escape mais uma vez e assumiu a direção de futebol do seu querido clube, não só por uma questão de paixão alvinegra, mas também por enxergar na função uma possibilidade de continuar sua militância fora do Rio de Janeiro, onde a repressão se dava de forma mais intensa, nas viagens que o Botafogo fazia pelo Brasil⁷⁵. Vale lembrar que o craque do time do Botafogo nessa época era Heleno de Freitas, amigo de João da saudosa Copacabana dos anos 1930/40 e que consta como sua companhia em alguns registros policiais de algumas atividades do PCB⁷⁶.

Mesmo na clandestinidade, o PCB, vez por outra, apostava em alguns espaços que seriam seus redutos. A UNE, sendo um desses espaços, foi palco de uma das aparições mais espetaculosas da polícia chefiada por Cecil Borer. O I Congresso Brasileiro de Defesa da Paz e da Cultura tinha como pauta uma das principais bandeiras do PCB na época, que era a luta pela paz contra a bomba atômica, o que seria também uma forma

⁷² IDEM

⁷³ APERJ. Ministério da Justiça, Fundo Polícias Políticas, Setor DOPS, p. 85, 86

⁷⁴ FAUSTO, Bóris. Op. cit., p. 371

⁷⁵ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 112

⁷⁶ APERJ. Relatório do Departamento Federal de Segurança Pública, 10 de janeiro de 1947, Fundo Polícias Políticas, Setor Informações, p. 15.

de rebater a visita do presidente norte-americano Harry Truman ao Brasil, em março de 1949, e a sua mais recente declaração admitindo o uso da bomba atômica para “preservar a paz”.

Ainda no Botafogo, mas não totalmente afastado da UJC, João Saldanha conseguiu mobilizar um público que o PCB pretendia atrair com sua bandeira: os jovens⁷⁷. O evento, oficialmente, fora montado pela Organização Brasileira de Defesa da Paz e Cultura, mas talvez devido à grande presença de comunistas entre os organizadores, entre eles Saldanha, a polícia decidiu embargá-lo, considerando-o ilegal. E iria cair como uma luva para as pretensões do PCB, devido o contexto da visita e das declarações do presidente norte-americano, se não fosse a invasão da polícia logo após o início do Congresso.

No livro de Carlos Ferreira Vilarinho “Quem derrubou João Saldanha”, a versão sobre esse fato conta que “o salão foi invadido pelo delegado Cecil Borer (célebre torturador) e seus policiais. Reagindo às vaias, dispararam a torto e a direito. Ferido por um disparo à queima roupa, nas costas, João foi levado para o pronto-socorro, de onde se evadiu”⁷⁸.

No entanto, Saldanha contaria o episódio da seguinte forma:

“Começou o tiroteio. Eles atiraram na gente, e nós atiramos neles. Claro, eram a polícia né? A polícia do presidente Eurico Gaspar Dutra era cruel: aprendera técnicas de tortura com o Filinto Muller. O saldo foi cruel: dois mortos, um para cada lado; cerca de vinte feridos. Uma bala me atingiu pelas costas, perto da coluna, indo alojar-se no pulmão direito, que já não era lá essas coisas”⁷⁹.

No entanto, a continuidade de qualquer uma das versões, afirma que João Saldanha chegou a ser preso pela polícia, mas por causa do ferimento à bala foi levado ao hospital, de onde teria fugido. A polícia ainda fizera uma “visita” à sua casa no mesmo dia do episódio com direito a uma revista geral, porém João, já desconfiado que isso pudesse acontecer, não havia voltado para casa⁸⁰. Conhecido e procurado no Rio de Janeiro, fugiu para São Paulo com as identidades de João Santana e João Souza, sempre atuando pelo partido, dessa vez mais próximo aos sindicatos do que aos estudantes e foi

⁷⁷ FILHO, Dinarco Reis. PCB – Uma história de luta; SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 116

⁷⁸ VILLARINHO, Carlos Ferreira. Op. cit., p. 20

⁷⁹ Roda Viva. Entrevista com João Saldanha. São Paulo, TV Cultura, 25 de maio de 1987.

⁸⁰ SALDANHA, João. Futebol e outras histórias. Rio de Janeiro: Record, 1988.

um organizador ativo das manifestações a favor do controle estatal sobre o petróleo, a famosa campanha “O Petróleo É Nosso”⁸¹.

Desde o fim Segunda Guerra, o Brasil se voltou a um intenso debate sobre a melhor maneira de explorar o petróleo no país e essa campanha surgiu nesse contexto, que abordava diversos aspectos políticos, como a soberania nacional, a importância dos recursos minerais, a política de industrialização e os limites de atuação das empresas multinacionais no país⁸². Mas por causa de uma dessas manifestações, João Saldanha acabou conhecendo a prisão de vez. João Saldanha ficou 28 dias preso entre torturas e situação muito precária e depois teria ficado alguns meses entre Argentina, Chile e México e finalmente ficaria exilado em Paris⁸³. Essa perseguição a João vale lembrar, que se deu em um período em que o país deveria estar passando por um regime considerado democrático.

O tom hipotético nas últimas frases (teria, ficaria...) se dá por ser o seu período de mergulho na clandestinidade devido às suas ações políticas, onde a maior fonte é o próprio João Saldanha, que é visto por muitas pessoas, inclusive próximas ao mesmo, como alguém fantasioso às vezes. No entanto, repito, é um tom hipotético e hipótese não é o mesmo que descartar uma história.

João Saldanha, achando melhor se refugiar fora do Brasil, se preparou para mais uma sessão de cursos da Escola de Quadros do PCUS em Praga, antiga Tchecoslováquia⁸⁴ e aproveitando que teria que ficar em suas andanças como clandestino aceitou mais uma vez o convite de seu amigo Saverio para fazer mais uma série de reportagens para a já mencionada agência de notícias e partiu para Pequim ainda em 1949 para cobrir a chegada do Exército Popular de Libertação à capital chinesa⁸⁵. Permaneceria na China por volta de um ano e meio e retornou ao Brasil para acompanhar uma de suas paixões: copas do mundo, dessa vez, a de 1950, marcada por uma “tragédia” para os brasileiros, devido à derrota na final para o Uruguai. Entrou e saiu do Brasil sob um novo codinome: João Siqueira⁸⁶.

⁸¹ VILLARINHO, Carlos Ferreira. Op. cit., p. 20

⁸² FILHO, Dinarco Reis. PCB – Uma história de luta.

⁸³ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 120

⁸⁴ IDEM

⁸⁵ IDEM

⁸⁶ VILLARINHO, Carlos Ferreira. Op. cit., p. 21

Retornou à França e apesar de se fixar em Paris sempre acabava circulando pela Europa por causa dos cursos que queria da Escola de Quadros e partira para uma terceira rodada, em Moscou e Praga, cidades já conhecidas por Saldanha⁸⁷. Com cada vez mais prestígio no partido e sendo presença confirmada em cursos do PCUS pela Europa, João recebeu da Federação Mundial da Juventude Democrática um convite para retornar à China no primeiro aniversário da Revolução de Mao Tse Tung⁸⁸. O jornalista Armênio Guedes, falecido no ano de 2015, ex-dirigente do PCB, contaria em entrevista: “Nessa época, ele (João Saldanha) era presidente da União da Juventude Comunista e foi como representante do partido àquela comemoração”⁸⁹.

Esse período na China acabou rendendo muitas histórias a João, vivendo como clandestino ainda e em missão jornalística e também partidária, algumas pessoas que ouviam essas histórias não acreditavam muito ou nada em suas palavras. Nelson Rodrigues, jornalista e escritor, de quem João ficara muito amigo quando entrou para o jornalismo televisivo diria sobre Saldanha: “Os fatos divergem da versão de Saldanha... Pior para os fatos, porque a versão dele é sempre muito melhor”⁹⁰.

Retornando ao Brasil relatou um encontro pessoal que teria com Mao Tse Tung, descrevendo-o em detalhes narrando, inclusive o diálogo que teve com Mao⁹¹. Duvida-se muito dessa história, mas há quem defenda e Alberto Helena Junior, comentarista esportivo e amigo de João Saldanha era um deles. Alberto Helena é um desses amigos de Saldanha que ouvia suas histórias colocando-as em um tom hipotético, no entanto, sobre esse encontro com Mao Tse Tung, ele relata a André Iki Siqueira em sua biografia sobre João Saldanha, que um outro amigo, também comentarista esportivo, Rui Viotti, teria visto uma foto dos dois juntos e falou a Alberto Helena.

“Era o Mao ou o Chu, um desses dois, com aquela roupinha de chinês. Quer dizer, alguma verdade há! Pode ser que ele não tenha andado do lado do Chu En-lai e pisado lá no calo dele, como contava o Sandro Moreyra, mas certamente esteve lá na China e certamente tirou essa foto ao lado de uma daquelas duas grandes personalidades da Revolução... Se era tudo verdade, se era um pouco de verdade, se era um pouco de mentira, isso ninguém sabia direito. Porque eram experiências que só João tinha vivido e ninguém tinha testemunhado”⁹².

⁸⁷ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 121

⁸⁸ MÁXIMO, João. Op. cit., p. 47

⁸⁹ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 123

⁹⁰ Especial Globo News: Memórias do João “sem medo”

⁹¹ Canal livre. Entrevista com João Saldanha. São Paulo, TV Bandeirantes, 1981

⁹² SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p.126

Os colegas de João, alguns famosos jornalistas, que ficavam implicando com algumas dessas histórias sem dar a elas qualquer crédito, duvidando das mesmas em público, como em programas de entrevista⁹³, talvez por também serem jornalistas, deveriam crer somente com provas materiais, e por isso algumas dessas pessoas que ficavam provocando João Saldanha quanto à veracidade de suas histórias provavelmente esqueciam que Saldanha saíra fugido do Brasil, e como clandestino, e continuou na mesma condição em suas missões pela Europa e a Ásia e ficar carregando provas de suas andanças em países comunistas, e mais ainda, fotos com chefes desses Estados, poderiam acarretar problemas em sua volta ao Brasil.

Mas antes desse retorno, Saldanha ainda foi chamado pela agência de notícias do italiano Saverio mais uma vez⁹⁴, para cobrir a Revolução Coreana, ou Guerra da Coréia, como passou a ser chamada após a intervenção dos Estados Unidos. Nesse momento a principal bandeira do PCB permanecia sendo a campanha pela paz mundial, e em 1950, o partido passou a militar também contra o envio de soldados brasileiros para a Coréia, nos mesmos moldes anteriores: com passeatas, coletas de assinaturas, comícios relâmpagos, manifestações populares e enterros simbólicos⁹⁵. Foi aí que o trabalho jornalístico de João ganhou mais diretamente um caráter militante, pois as mesmas denúncias que fez para a agência de notícias europeia, também fez para o Imprensa Popular, um dos jornais de apoio ao PCB, e pelo qual Saldanha se pusera a disposição para trabalhar ao informar ao partido que partiria para a Coréia⁹⁶. Sua principal denúncia foi o uso de armas bacteriológicas pelos Estados Unidos na Coréia e na Manchúria (China)⁹⁷.

De volta ao Brasil ainda em 1950, a figura de João Saldanha poderia estar muito comentada entre a polícia no Rio de Janeiro, como vamos ver nos documentos que serão analisados no último capítulo, desde o fatídico episódio da UNE, e o PCB o orientou a se instalar em São Paulo⁹⁸. Em São Paulo, João se desdobrou em escrever para o “Notícias de Hoje”⁹⁹, outro jornal diário do partido, com grande público no Estado de São Paulo e ainda negociar com Jânio Quadros, que havia procurado o PCB para apoiá-

⁹³ Canal Livre. Entrevista com João Saldanha. São Paulo, TV Bandeirantes, 1981

⁹⁴ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 127

⁹⁵ FILHO, Dinarco Reis. PCB – Uma história de luta

⁹⁶ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 128

⁹⁷ VILLARINHO, Carlos Ferreira. Op. cit., p. 21

⁹⁸ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 130

⁹⁹ VILLARINHO, Carlos Ferreira. Op. cit., p. 21

lo em sua candidatura a prefeito da capital paulista¹⁰⁰. No entanto, o partido preferiu apoiar Ademar de Barros, político que ficou famoso pelo ditado “rouba, mas faz”.

No mesmo ano, em novembro de 1950, João voltou à Europa por seis dias para participar do II Congresso Mundial da Paz, em Sheffield (Inglaterra), visto que fora eleito delegado de representação ao evento pelo partido¹⁰¹. Em mais um retorno à sua terra, ficaria sabendo que seu irmão, Aristides Saldanha, iria se candidatar a vereador no Rio de Janeiro compondo as chamadas “chapas da juventude” do PCB, nas eleições gerais de 1950. Aristides também sofreu com a repressão e, enquanto seu irmão já havia sido preso, Aristides sofreu um atentado terrorista, que segundo o partido no panfleto de apresentação de sua candidatura, teria sido praticado por agentes da polícia:

“Como advogado dos deputados comunistas alagoanos, em Maceió, foi vítima de um atentado terrorista da polícia. Amordaçado e sem sentidos, foi colocado dentro de um saco e abandonado no litoral alagoano, à beira-mar, onde horas após foi socorrido por pescadores”¹⁰².

Os dois irmãos Saldanha já estavam sentindo os efeitos da repressão sobre os comunistas, e mesmo assim continuariam militando clandestinamente. No capítulo seguinte serão abordados dois, dos que considero, principais eventos da militância de João Saldanha no período de 1937 a 1970 pelos relatos em suas biografias. São casos em que possivelmente o DOPS/GB, por exemplo, nem tenha tomado conhecimento. Pelo menos não há registros sobre as atividades de Saldanha nesses casos que serão estudados no acervo do DOPS encontrados no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro.

¹⁰⁰ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 130

¹⁰¹ VILLARINHO, Carlos Ferreira. Op. cit., p. 22

¹⁰² APERJ. Relatório do Departamento Federal de Segurança Pública, 2 de junho de 1951, Fundo Polícias Políticas, setor DOPS.

2. Saldanha: entre a guerrilha e as greves

- Guerrilha de Porecatu (norte do Paraná)

Até o início de 1951, João, por causa de sua militância no PCB já tinha mobilizado por alguma causa: estudantes, secundaristas ou universitários e trabalhadores sindicais, organizando passeatas na campanha “O Petróleo é Nosso”, durante algum tempo em São Paulo. Agora, em 1951, o PCB depositava em João Saldanha a esperança de auxiliar outro grupo que pudesse representar o partido e que representaria mais uma luta nova na vida de Saldanha: os camponeses ou, como ficaram conhecidos nesse caso que irei narrar, os posseiros resistentes.

Em meados da década de 1940 até meados da década de 1950 o norte e o oeste do Paraná ficariam conhecidos no Brasil todo, primeiro pela oportunidade de se conseguir terras, depois pelo conflito que iria conflagrar a região, principalmente na região ao sul do rio Paranapanema, destacando-se mais a cidade de Porecatu. A Revolta do Quebra Milho ou Guerra de Porecatu tem sua origem em 1942, no governo de Manoel Ribas, então interventor federal (equivalente ao governador do Estado) do Paraná na ditadura do Estado Novo de Vargas. Manoel Ribas propôs uma política de ocupação da região parecida com o “Homestead Act” que Abrahm Lincoln, em 1862, criou para povoar o vasto oeste norte americano: incentivou a ocupação territorial das regiões do norte e oeste do Paraná, loteando estas terras que estavam inabitadas, oferecendo título de propriedade a quem pagasse imposto, desmatasse e vivesse nela por no mínimo seis anos¹⁰³. O problema é que antes de Manoel Ribas outros governos estaduais desde os anos 1930 já tinham tentado ocupar e tornar a região produtiva distribuindo concessões para a exploração dessas terras por meio de uma seleção de empresas que variava de acordo com os interesses de cada governo do Estado vigente. Acontecia que um governo determinava a exploração por uma empresa de um certo pedaço de terra e o governo seguinte cassava a concessão dessa empresa e a dava para outra, e nesse “fogo cruzado de concessões” a terra acabou ficando largada, improdutiva, até que veio o “Homestead Act paranaense” de Manoel Ribas¹⁰⁴.

Com a proposta de ocupação de Manoel Ribas (que hoje dá nome a uma cidade no interior do Paraná), primeiro chegaram algumas famílias de São Paulo e Minas Gerais e

¹⁰⁴ LEAL, José. ‘Rebelião no Paraná. O Cruzeiro (revista), nº 9, XII, 9 de dezembro de 1950.

um ano após essa política de ocupação ser implantada o que se tinha era um número reduzido de 300 pessoas que chegaram para ocupar a região. No entanto, por volta de 1950 esse número já chegava a 3 mil pessoas¹⁰⁵. Manoel Ribas chegou a colocar anúncios de distribuição de terras gratuitas com as condições impostas pelo governo em veículos de divulgação nacional e a região atraiu brasileiros de todas as partes¹⁰⁶.

Para complicar mais ainda a situação, o governo de Manoel Ribas acabou em 1947, cinco anos após iniciar o seu projeto político de ocupação do oeste e do norte do Paraná, onde os habitantes só conseguiriam o título de propriedade a partir do sexto ano, no qual, já exercia o cargo de governador Moisés Lupion, industrial, contador e empresário, eleito pelo PSD no mesmo ano. Lupion representou a volta da antiga política de ocupação, existente antes de Manoel Ribas, na qual os governadores “presenteavam” seus amigos com o título de propriedade dessas terras e foi o que Lupion fez com seus afilhados políticos. A tensão já estava desenhada, mas foi aí que ela ganhou forma, pois quando os ganhadores desses títulos dados por Lupion chegavam nessas terras encontravam posseiros, alguns inclusive com títulos legais de propriedade do terreno, cultivando-o, morando com sua família, já devidamente estabelecidos, configurando um impasse clássico nas disputas de terras no Brasil¹⁰⁷.

A situação se agrava porque nesse impasse clássico, estariam de um lado, os posseiros, de origem humilde que agiram dentro da lei obedecendo à proposta de um governo, e do outro as elites paranaenses, representadas pelas famílias poderosas do Estado aliadas do governador Moisés Lupion. E essas elites se vendo prejudicadas, não pelo não cumprimento da lei (embora falassem que eram proprietários legítimos dessas terras), mas por não conseguirem exercer seu privilégio de aliança com o então governador paranaense partiram para o “vale-tudo” do reconhecimento de seus títulos: pressionavam o governador para modificar leis, mapas e documentos, davam entrada em requerimentos usando de falsidade ideológica e ainda tinham poder para usar a polícia e dinheiro para contratar jagunços com o objetivo de expulsar os posseiros¹⁰⁸.

O governador até tentou se posicionar para que o conflito que já estava acontecendo não piorar. Até este momento, meados de 1947, os “mata-paus” nome dado aos

¹⁰⁵ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 140

¹⁰⁶ IDEM

¹⁰⁷ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 141

¹⁰⁸ IDEM

jagunços e policiais que serviam às elites faziam o que queriam com as terras dos posseiros, que só podiam fugir e esconder suas famílias. A posição de Moisés Lupion foi a de prometer dar terrenos com direito a títulos de propriedades em outras regiões do Estado, a mais falada foi Paranavaí, aos posseiros que deixassem suas terras¹⁰⁹. Uma das primeiras promessas que não foram cumpridas pelo governo durante o conflito, aumentando a revolta que os posseiros já tinham do governo.

No PCB, que ainda se encontrava na ilegalidade, uma das correntes que vigorava para o triunfo de uma revolução era a luta no campo, com o apoio dos explorados trabalhadores rurais para depois se chegar aos centros urbanos já devidamente fortalecida. Os que eram partidários dessa forma de luta ainda tinham o reforço do exemplo recente da Revolução Chinesa, liderada por Mao Tse Tung¹¹⁰. Armênio Guedes um dos dirigentes do PCB na época analisa o contexto: -Tinha surgido um foco de luta camponesa. E, na concepção errônea do partido, qualquer foco daqueles podia, de acordo com os ensinamentos do camarada Mao Tse Tung, se transformar na faísca que faria o prado pegar fogo¹¹¹.

Uma das maiores expressões desse pensamento dentro do partido eram As Ligas Camponesas, fundadas pelo PCB assim que entrara naquele breve período de legalidade (1945-1947) já citado aqui. As Ligas Camponesas foram organizações de camponeses formadas pelo PCB e trabalhadores rurais locais de cada região. As suas maiores lideranças estavam nas figuras de Francisco Julião e Gregório Bezerra, que ficara com seu mandado de deputado cassado, amigo de João Saldanha¹¹². Os objetivos, quando se formava uma Liga Camponesa numa região era primeiramente a luta pela reforma agrária e pela melhoria das condições de vida e trabalho no campo no Brasil. O PCB avaliou que era um ambiente propício para o partido agir e enviou alguns homens para o norte e oeste do Paraná, a fim de ajudar na mobilização dos posseiros e no conflito armado em que já estavam envolvidos contra os jagunços de fazendeiros e as forças de polícia¹¹³.

¹⁰⁹ Cf. LEAL, José. 'Rebelião no Paraná. O Cruzeiro (revista)

¹¹⁰ Uma das maiores expressões desse pensamento no PCB foi o Manifesto de Agosto, que delimitou as bandeiras de luta do PCB naquele momento. Ver mais sobre, em: Voz operária, Manifesto de Agosto. Rio de Janeiro, 5 de agosto de 1950.

¹¹¹ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 142

¹¹² MÁXIMO, João. Op. cit., 56

¹¹³ FILHO, Dinarco Reis. PCB – Uma história de luta

Entre esses homens estava João Saldanha, já tendo feito diversas missões e organizado passeatas para o partido de perder a conta, no entanto, era provável que muitos dos que tiveram contato com Saldanha na Guerrilha de Porecatu, não soubessem que aquele sujeito carregava certa quilometragem em lutas pelo partido e que depois se tornaria o conhecido técnico de futebol e comentarista esportivo. Por mais que muitos posseiros já fossem membros do PCB e alguns já tenham tido contato com as Ligas Camponesas, poucos deviam realmente saber da experiência de Saldanha, visto que João teria que chegar, é claro, como clandestino. Provavelmente só o Comitê Central do PCB que o enviou e alguns líderes dos posseiros tinham realmente noção de sua presença. João carregava documentos falsos que davam o disfarce de um repórter do jornal paulista “Hoje” e que deviam constar o nome de João Santana, João Souza ou ainda José Ribeiro, como vamos ver mais a frente¹¹⁴.

A comissão de auxílio aos posseiros do PCB fixou base em Londrina e a hipótese quanto ao conhecimento da presença de João surge do depoimento de um dos enviados do partido para a região que em toda a sua narrativa, que não cita nada com relação a João Saldanha. No livro “Lutas Camponesas no interior paulista: Memórias de Irineu Luís de Moraes” (também conhecido como Índio), o próprio Irineu conta a sua versão:

“Em meados de 1950 o partido decidiu me mandar para Londrina, Paraná. Já tinha acontecido luta lá e o partido chegou depois. O negócio era muito sério: problema de armas, tanto de um lado quanto do outro. Era luta séria, luta armada, onde as autoridades queriam tomar as terras dos camponeses. Brigaram e morreram muitos camponeses. Morreu gente deles também. Foi a primeira luta armada de camponeses que eu vi, uma luta mais ou menos organizada.

A luta principal ocorreu na região de Porecatu. Os camponeses não eram trabalhadores propriamente ditos, mas pequenos proprietários, pequenos sitiantes, que estavam em luta contra o grande latifundiário, Geremia Lunardelli. Ali, as reivindicações começaram espontaneamente. Os posseiros se apossaram daquelas terras e como o proprietário tinha a proteção do governo do Estado, inclusive dos militares, ele queria expulsar os posseiros. Nessa tentativa de expulsão, os posseiros se organizaram como ‘resistentes’ e foram à luta”¹¹⁵.

Irineu Luís ou Índio ainda se tornaria, se não uma referência, pelo menos conhecido nas lutas que o PCB ainda ia participar depois da Guerra de Porecatu. Apesar de estar no partido há mais tempo e ser cinco anos mais velho que João, tendo nascido em 1912, a luta de Índio sempre foi pelas cidades do interior paulista mobilizando os simples trabalhadores do campo e fábricas dessas cidades. O depoimento de Índio nos dá uma

¹¹⁴ VILLARINHO, Carlos Ferreira. Op. cit., p. 18

¹¹⁵ GERALDO, S. ; CLIFF, W. Lutas camponesas no interior paulista: memórias de Irineu Luís de Moraes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

noção do que significou a Guerra de Porecatu para o PCB naquele momento, no qual o partido recrutou alguns de seus principais militantes de algumas regiões para auxiliar os posseiros. O próprio Índio afirma em “A Luta Armada dos Posseiros”, nome do capítulo do seu livro que trata da Guerra de Porecatu, que sua ida ao Paraná se deu para cumprir determinações do Comitê Executivo do partido em São Paulo. Também nos permite perceber os diferentes núcleos de organização do partido de acordo com os setores que os enviava. Índio foi enviado pelo Comitê Executivo de São Paulo, João pelo Comitê Central, talvez seja por isso que dois símbolos dessa resistência que fixaram base na mesma cidade nem tenham se conhecido, ou tenham se conhecido sem saberem a identidade real do outro. Vale lembrar mais uma vez a questão da clandestinidade do PCB somada à tensão do conflito que com certeza fazia os envolvidos, como João e Índio, se precaverem bastante quanto às pessoas que iriam ter contato.

Ainda sobre o depoimento de Índio, há um momento em que ele comenta sobre Geremia Lunardelli, italiano que veio para o Brasil ainda durante a sua infância e junto com outros dois irmãos (Ricardo e Urbano Lunardelli) se destacou no comércio do café, passando inclusive pela Crise de 1929 sem sofrer grandes perdas, comparando com as imensas fortunas que outros cafeicultores perderam¹¹⁶. Geremia tinha numerosas propriedades em São Paulo, Paraná, sul do Mato Grosso (hoje Mato Grosso do Sul) e ainda em Goiás e até no Paraguai. Tinha tanta terra no Brasil, que foi o quinto e último a receber o título de “O Rei do Café”, um título informal, que começou a ser dado no Brasil no século XIX e início do século XX, ao maior empresário rural plantador de café de sua época. Os irmãos Lunardelli eram alguns dos beneficiados pelo governador Moisés Lupion, ou talvez os mais beneficiados, já que região “presenteada” pelo governador aos Lunardelli correspondia a uma área de 17 mil alqueires, já ocupadas pelos posseiros¹¹⁷. Os Lunardelli eram a expressão máxima das famílias elitistas do Paraná que se organizavam e perseguiram os posseiros.

Outra parte do depoimento de Índio destacado que devemos nos atentar é a seguinte: “Os camponeses não eram trabalhadores propriamente ditos, mas pequenos proprietários, pequenos sitiantes, que estavam em luta...” comentando um pouco sobre as condições de alguns dos posseiros. Na principal biografia de Saldanha, escrita por André Iki Siqueira, há uma grande entrevista, no capítulo em que o autor trata da

¹¹⁶ SILVA, Arlindo. Salve o Rei do Café. O Cruzeiro (revista), nº 24, vol. VI, 4 de agosto de 1950

¹¹⁷ FERREIRA, Jorge. A Guerra de Porecatu. O Cruzeiro (revista), nº 14, vol. VII, 14 de junho de 1951

participação de João Saldanha na Guerrilha de Porecatu, com o principal líder das cerca de 3 mil famílias de posseiros que viviam na região: Hilário Pinha. A condição de Hilário era diferente da imensa maioria envolta no conflito, podia se dizer que era um pequeno proprietário, como Índio sugere dos que estavam entre os posseiros resistentes, já que ocupava uma área maior que a dos outros camponeses tendo plantado 30 mil pés de café e criado trezentos bois e oitocentos porcos¹¹⁸. Segundo Hilário Pinha, a saída dos posseiros para o confronto foi inevitável:

“Nós reagimos. Não havia outra saída. Não era guerrilha. Reagimos como pudemos, com aquilo de que dispúnhamos: pás, enxadas, facões e armas de fogo. Foi uma luta desigual, em que se envolveram 2 mil pessoas, sendo que quinhentas de armas na mão”¹¹⁹.

Apesar de ser um jovem ainda, com 21 anos, Hilário começou a ser visto cada vez mais como um líder entre os posseiros resistentes, pois foi um dos primeiros a buscar auxílio em uma organização, de fato, dos camponeses. Já tratamos aqui como o PCB enxergava em Porecatu a chance de colocar em prática a teoria do partido de que uma luta iniciada no campo poderia ter como resultado final uma revolução, e que para isso faltava o contato inicial com os posseiros da região. No entanto, estes, também foram na direção do PCB para buscar auxílio na organização de sua luta e o primeiro a buscar esse contato foi justamente o jovem Hilário Pinha. Hilário, entrara para o PCB ainda em 1947 e não era o único de sua família, que também contava com seu tio como membro do partido. Foi com seu tio inclusive que Hilário fez uma viagem ao Rio de Janeiro, com o objetivo de deixar o deputado Pedro Pomar (PSP) ciente do que estava acontecendo na região paranaense. A procura por Pedro Pomar, apesar de não ser do PCB na época, se dá pelo fato do deputado ser bem próximo a diversos membros do partido, o que o levou a ser considerado algumas vezes como um representante “não-oficial” do PCB na Câmara Federal¹²⁰. De fato, Pedro Pomar tinha contato constante com o Comitê Central do PCB e foi assim que o partido decidiu levar a tal comissão para apoiar os posseiros e o Comitê Executivo do Paraná, o qual passou a ter entre seus dirigentes um enviado do Comitê Central: João Saldanha.

Na Guerra de Porecatu João foi um dos militantes que mais trabalhava e em diversas frentes. Começou como assistente político e foi se envolvendo cada vez mais devido ao fato de todos saberem que se tratava de alguém enviado pelo Comitê Central do Partido,

¹¹⁸ Folha de Londrina. Lembranças da guerra. Paraná, 23 de julho de 1985.

¹¹⁹ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 144

¹²⁰ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 144

o que o fazia ser bastante requisitado pelos que também se encontravam na luta, mesmo que desconhecessem sua identidade. Aos poucos além de orientar a luta dos camponeses passou a lhes ensinar técnicas de guerrilha e comunicação, e João tinha propriedade para ensinar isso, além dos inúmeros cursos que já havia feito em suas visitas a países do bloco comunista, tinha a própria experiência de sua militância¹²¹.

Não só seus estudos foram importantes na ajuda que deu aos posseiros, mas como já foi dito, a sua própria vivência. Um dos motivos que fortaleceram a escolha do Comitê Central para mandar João a Porecatu foi, por exemplo, a sua experiência por já ter trabalhado no cartório de seu pai, o que lhe rendeu algum conhecimento sobre as leis de propriedades de terras e sua assistência era fundamental em alguns documentos e escrituras que os posseiros lhe apresentavam com a esperança de terem alguma chance de um reconhecimento legal¹²².

Para sair da região ao sul do rio Paranapanema era complicado, ainda mais se no caso fosse um posseiro, dado o intenso controle policial nas estradas da região, portanto seria um risco muito grande Hilário ir até Londrina, encontrar João e ouvir suas orientações. Por isso, o partido achou melhor levar João até o local de concentração dos posseiros, com os tais documentos de jornalista, sempre acabava passando pelas barreiras policiais¹²³. Hilário lembraria das visitas de Saldanha à Vila Progresso, área com a maior concentração de camponeses:

“Eram reuniões de um dia para outro. Ele chegava à noite e realizava uma reunião. Depois havia churrasquinho, bate-papo, jogo de carta, um recreio. De dia, nova reunião, e aí davam no pé. Eram reuniões bem aproveitadas, em que se discutia até um pouco de teoria marxista e da guerrilha de Mao Tse Tung”¹²⁴.

O encontro de João com os posseiros passou a ganhar cada vez mais expectativas por parte destes que além de contar com suas orientações passaram a contar com o dinheiro do partido que chegava através dele, para ser usado na alimentação e no armamento dos posseiros resistentes. Como já foi dito, Saldanha foi se envolvendo cada vez mais com a Guerra de Porecatu: primeiro seria apenas um assistente político, então levou apenas suas ideias e repassou aos posseiros junto com a orientação recomendada pelo partido, depois, com o movimento precisando ser estruturado, passou a levar além de dinheiro,

¹²¹ MÁXIMO, João. Op. cit., p. 58

¹²² IDEM

¹²³ SIQUEIRA, André. Op. cit., p. 145

¹²⁴ Cf. p. 146

remédios, produtos de primeiros socorros e até um mimeógrafo, equipamento para produzir cópias, muito usado pelos jornais, principalmente clandestinos, de antigamente. O objetivo com o mimeógrafo era o de ensinar aos posseiros a produzir panfletos e para que João e outros líderes pudessem imprimir apostilas dos cursos que estavam sendo dados ali¹²⁵.

O partido via com bons olhos essa atenção que a sua comissão dava para as aulas desses cursos. Pois além de estruturar um combate efetivo contra as elites de uma determinada região, por meio desses cursos, o PCB estava estruturando a formação de quadros para a luta política na região, que dava sinais de que iria se arrastar devido ao acirramento da disputa pelas terras, por meio da conscientização política que estava promovendo nos posseiros. Armênio Guedes lembra com uma certa nostalgia esse trabalho de orientação política encabeçado por João:

“Punham os camponeses, em geral boias-frias, num caminhão e os levavam lá para um lugar alugado por eles, um sítio, onde davam os cursos. E isso teve realmente grande importância na formação de um núcleo de militantes. Foi um trabalho muito do João, em que ele foi imprescindível”¹²⁶.

Desse modo, João se tornou uma referência entre os envolvidos no conflito que tinham contato com ele, não importa se como João Souza ou Santana, e sim o significado que sua presença ganhou no movimento, mostrando uma motivação de militância e capacidade para driblar as dificuldades de se organizar um movimento que se levanta contra as elites e o Estado, em um lugar de difícil acesso com bloqueios policiais por todo o lado.

Hilário Pinha era o principal líder dos posseiros, João Saldanha, um dos principais da comissão que o PCB escalou. Além desse convívio que se deu por causa da luta, o fato de compartilharem alguns pensamentos acabou aproximando ainda mais os dois, que davam muito valor à luta política, mas que defendiam o uso das armas, ali, naquele caso específico de Porecatu. Hilário também iria reforçar a vontade de participação de Saldanha e o empenho com que se dedicava aos cursos:

“O Saldanha foi muito solidário, muito humano. Nos levava remédios e até alimentos. Também agia de forma bastante didática, explicando as coisas. Revelou muito

¹²⁵ VILLARINHO, Carlos Ferreira. Op. cit., p. 21

¹²⁶ SIQUEIRA, André. Op. cit., p. 147

equilíbrio, muito senso da realidade e muita valentia. Não era fácil chegar até nós, sem arriscar, e muito, a própria vida”¹²⁷.

As principais lideranças que o Comitê Central do PCB enviou à região ao sul do rio Paranapanema além de Saldanha, contavam com Gregório Bezerra, Celso Cabral de Melo e Pedro Pomar, que não era tão frequente quanto os seus colegas, pois o seu mandato continuava em vigor, mas que chegou a ir e presenciar o conflito de perto. Todos esses, além da experiência na militância já eram referência (João Saldanha estava se tornando uma naquele momento) na luta política, reconhecidos dentro e fora do PCB. Gregório Bezerra que já havia organizado ligas camponesas¹²⁸ concentrou suas ações para a organização dos camponeses mais uma vez. Celso Cabral de Melo, que ficou conhecido entre os posseiros resistentes como “capitão Carlos”, chegara para auxiliar nas estratégias de conflito. Celso Cabral era um ex-militar da Marinha, que teria sido enviado por ser alguém de confiança de Luis Carlos Prestes e não por determinações do Comitê Central em si¹²⁹.

Era um dos que defendia uma luta armada radical, ofensiva, na região, enquanto que Saldanha e Hilário Pinha acreditavam, como já foi falado, em uma luta armada porque era necessária para os posseiros defenderem seus direitos. Portanto, uma luta armada sim, mas comedida. Foi assim, com divergências, mas contando com referências de peso, que o PCB passou a liderar as ações tomadas pelos posseiros resistentes. A resistência passou a ser um pouco mais ofensiva até o final de 1950, não somente por causa das ideias do “capitão Carlos”, mas pela situação de abuso, prejuízo e abandono que as famílias de posseiros se encontravam cada vez mais. Se evitava um ataque inicial, a resistência passou a incomodar mais como resposta à repressão que só aumentara durante o ano de 1950. A ocupação de estradas, impedindo o trânsito passou a ser uma das estratégias e em uma dessas ocupações, na estrada entre Porecatu e Jaguapitã (outra cidade envolvida no conflito) o governo foi pressionado a negociar com os posseiros, que prometeu legalizar algumas terras ocupadas, o que não se cumpriu, fazendo com que o ódio dos posseiros se renovasse mais uma vez pelo governador Moises Lupion, já no final de seu mandato¹³⁰. Esta promessa, na verdade se deu durante

¹²⁷ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 147-148

¹²⁸ FILHO, Dinarco Reis. PCB – Uma história de luta.

¹²⁹ IDEM

¹³⁰ FERREIRA, Jorge. A Guerra de Porecatu. Op cit.

a campanha eleitoral de 1950, na qual o governador tentava eleger o seu sucessor, ao mesmo tempo que buscava o silêncio dos posseiros resistentes¹³¹.

Após essa renovação no ódio de um conflito já bastante acirrado, o PCB, percebendo a visibilidade que o confronto podia ter e que o governo não trabalhava para solucioná-lo, decidiu enviar matérias para os grandes jornais para tentar atrair a imprensa para o local. Esta missão, é claro, coube a João Saldanha que já tinha diversos contatos na área jornalística¹³². Para essa função João ganhara o apoio de Raul Azêdo Neto, da Imprensa Popular, enviado pelo PCB justamente com esse propósito¹³³. João continuava se dividindo, mas durante o tempo em que esteve em Porecatu não deixou, de forma alguma, de ministrar seus cursos de guerrilha e educação política para os posseiros resistentes, independente do trabalho extra que viesse.

Se os posseiros resistentes se uniram sob a liderança do PCB, os grandes fazendeiros, representantes da elite local, também se organizavam cada vez mais para o confronto. Na liderança, Geremia Lunardelli e seus irmãos, que montavam milícias a partir da contratação de jagunços locais e também de cidades vizinhas. Os fazendeiros de outras regiões se solidarizaram com os de Porecatu, e além de fornecer recursos para a contratação desses jagunços, também os fornecia diretamente¹³⁴.

O objetivo de atrair mais a imprensa para a região conflagrada até que deu certo, talvez não totalmente da maneira que o partido pretendia. Uma das revistas com grande venda de exemplares na época que resolveu cobrir a Guerra de Porecatu, “O Cruzeiro”, apresentou uma forma de abordagem tendenciosa, a favor dos fazendeiros que representavam a elite paranaense. A revista realizou três grandes matérias tratando do tema entre 1950 e 1951, e sobretudo, na primeira, colocou os posseiros, sob a orientação comunista como culpados pelos conflitos, além de uma acusação ou outra de negligência do governo do Paraná. A posição que a revista tomaria para contar a história dos conflitos em Porecatu dá para perceber desde junho de 1950, quando a revista faz uma matéria com o próprio Geremia Lunardelli exaltando a sua figura. Sob o título de “Salve o Rei do Café”, a matéria se dá em torno de seus futuros investimentos, o

¹³¹ IDEM

¹³² SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 149

¹³³ IDEM

¹³⁴ VILLARINHO, Carlos Ferreira. Op. cit., p. 21

tamanho de suas propriedades e o quanto de pés de café cada uma possuía (no Paraná eram 6 milhões; em São Paulo 4 milhões e 250 mil; em Goiás 1 milhão e 250mil)¹³⁵.

Na primeira matéria sobre o conflito, de dezembro de 1950, a revista já denomina a luta pela posse legal das terras de rebelião (“Rebelião no Paraná” é o nome da matéria), e no subtítulo faz a seguinte colocação: “Na luta pela posse de glebas férteis, o sangue está correndo em Porecatu, uma cidade ameaçada por um bando de rebeldes orientados por elementos comunistas”. Segundo a matéria, no lado dos que ocupavam as terras não estavam somente “trabalhadores rurais simples, bons e de boa fê”, mas também se encontrariam entre estes, em igual ou maior número, “aproveitadores, aventureiros, foragidos de cadeias, gente de origem e identidade completamente desconhecidas”¹³⁶, deslegitimando reivindicações de 3 mil famílias.

Depois de fazer os ataques iniciais à luta dos posseiros resistentes a matéria sai em defesa da família Lunardelli. Após explicar uma negociação na qual, Ricardo Lunardelli teria comprado 15 mil alqueires com o “propósito de vendê-los a gente da zona araraquense e a pequenos sitiantes”, o trecho a seguir cita os Lunardelli com uma imensa capacidade de benevolência e negociação. Vale a pena conferir na íntegra:

“O senhor Ricardo Lunardelli e seus filhos João e Urano, homens pacíficos, honestos e desprendidos, não abandonaram seus compradores também prejudicados pelos intrusos. Apelaram para a justiça, requerendo ações de despejo dos ocupantes ilegais, entretanto, impediu a execução dessas ações. Para evitar sangueiras, conflitos e aborrecimentos, os Lunardelli resolveram o problema indenizando todos os intrusos, para que estes desocupassem as propriedades. Resultado: o lucro conseguido na venda dessas glebas foram gastos em indenizações...”¹³⁷.

O artigo narra mais uma dessas histórias em que os fazendeiros teriam procurado negociar com os posseiros, mas estes agindo de acordo com orientação dos comunistas teriam reagido com violência. Esse segundo caso narrado, ficaria marcado por dois motivos: por ser entendido como o primeiro grande combate com mortos e feridos, e entre essas mortes estaria o segundo motivo, o assassinato de um menino de quinze anos.

O enredo da história seria o seguinte: Antônio Ângelo era um fazendeiro que tinha sua propriedade ocupada por um grupo de posseiros, que segundo a matéria, seriam liderados por Francisco Figueiredo, também chamado de “Quiabo”. O fazendeiro

¹³⁵ SILVA, Arlindo. Salve o Rei do Café. Op. cit.

¹³⁶ LEAL, José. ‘Rebelião no Paraná. O Cruzeiro (revista). Op cit.

¹³⁷ IDEM

decidindo que a melhor saída seria a oferta de uma indenização, enviou um empregado para negociar com Francisco Figueiredo e acabaria assassinado por este. Quando a polícia chegou, encontrou um menino, Benedito dos Santos, de quinze anos, que seria empregado de Figueiredo e teria assistido tudo. Assim a polícia intimou-o a mostrar o esconderijo de alguns líderes dos posseiros, principalmente dos irmãos Cristóvão e Francisco Figueiredo. No entanto, durante a caminhada para o esconderijo, os policiais foram surpreendidos por um grupo dos posseiros. O saldo do confronto foi a morte de cinco posseiros, incluindo o jovem Benedito, que estava como guia e quatro policiais feridos¹³⁸.

Após relatar esse caso, em que os posseiros claramente saíram prejudicados, a matéria lembra as vantagens dos mesmos, uma forma de reafirmar a eficiência policial, colocando os comunistas como assassinos de Benedito, apoiando a atitude da polícia de fazê-lo de guia em uma área de confronto.

Após essa primeira matéria analisada neste trabalho, as que seguiram abordando o tema passaram a ter um tom mais moderado na defesa dos latifundiários, no entanto, o motivo do conflito sempre seria a negligência do Estado somada à invasão ilegal dos posseiros orientados por perigosos elementos comunistas. Nessa época, o comunismo, propagado pela maioria dos meios de comunicação, assustava a população, em geral. Então, era mais uma maneira de legitimar a causa dos fazendeiros, que por meio de seus aliados na imprensa também pressionavam o governo para atender as suas reivindicações.

Em nenhuma dessas matérias há menção às milícias formadas pelos fazendeiros, que contavam inclusive com policiais, para perseguir os posseiros. Estes sim, teriam montados grupos armados, simplesmente para invadir terras que lhes foram prometidas pelo governo, mas que não eram propriedades legais desses invasores. Nesse momento vale retomar as memórias de Índio (Irineu Luís de Moraes, enviado pelo Comitê Executivo de São Paulo para auxiliar na resistência em Porecatu), pois há muitas semelhanças entre o seu relato e o de João Saldanha sobre o período de maior acirramento e o final do conflito. Segundo João, o auge do confronto se deu no seguinte momento:

¹³⁸ IDEM

“Celestino, chefe dos jagunços, pegou um dos nossos, amarrou o homem com arame farpado num cruzeiro, matou, tirou fotos e distribuiu por todos os lados, com o aviso: ‘É isso o que acontecerá a todos vocês’. Os camponeses foram à forra. Descobriram que Celestino tinha uma mulher na cidade de Apucarana e ficaram à espera do melhor momento para pegá-lo. Quando Celestino saiu montado com um menino na garupa, Martinzão, um nordestino do grupo de João, mandou bala. Dois tiros de rifle. O cavalo caiu, o guri fugiu, e Celestino era nosso. Levamos o homem num furgão até o cruzeiro que separa Porecatu de Centenário (Centenário do Sul, cidade vizinha de Porecatu, também envolvida no conflito). Nós o amarramos como ele tinha feito com o nosso companheiro e escrevemos: ‘Morte aos jagunços’”¹³⁹.

Com bem menos detalhes, Índio narra o episódio da seguinte forma:

“Eu estava em Londrina na ocasião em que os camponeses fizeram justiça com o chefe dos capangas. O nome dele não me lembro. Ele era camponês e estava ligado à fazenda. Corria toda a região e sabia onde morava os trabalhadores e resistentes, ou seja, os posseiros que se organizaram para resistir contra a expulsão daquelas terras. Eles viviam no mato e um dia a turma resolveu fazer o linchamento do chefe dos capangas do fazendeiro – e conseguiram. Fizeram um fuzilamento à noite. Deram vinte e um tiros nele. Pegaram aquele jagunço e mataram o desgraçado”¹⁴⁰.

A partir desse episódio, que simbolizou uma reação efetiva dos posseiros resistentes contra a arbitrariedade da polícia e dos jagunços, o que predominou em Porecatu foi o clima de tensão. Ao invés de confrontos entre as partes envolvidas, tinha-se constantemente apenas a ameaça desses confrontos¹⁴¹. A situação permaneceu até momentos após a posse de Bento Munhoz da Rocha, eleito governador do Paraná ainda em 1951, que entrou propondo uma negociação, decretando a desapropriação das terras envolvidas no conflito e uma criação de uma comissão para realocar os posseiros. O movimento dos posseiros, que nesse momento já era liderado completamente pelo PCB, desconfiado, por não ter as promessas atendidas pelos governos anteriores enviou uma contra proposta em que as principais reivindicações tratavam de indenizações causadas pela perseguição da polícia e dos jagunços e a anulação dos processos contra os posseiros que estivessem presos¹⁴².

A negativa do novo governador abriu um novo período de caça aos posseiros resistentes, que dessa vez não conseguiram se organizar a tempo de enfrentar as forças de segurança do Estado. Mais uma vez o movimento ficou dividido entre um enfrentamento direto e a saída negociada. A divisão que já havia acontecido em outro momento, mas que fora solucionada por uma medida que agradou ambos os lados (a

¹³⁹ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 151

¹⁴⁰ GERALDO, S. ; WELCH, C. Op cit., p. 121-122

¹⁴¹ PEREIRA, Alceu. Reina a paz em Porecatu. O Cruzeiro (revista), nº 25, vol. VIII, 3 de agosto de 1951

¹⁴² SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 152

ocupação de estradas) não seria possível novamente, pois o governador Bento Munhoz havia mobilizado quase que totalmente a polícia do seu Estado para o conflito em Porecatu, contando com reforços da Marinha e do Exército¹⁴³.

Celso Cabral permaneceu firme na sua posição e propôs uma nova forma de ataque: assaltos a bancos. Esta medida acabou sendo entendida como muito radical entre os posseiros que lutavam apenas para morar e trabalhar em terras que seriam suas de direito. A própria liderança dos posseiros, Hilário Pinha, rechaçou de imediato essa ideia¹⁴⁴. Além dele, as próprias lideranças do PCB no movimento (Gregório Bezerra, João Saldanha e Pedro Pomar) também foram contra¹⁴⁵. No entanto, Celso Cabral, era enviado de Prestes e sua primeira ideia para incomodar o governo havia dado certo, o que lhe demandava algum prestígio dentro do movimento, fazendo com o que um impasse sobre qual posicionamento adotar pairasse sobre o movimento, travando a adoção de novas medidas em meio a mais um momento bastante tenso.

Com o movimento “parado” e as operações da polícia acontecendo com cada vez mais frequência em todo o norte do Paraná, muitos posseiros e militantes do PCB acabariam fugindo, fazendo a resistência perder adesão. E foi em uma dessas operações que a polícia prendeu o “capitão Carlos” (Celso Cabral). Após sua prisão, a caça ao movimento se intensificou ainda mais e a estrutura da organização do movimento se desmontava a cada dia. Segundo os relatos de muitos envolvidos no conflito de Porecatu, Celso Cabral havia entregado todos os “aparelhos” (locais que serviam de base) do partido e as lideranças do movimento, tanto dos posseiros quanto do partido¹⁴⁶.

Muito tempo depois do conflito, em 1985, João Saldanha afirmaria para o periódico Folha de Londrina, que produziu uma longa matéria sobre o conflito:

“A vinda do Celso Cabral de Mello foi uma ingerência ruim, por ter desviado a conotação do movimento armado. Ele veio brigar pelo poder. Mas veio brigar sem um “front”, e, mesmo que abrisse um front, seria massacrado. Quando o Celso propôs o assalto a banco, ficamos ainda mais ressabiados com o sujeito, porque naquele momento não havia mais necessidade de dinheiro para nada”¹⁴⁷.

¹⁴³ Cf. PEREIRA, Alceu. Reina a paz em Porecatu. O Cruzeiro (revista).

¹⁴⁴ Cf. Folha de Londrina, 23 de julho de 1985

¹⁴⁵ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 152

¹⁴⁶ Folha de Londrina. Revolta e traição, 23 de julho de 1985

¹⁴⁷ Folha de Londrina. João Saldanha, 23 de julho de 1985

Irineu Luís de Moraes também reclamaria da postura de Celso Cabral no movimento:

“Entre os posseiros resistentes tinha um sargento ou qualquer coisa da Marinha que o partido tinha mandado para lá. Esse elemento, muito liberal para uma situação daquela, acabou sendo preso em Londrina. Ele ia a Londrina, frequentava os bares, certos ambientes que não eram para ele, como responsável por um movimento sério. Ele tinha que ficar na casa dos companheiros. Nessa prisão a polícia ameaçou jogá-lo no rio Paraná, mas ele teve medo e contou tudo. Eu estava em contato com ele e com os camponeses quando ele fez denúncias de montão. Houve um “fecha” lá. A polícia começou a prender gente em Londrina a três por quatro, inclusive os intelectuais. Nós tínhamos gente boa em Londrina, da classe média, como advogados, médicos. Tinha uma turma muito boa, muito esforçada, que ajudava muito, não só economicamente como até fisicamente mesmo: iam com a gente para o campo. Mas nessa perseguição houve prisão em toda a cidade de Londrina: fecharam a cidade e prenderam muitos”¹⁴⁸.

Apesar desse revés final contra o movimento dos camponeses, Hilário Pinha, considera que o movimento saiu vitorioso, assim como Saldanha. O mesmo governo que promoveu a repressão que acabou com a resistência em semanas também criou, de fato, a comissão que avaliaria a distribuição de lotes para os posseiros resistentes, que foram realocados em outras cidades, mas com todas as famílias que saíram da região conflagrada com direito a terra¹⁴⁹. Na já citada entrevista de Hilário Pinha, ao lembrar o fim do conflito, percebe-se um tom orgulhoso:

“Saímos vitoriosos. Ficamos sem a terra no lugar em que estávamos, mas todas aquelas famílias receberam seu lote e um pouco de dinheiro, muito pouco, para as chamadas benfeitorias. O governo pagou a viagem de caminhão para fazer a mudança e forneceu uma ajudazinha que deu para fazer o rancho na nova moradia, tanto que todos os meus tios e primos são hoje pequenos fazendeiros que, naquela época, pegaram terra ali”¹⁵⁰.

O próprio Hilário Pinha recebeu 150 hectares de terra em Paranavaí, mesmo sendo condenado a vinte anos de prisão por articulação de guerrilha contra o Estado¹⁵¹. A Guerra de Porecatu, só acabaria para ele com a sua chegada a São Paulo, fugindo da polícia do Paraná. A sua fuga, chegada e instalação na capital paulista foram planejadas pelo seu companheiro de luta, João Saldanha, que também voltava a São Paulo após missão cumprida na “Coréia paranaense”, nome pelo qual ficou conhecida a Guerra de Porecatu.

¹⁴⁸ GERALDO, S. ; WELCH, C. Op cit., p. 122

¹⁴⁹ PEREIRA, Alceu. Reina a paz em Porecatu. O Cruzeiro (revista). Op. cit.

¹⁵⁰ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 154

¹⁵¹ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 155

- A Greve dos 300 mil

O próximo episódio de militância política de João Saldanha a ser estudado se deu em São Paulo, cidade que Saldanha já havia atuado pelo PCB no final dos 1940. O episódio conhecido como a “Greve dos 300 mil” talvez tenha sido um dos movimentos grevistas mais conhecidos, e por isso se tornou uma referência, no Brasil no século XX. Essa suposição é baseada no volume de grevistas que aderiram de maneira muito rápida ao movimento (a greve durou pouco menos de um mês), na quantidade de passeatas com grandes públicos, no atendimento de reivindicações dos operários ao governo, e a evidente união da classe trabalhadora, em geral, que foi o maior trunfo para todos esses pontos e o sucesso da greve.

Na capital da paulista o PCB continuava mobilizado nas ruas sob as mesmas bandeiras da última passagem de João pela cidade: pela legalidade do PCB e a favor do monopólio estatal do Petróleo. Alguns estudos apontam que em 1952 as passeatas que reivindicavam tais pautas já contavam com um grande número de pessoas. A maioria teria sido organizada pelo PCB que contavam com a mobilização dos trabalhadores, o que pode ter preparado o clima para uma mobilização de proporções muito maiores no ano seguinte.

Depois de ter atuado em Porecatu, João teria ficado dividido sobre onde se fixar e decidiu por São Paulo devido ao fato de ainda ser considerado um foragido por causa do episódio da UNE, em 1947¹⁵². O PCB além de apoiá-lo teria orientado Saldanha a se instalar em São Paulo e continuar na luta pelo partido na clandestinidade e continuou usando codinomes, como João Souza, ou simplesmente sendo chamado de “esportista”¹⁵³. Já na capital paulista bem no início de 1953, e com indicação do Comitê Central, foi convidado para atuar no Comitê Regional paulista do partido, com uma missão que acabaria tendo uma profunda importância no movimento que ainda iria ocorrer no mesmo ano, se tornando um dos principais elos entre os líderes sindicais e o partido¹⁵⁴.

¹⁵² MÁXIMO, João. Op. cit., p. 65. Saldanha teria ficado pouco tempo no Rio de Janeiro e chegou em São Paulo em 1952, voltando a atuar na campanha “O Petróleo é Nosso”, contra o envio de soldados brasileiros à Coreia e contra a fabricação de armas nucleares.

¹⁵³ Este apelido era usado mais comumente quando a comissão do PCB envolvida na greve se reunia na casa de Antônio Chamorro, do qual ainda falaremos.

SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., 165.

¹⁵⁴ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., 169

Apesar de tentar cada vez mais adesão entre diversos sindicatos por meio do contato com seus líderes, foi do Sindicato dos Têxteis que João Saldanha mais se aproximou, e talvez por ter uma forte influência do PCB, foi o setor com mais adesões durante toda a greve, junto com os metalúrgicos¹⁵⁵. O próprio sindicato era liderado por um dirigente famoso do PCB de São Paulo, o jornalista espanhol Antônio Chamorro, também conhecido como Chá¹⁵⁶. João e Chamorro, portanto, eram integrantes de mais uma dessas comissões que o partido montava e enviava para uma determinada localidade, como fizera no norte paranaense, com o objetivo de manter seu poder de mobilização nas ruas ainda nos tempos de clandestinidade. Esta comissão tinha nomes como: Carlos Marighella, que no momento ocupava o cargo de primeiro-secretário do partido na Baixada Santista, na capital e região metropolitana, até campinas, quase que o cargo máximo do partido no Estado¹⁵⁷; João Amazonas e Diógenes Arruda, ambos dirigentes do Comitê Central¹⁵⁸; Pedro Pomar, considerado deputado não declarado do PCB; e Clara Charf, esposa de Marighella e coordenadora do PCB no movimento feminino paulista¹⁵⁹.

Antes da greve houve uma manifestação que ficou conhecida como a Passeata da Panela Vazia, que ocorreu em 18 de março, na tarde de uma quarta-feira, onde um número desconhecido de operários de diversos setores, porém acredita-se que tratavam-se de milhares, sobretudo metalúrgicos e tecelões, foram até a sede do governo paulista, o Palácio Campo Elíseos, e fizeram algumas das reivindicações que iriam unir a classe trabalhadora em meio às divergências específicas de cada setor que dificultavam um movimento de paralisação geral e protestaram por salários maiores, redução dos preços dos alimentos e o fim do racionamento da light no Estado, que freava a produção e ampliava o desemprego¹⁶⁰.

A principal reivindicação da greve que começou a se formar na Passeata da Panela Vazia era um aumento significativo do salário, uma vez que o último momento que o salário mínimo recebeu um aumento foi em 1943 (de apenas 14%), e nos anos 1951 e 1952, a inflação e o custo de vida subiram de maneira mais assustadora que nos anos

¹⁵⁵ MAGALHÃES, Mário. Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo. São Paulo: Companhia das Letras, p. 201

¹⁵⁶ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., 164

¹⁵⁷ MAGALHÃES, Mário. Op. cit., p. 203

¹⁵⁸ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., 169

¹⁵⁹ MAGALHÃES, Mário. Op. cit., p. 201

¹⁶⁰ FILHO, Dinarco Reis. PCB – Uma história de luta

anteriores (calcula-se que com o acúmulo de aumentos em todos esses anos o custo de vida tenha subido mais de 100%)¹⁶¹, que resultou claramente em uma perda enorme do poder de compra. A chegada ao consenso das reivindicações foi o que começou a desenhar o movimento e também mostrar sua força, uma vez que não foi fácil chegar a um denominador comum para todos os setores operários. A greve pode ter sido iniciada pelo sindicato têxtil, mas só iria ter o volume de adesões que teve a partir de negociações com outros setores, que também tinham suas reivindicações específicas, por isso a importância de se construir uma intersecção de interesses entre as classes trabalhadoras. Feito isso, foram aderindo metalúrgicos, vidreiros, carpinteiros, marceneiros e gráficos¹⁶².

Outro fato que merece destaque na formação de um movimento grevista como esse de grande impacto é o resultado de uma iniciativa de uma categoria formada majoritariamente por mulheres, o que não era muito comum, mesmo com tantos movimentos feitos pelo PCB. Tanto Mário Magalhães (um dos biógrafos de Carlos Marighella), quanto André Iki Siqueira (um dos biógrafos de Saldanha) atentam para esse detalhe em suas obras. Mário Magalhães inclusive conta que Clara Charf teria comentado com Marighella sobre o comportamento machista de alguns maridos integrantes do partido casados com companheiras de militância de Clara. Entre as principais queixas estava a exclusão delas de decisões regionais do partido¹⁶³. O PCB próximo do setor têxtil, formado majoritariamente por mulheres, junto com essa necessidade relatada por Mário Magalhães de uma vontade de iniciativa do movimento feminino dentro do próprio partido também deve ser considerada como um dos fatores embrionários que motivaram a Greve dos 300 mil.

O movimento com intenção de uma paralisação geral dos trabalhadores no Estado de São Paulo começaria, de fato, segundo diversos relatos uma semana depois da Passeata da Panela Vazia (25 de março) e por iniciativa do sindicato têxtil que entrara em greve por 60% de aumento¹⁶⁴. A grande greve começou mostrando que pretendia atingir uma mobilização significativa e já nesse primeiro dia fábricas de tecidos foram bloqueadas por piquetes de operários, que impediam a entrada de quem pretendesse

¹⁶¹ GOMES, Angela de Castro. Trabalhadores, movimento sindical e greve. CPDOC. Fundação Getúlio Vargas, 2011.

¹⁶² MAGALHÃES, Mário. Op. cit., p. 208

¹⁶³ Cf. p. 201

¹⁶⁴ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 164
MAGALHÃES, Mário. Op cit., 208

“furar a greve” e tentavam conseguir mais adesão ao movimento. No dia seguinte, os metalúrgicos se juntaram a eles por oitocentos cruzeiros a mais por mês e outros setores aderiram até o final do mesmo dia¹⁶⁵. Nota-se que nesse primeiro momento os sindicatos que serviram de base para a idealização e prática da greve ainda tinham suas reivindicações próprias. O amálgama de interesses só iria surgir a partir de negociações com outros sindicatos que foram se juntando ao movimento durante o mês em que a greve durou.

João nesse momento inicial da greve atuou na propaganda e mobilização dos trabalhadores, papel também exercido por outros membros do PCB que se encontravam nos sindicatos¹⁶⁶. Precisando de um volume nas adesões ao movimento os grevistas foram em busca de mais trabalhadores realizando mais piquetes nas fábricas não paralisadas, que ainda eram a maioria na primeira semana da greve. Os grevistas assim como o número dos operários que realizavam os piquetes aumentaram a cada dia nessa primeira semana e com a greve cada vez mais em evidência a repressão começou a agir por meio de agressões e prisões. Entretanto, a possibilidade de atingir as reivindicações, ou chegar próximo disso, se tornaram mais reais a partir da paralisação de outras grandes empresas, como a da cervejaria Brahma, dos transportes urbanos, que fez São Paulo ficar inclusive sem transporte público¹⁶⁷.

A importância da rápida e total adesão dos tecelões foi de fundamental importância, pois além de serem orientados por uma comissão do PCB que determinava a maneira que a paralisação ia se dar, também se tratava do maior segmento da indústria de São Paulo na época¹⁶⁸, resultando em uma notoriedade imediata que se mostrou muito eficiente. Os contatos mais frequentes de João durante a greve foram feitos com Carlos Marighella, que lhe passava as ideias do Comitê Central e com as tecelãs do sindicato, que recebiam suas orientações de como fazer os piquetes. Com o crescimento da greve, Saldanha mais uma vez ampliou sua participação e passou também a organizar assembleias e comícios que aconteciam durante a greve para decidir como seria o futuro do movimento¹⁶⁹. Por causa dessa proximidade com as tecelãs, Saldanha foi visto com desconfiança por alguns sindicalistas. Segundo Ignez Augusta dos Santos, militante do

¹⁶⁵ MAGALHÃES, Mário. Op cit., 208

¹⁶⁶ Cf. p. 210

¹⁶⁷ Cf. p. 208-209

¹⁶⁸ Cf. p. 208

¹⁶⁹ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., 169

PCB e diretora do Sindicato dos Tecelões em 1953, os sindicalistas que não conheciam “Souza” estranhavam essa proximidade e “perguntavam: ‘escuta, porque é que você não diz para aquele senhor lá vir falar? Por que é que ele conversa com vocês e não fala ao microfone?’ Não sabiam que João não podia aparecer muito, que ele estava quase totalmente clandestino”¹⁷⁰.

As divergências iam aparecendo desde o início da greve, começando com a questão das reivindicações e depois com a maneira que a greve seria conduzida. Existiam duas formas de se fazer piquetes na Greve dos 300 mil: uma que seguia o padrão de uma manifestação trabalhista tradicional, com estandartes, faixas e músicas e outra mais ofensiva, que se fazia pressão quando era preciso para impedir o acesso dos “fura-greves” ao trabalho. Cada tipo de piquete tinha seu momento e ocasião. A primeira forma se dava quando a fábrica já estava dominada, com a maioria de seus funcionários aderindo à greve, portanto, deduz-se que se tornou mais comum após a primeira semana, quando sessenta empresas e 70 mil operários haviam parado, atingindo um número satisfatório no início da greve¹⁷¹. A segunda maneira de se fazer um piquete se deu mais comumente justamente nessa primeira semana, onde a greve precisava de trabalhadores que aderissem à greve para que se atingisse um número notório para fortalecer o movimento rapidamente. Saldanha optava pelo piquete “mais tradicional”, orientando as tecelãs sobre como conseguir mais adesões à greve e ainda buscando assinaturas contra o acordo militar entre Brasil e Estados Unidos que formalizava o envio de tropas militares brasileiras para a Guerra da Coreia¹⁷².

À medida que aumentavam o número de fábricas e empresas paradas, também aumentava a repressão policial ao movimento grevista, o que resultou em mais uma divergência entre os envolvidos na paralisação e estabeleceu-se uma divisão entre os operários, que sofriam agressões, prisões e perseguições em cada passeata e temendo por mais humilhações pretendiam rever a organização das mesmas por entenderem que a polícia estava se sentindo provocada com essas manifestações, e o PCB que se colocava a favor da continuação das passeatas para tentar forçar o recuo do adversário, mesmo com a violência aumentando durante a greve e alguns operários se organizando

¹⁷⁰ Cf. p. 163

¹⁷¹ MAGALHÃES, Mário. Op. cit., p. 208

¹⁷² SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 166

para os confrontos com a polícia¹⁷³. A visão do partido prevaleceu, Saldanha se manteve com seus companheiros, com a ressalva de que os operários também tivessem autonomia. Assim como em Porecatu, Saldanha mesmo cumprindo todas as tarefas que o partido lhe dava, guardava algumas críticas quanto à condução da greve, e lembraria: “como dizia o Marighella, uma parte estava na frente, exposta. Esses éramos eu e outros companheiros, dirigentes sindicais. E havia a direção do partido, que estava na clandestinidade”¹⁷⁴. Ou seja, a direção do partido que estava na clandestinidade, recomendava a Saldanha, que também se encontrava na mesma situação, e outros companheiros, a orientarem os operários para que continuassem indo para as passeatas mesmo com a repressão policial aumentando.

Um dos líderes sindicais que na época era portuário de Santos e dirigente do comitê local pecebista, Geraldo Rodrigues dos Santos recorda a importância de João Saldanha e Carlos Marighella na Greve dos 300 mil. Sobre Saldanha diria o seguinte:

“O João teve um papel importante, porque era ele quem passava aos dirigentes do partido as propostas dos patrões. E era ele quem levava as propostas do governo do Estado às lideranças sindicais. Com aquele jeito dele, cativava todo o mundo. Todos os dirigentes sindicais gostavam muito dele, de modo que lhe ficava fácil dirigir o processo grevista”¹⁷⁵.

Sobre Marighella, Geraldo dos Santos é bem mais objetivo: “Marighella foi o comandante da greve”¹⁷⁶. Jacob Gorender, historiador, que também teve sua importância na greve, até porque ocupava um cargo importante, como o de secretário de agitação e propaganda do partido, para uma manifestação que pretendia alcançar uma mobilização tão grande como a Greve dos 300mil, sobre a atuação de Marighella no movimento grevista também é bastante direto: “Quem dirigiu a greve foi o PCB; por conseguinte, Marighella”¹⁷⁷.

A relação de João com o jornalista espanhol Antônio Chamorro transcendia as orientações que Saldanha recebia de Marighella e Amazonas e repassava-as ao sindicato. A participação de Chamorro também se dava em vários aspectos: além de receber as instruções de João, Chamorro também se tornou o coordenador de uma comissão técnica, sugerida pelo PCB para que fosse criada dentro de cada setor sindical

¹⁷³ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., 169

¹⁷⁴ MAGALHÃES, Mário. Op. cit., p. 210

¹⁷⁵ SIQUEIRA, André. Op. cit., p. 160

¹⁷⁶ IDEM

¹⁷⁷ IDEM

a fim de organizar melhor suas reivindicações¹⁷⁸. Cada comissão tinha de 25 a 30 integrantes, onde cada uma analisava aspectos diversos que pudessem ser levados para a greve. A comissão técnica da qual Chamorro era coordenador foi a dos salários dos trabalhadores têxteis, que na parte final da greve, num momento em que as negociações entre os sindicatos e o governo se intensificaram, iria assumir um papel de centralidade, do qual falaremos logo mais¹⁷⁹.

Chamorro ainda tinha a função de imprimir o antigo jornal Hoje, que depois mudaria de nome para Notícias de Hoje, com a ajuda de Saldanha e Jacob Gorender que comentavam as ideias do partido para o jornal e auxiliavam o jovem Chamorro, então com 23 anos ainda, na impressão e publicação do jornal que durante a greve se tornou uma espécie de boletim informativo diário do movimento grevista. O Hoje, que entre março e abril de 1953 dava prioridade à cobertura da grande greve informando quais setores estavam entrando em paralisação e como se dava a negociação com o governo Estadual, teve sua impressão quase que quintuplicada. O jornal que tinha uma humilde tiragem de 4 a 5 mil exemplares (as fontes divergem entre esses números), ao final da greve estava imprimindo 25 mil exemplares¹⁸⁰.

A dedicação dos militantes do PCB aliada à união da classe trabalhadora foram os principais motivos para o sucesso da greve, pois como podemos perceber, a comissão pecebista que dirigia a greve soube montar uma estrutura bem consolidada para que esses trabalhadores tivessem condições reais de lutar e tentar mudar a situação do rigoroso arroxo salarial que somado ao alto custo de vida piorava ainda mais a condição dos operários.

O governador de São Paulo, Lucas Nogueira Garcez, assim como os donos das fábricas e indústrias, percebendo que essa estrutura alcançou um grande poder de mobilização perceberam que o melhor a fazer seria negociar diretamente com os sindicatos, e foi o que fizeram. A última semana foi marcada por intensas negociações e tentativas de acordos definitivos, os trabalhadores queriam suas melhorias, os patrões, assim como o Estado não queriam mais prejuízos com as fábricas e a cidade de São Paulo totalmente paradas¹⁸¹. A união dos trabalhadores, característica tão marcante

¹⁷⁸ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 165-166

¹⁷⁹ Cf. p. 166

¹⁸⁰ MAGALHÃES, Mário. Op. cit., p. 211

¹⁸¹ MAGALHÃES, Mário. Op. cit., p. 209

nesse movimento grevista, se manteve até o final, com algumas exceções de líderes que incentivavam acordos em separado entre sindicatos e governo, mas que foram sufocados por uma maioria absoluta dos grevistas, que reivindicavam uma proposta geral, sem distinção de categoria¹⁸².

A negociação por uma proposta geral então começou com um diálogo entre empresários que propunham um aumento de 10% a 15% e o Tribunal Regional do Trabalho de São Paulo que contrapropôs com 23%¹⁸³. Nesse momento assume a centralidade da negociação o setor têxtil, sob a liderança de Antônio Chamorro, que em uma assembleia no hipódromo da Mooca, local de importantes reuniões durante a greve, expôs a necessidade de um aumento significativo no salário dos operários e fazendo um discurso com jornais e dados oficiais situou os trabalhadores do aumento do custo de vida de 173% desde 1945¹⁸⁴. Uma nova proposta foi feita, com 28%, e novamente os trabalhadores se negaram a aceitar. Somente em 17 de abril, em mais uma assembleia no hipódromo da Mooca, os trabalhadores aceitaram o aumento de 32% por votação¹⁸⁵. Apesar dessa insistência por uma proposta geral, essa solução teve como resultado efetivo um aumento que rendia de 600 a 700 cruzeiros para os metalúrgicos e de quatrocentos a quinhentos cruzeiros para as demais categorias¹⁸⁶. Em todas as pesquisas que fiz sobre a Greve dos 300 mil não achei uma explicação para esse rendimento diferenciado entre os diversos setores que acabou acontecendo no momento final de um movimento grevista que se pautou por um aumento de salário igualitário entre todas as classes trabalhadoras envolvidas na paralisação.

Houve ainda uma última divergência entre José Chediak, presidente do sindicato dos vidreiros e Antônio Chamorro. O primeiro era favorável que a sua classe não aguardasse os que foram presos durante a greve serem soltos para voltarem ao trabalho, enquanto Chamorro teria dado uma demonstração pública de repúdio quanto a essa ideia em uma assembleia e acabaria sendo ovacionado e apoiado por uma maioria absoluta. Feito o acordo entre trabalhadores, empresários e governo, a paralisação da greve agora dependia de um acerto entre o governo estadual e a Justiça para a liberação dos detidos que aconteceu em 23 de abril de 1953. Com os (as) companheiros (as) livres, o sindicato

¹⁸² IDEM

¹⁸³ IDEM

¹⁸⁴ IDEM

¹⁸⁵ IDEM

¹⁸⁶ IDEM

dos tecelões, com o maior número de presos (as) e ainda o maior segmento da indústria, junto com a comissão de greve, que também contava com alguns membros do sindicato têxtil, decretaram o fim da greve¹⁸⁷.

A Greve dos 300 mil teve sucesso não só no alcance de suas reivindicações como também na própria evolução de organização dos movimentos sindicais e na relação destes com o governo Vargas. A greve, além dos motivos já citados sobre a grave situação financeira dos trabalhadores, acontece também como uma forma de pressionar esse novo governo Vargas, eleito com uma promessa de melhorias para o setor trabalhista após a repressão do governo de Eurico Gaspar Dutra, o que aumentou a expectativa desses trabalhadores, que passados dois anos em que apenas o custo de vida subia, resultou em uma grande mobilização¹⁸⁸. Vargas em seu discurso de posse, no Estádio de São Januário afirma: “E para dizer que voltei a fim de defender os interesses mais legítimos do povo e promover as medidas indispensáveis ao bem-estar dos trabalhadores”.

Portanto, a Greve dos 300 mil pode ter sido impulsionada por uma questão momentânea de fazer os salários acompanharem a elevação dos preços, mas acabou sendo a expressão dos trabalhadores em geral com relação ao governo e de lembrá-lo a começar a realizar as promessas de sua campanha. A união dos diversos setores trabalhistas durante a greve e que no decorrer do seu processo deu origem ao Comando Intersindical de Greve resultou, após o término do movimento, na formação do Pacto de Unidade Intersindical (PUI), criado com o objetivo de dirigir as ações políticas e sindicais da classe operária no Estado de São Paulo¹⁸⁹. O PUI foi mais um dos movimentos políticos que, aproveitando a força que a classe trabalhadora ganhou pela greve, ajudou a pressionar Vargas a nomear um ministro do Trabalho que correspondesse às expectativas de um governo que se apresentou como trabalhista¹⁹⁰.

Em junho de 1953, tomava posse do Ministério do Trabalho, João Goulart, do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), partido próximo a Vargas, que também atuou com alguns de seus membros na Greve dos 300 mil, abrindo uma disputa de espaços com o

¹⁸⁷ MAGALHÃES, Mário. Op. cit., p. 209

¹⁸⁸ GOMES, Angela de Castro. Op. cit.

¹⁸⁹ IDEM

¹⁹⁰ KORNIS, Mônica. Pacto de Unidade Intersindical. In: KORNIS, M. Pacto de Unidade Intersindical

PCB no terreno sindical¹⁹¹. Goulart foi a representação de aproximação do terceiro governo Vargas com a classe trabalhadora com uma gestão marcada pela aproximação entre movimentos sindicais e o Ministério do Trabalho¹⁹², algo muito significativo para aquele tempo se avaliarmos a relação entre trabalhadores e os últimos governos federais. Em pouco tempo como ministro várias iniciativas importantes foram tomadas como consequência dessa aproximação entre sindicatos e governo, como: a extinção de um pedido prévio e obrigatório para se realizar assembleias sindicais, assim como o fim da política de enviar um fiscal do ministério para observá-las, fim da possibilidade de adiantamentos em dinheiro feitos pela Comissão de Orientação Sindical, órgão do Ministério do Trabalho, que colocava em posição de devedores e dependentes os sindicatos auxiliados¹⁹³. Mas a medida que mais marcaria a passagem de João Goulart pelo Ministério do Trabalho de Vargas seria tomada no ano seguinte, 1954, com a decisão de aumentar em 100% o salário mínimo, entretanto, alguns setores como grande parte dos empresários, imprensa e, sobretudo, militares antigetulistas reagiram energicamente contra tal medida e pressionaram Vargas, que após o lançamento dos coronéis¹⁹⁴ se viu obrigado a afastá-lo do cargo¹⁹⁵. Apesar dessa contrariedade incisiva, principalmente ao aumento, o reajuste proposto por Goulart foi concedido e assinado por Vargas em 1º de maio de 1954.

¹⁹¹ GOMES, Angela de Castro. Op. cit.

¹⁹² BOITO JÚNIOR, Armando. O golpe de 1954: a burguesia contra o populismo. São Paulo : Brasiliense, 1982. 116 p.

¹⁹³ GOMES, Angela de Castro. Op cit.

¹⁹⁴ “No dia 8 de fevereiro de 1954, coronéis e tenentes coronéis ligados a ala conservadora do Exército o manifesto que protestava principalmente contra o descaso do governo em face das necessidades do Exército, relativas, por exemplo, à precariedade das instalações em todo o território nacional, ao reequipamento das unidades, cujo material bélico era em sua maioria obsoleto, e ao reajuste salarial dos militares do Exército, em “eterna disparidade” em relação às forças armadas de outros países. Nesse sentido, teciam sérias críticas ao aumento de 100% do salário mínimo proposto por João Goulart, ministro do Trabalho”. COSTA, Célia Maria L. Manifesto dos Coronéis. In: COSTA, Célia Maria L. Manifesto dos Coronéis. CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, 2011. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/ManifestoCoroneis>

¹⁹⁵ BOITO JÚNIOR, Armando. O golpe de 1954: a burguesia contra o populismo. Op. cit.

3 – O jornalista e militante “realmente técnico”.

Após mais esse período de militância em São Paulo, João acabara se afastando um pouco da agitação da vida política. Os motivos, mais uma vez, são diversos. Pode ter sido a demora para a anistia aos perseguidos políticos desde os tempos do Estado Novo e o governo Dutra, que se deu somente em 1956 com a assinatura de Juscelino Kubistchek, mas também um outro fator, relacionado às suas questões pessoais pode ter influenciado nesse afastamento do PCB, e por consequência da política.

Desde o início da campanha “O Petróleo é Nosso” em São Paulo, quando se aproximara dos sindicatos, João conhecera Maria Sallas, tecelã que participou ativamente das passeatas desta e outras campanhas como a recusa ao envio de tropas brasileiras à Coreia e ainda pela legalidade do PCB. Maria Salles, junto com outras tecelãs buscavam assinaturas no meio desses eventos. Quando Saldanha retornou a São Paulo e começou a atuar na Greve dos 300 mil, a proximidade que ele teve com o sindicato da tecelagem o aproximou também de Maria Salles e eles tiveram um breve romance¹⁹⁶.

No entanto, após a greve, Maria Sallas recebeu uma bolsa para estudar na Escola de Quadros do PCUS, em Moscou. Foi determinada a cumprir todo o cronograma do Curso Stalin, mas ficara sabendo apenas em Moscou que para concluir o curso levaria três anos¹⁹⁷. Quando saiu do Brasil ela e João não tinham definido o rompimento da relação, mas Maria Sallas estava decidida a permanecer em Moscou até a conclusão do curso e nesse tempo acabou conhecendo outra pessoa¹⁹⁸. Por essas razões, Maria achou melhor escrever uma carta rompendo a relação dos dois e teria entregue em mãos a Carlos Marighella, que também fora para Moscou, para que o partido fizesse João Saldanha tomar conhecimento de suas razões¹⁹⁹.

Apesar do pedido, a carta não foi entregue, e quando Maria Sallas retornou, em 1956, João ainda estaria na expectativa de seu retorno para consumir um casamento entre os dois. Como não aconteceu, coube a tecelã, explicar as suas razões pessoalmente quando se encontraram e citar a carta que tinha escrito a ele, mas que pela decepção de Saldanha nunca tinha chegado. Por este motivo, Saldanha teria guardado mágoa de

¹⁹⁶ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 171

¹⁹⁷ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 175

¹⁹⁸ IDEM

¹⁹⁹ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 176

alguns companheiros de partido, por não terem lhe entregue a tal carta, e decidiu se afastar do PCB²⁰⁰.

João Saldanha voltaria a ser um militante político só pelos anos de 1969 e 1970, e inovando na sua maneira de deixar claro suas tendências políticas. Nesse período, como vamos ver mais a frente, Saldanha era técnico da Seleção Brasileira de futebol e aproveitava sua posição para dar entrevistas contestando a ditadura militar, regime vigente desde o golpe de 1964. A maioria dessas entrevistas no Brasil era censurada, mas como um técnico de futebol faz muitas viagens internacionais, essas denúncias algumas vezes iam parar em jornais de outros países.

Até assumir o cargo de técnico da Seleção Brasileira e “militar” por meio da imprensa internacional, João se dedicara completamente ao futebol. Como já era sócio do Botafogo e inclusive tinha exercido o cargo de diretor técnico do clube antes de se dirigir a Porecatu, voltou a frequentar o seu querido clube como conselheiro²⁰¹. Saldanha se reaproximou dos dirigentes de futebol e passou a atuar neste setor. É claro que Saldanha já era conhecido no clube e como já havia sido um dirigente do clube, sua atuação tinha certo peso na política interna do Botafogo. O auxílio de João Saldanha ao clube ia além de conselhos sobre a definição da política interna do Botafogo, papel de um conselheiro. Durante o ano de 1956, Saldanha passara a ser cada vez mais participativo dentro do clube e vez por outra ajudava o clube financeiramente, completando o pagamento do salário de alguns jogadores e oferecendo uma casa de sua família em Petrópolis como concentração para o time²⁰².

Neste mesmo ano, 1956, o Botafogo não obteve um resultado satisfatório no campeonato carioca e um clima de tensão começou a se instalar no clube ainda no final do ano, devido ao tempo em que não se ganhava o mesmo campeonato²⁰³. Saldanha então, junto com Renato Estelita, que já era dirigente do Botafogo nos anos 1940, mesmo período da primeira passagem de Saldanha pelo clube, atuou na contratação de vários jogadores²⁰⁴. O caso mais emblemático dessa participação de Saldanha, na contratação de jogadores, talvez tenha sido o do consagrado meio de campo Didi.

²⁰⁰ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 177

²⁰¹ VILLARINHO, Carlos Ferreira. O futebol do Botafogo: 1951 – 1960. Rio de Janeiro: Armazém das Letras, 2013. 335 p.

²⁰² VILLARINHO, Carlos Ferreira. Op. cit., p. 18

²⁰³ VILLARINHO, Carlos Ferreira. Op. cit., p. 200

²⁰⁴ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 184

Acontece que o “Folha-seca”, apelido pelo qual Didi ficou conhecido devido à sua maneira peculiar de bater na bola, já estava desgastado com a diretoria do Fluminense, clube pelo qual atuava, e há tempos o Botafogo buscava uma negociação com o jogador, que era bastante próximo de Zezé Moreira, técnico do Botafogo. Com o desgaste crescente entre Didi e Fluminense, o clube achou melhor colocar o jogador, supervalorizado, diga-se de passagem, à venda. Antes de falecer em 2001, Didi teria dado o seguinte depoimento sobre esse episódio:

“O Fluminense deu um preço caro em um milhão oitocentos e cinquenta e mais, oitenta centavos, setenta centavos (de cruzeiros)... Então aí faltava os setenta centavos. Então o Fluminense não queria assinar a transferência porque queria tirar o corpo fora ‘né’. Então o João disse: ‘não, mas espera aí, vocês trataram, vocês cumprem’. ‘Mas está faltando setenta centavos’ (teria dito o presidente do Fluminense). ‘Não mas espera aí, que eu vou descer lá no meu carro e no cinzeiro tem’ (disse Saldanha). Aí o João foi lá, abriu o carro, pegou o cinzeiro, tirou os setenta centavos, pôs lá na mesa: ‘está tudo legal’? (perguntou Saldanha). ‘Está’ (respondeu o presidente do Fluminense). Aí o Fluminense foi obrigado a assinar”²⁰⁵.

Mesmo com o trabalho de Saldanha e Estelita na busca por jogadores, o Botafogo chegou em terceiro lugar no campeonato carioca de 1956, vencido pelo Vasco da Gama. Apesar do bom time, o campeonato fora turbulento para o Botafogo que chegou a ter dois treinadores durante a competição, o que não era comum na época²⁰⁶. A saída de Zezé Moreira ainda em setembro, no final do primeiro turno do campeonato é justificada por dois motivos: o primeiro seria o fraco desempenho de um time com craques (Garrincha, Nilton Santos, Didi, Quarentinha e Paulinho Valentim – que Saldanha também atuou na sua contratação – já estavam no clube); o segundo motivo seria a relação que Zezé Moreira tinha com o dirigente Saldanha. Os dois aparentavam um respeito mútuo, mas o contato entre eles se limitava aos cumprimentos formais quando se viam “porque João era de extrema esquerda e Zezé de extrema direita”²⁰⁷. Nessa disputa, Paulo Azeredo, preferiu ficar com o seu conselheiro de “extrema esquerda”. O novo treinador foi Geninho, ex-jogador do clube na primeira passagem de Saldanha pelo Botafogo, que se destacava no meio campo do time que havia ganhado o

²⁰⁵ Especial Globo News: Memórias do João “sem medo”

²⁰⁶ VILLARINHO, Carlos Ferreira. Op. cit., 190

²⁰⁷ SANTOS, Nilton. Minha bola, minha vida. Rio de Janeiro: Gryphus, 2014. 218 p.

último campeonato carioca para o clube, em 1948²⁰⁸. O time teve um desempenho melhor no segundo turno, mas alcançando a terceira posição, o técnico já não era visto como unanimidade dentro do clube, no entanto, Geninho pensava diferente e se supervalorizou pedindo um aumento significativo no salário. Segundo Nilton Santos: “Geninho ficou empolgado demais” e o presidente do Botafogo o dispensou²⁰⁹.

No início de 1957, o Botafogo estava sem técnico, com uma pressão interna desde o ano anterior e às vésperas de duas excursões, uma pelo Nordeste e outra pela Venezuela²¹⁰. Essas excursões tinham um peso muito significativo no orçamento dos clubes, pois representavam somas de dinheiro a cada partida dos times. Funcionavam como apresentações pagas, sendo a maior fonte de receitas dos clubes em uma época que a venda e compra dos jogadores não era feita de forma tão desenfreada, e somente a venda de grandes jogadores significavam algum lucro, e os patrocínios de empresas nem eram especulados ainda.

Com pressa para a definição de um técnico para as excursões que tinha pela frente, o presidente decidiu colocar o cargo à disposição de João Saldanha. O que faz certo sentido, pois apesar de nunca ter sido técnico, Saldanha conhecia de futebol, já havia sido atleta do próprio clube nas categorias de juvenil e amador, já fora dirigente do clube, era amigo próximo do presidente Paulo Azeredo²¹¹, tinha atuado na formação daquele time que estava sem técnico, e portanto, era também próximo aos jogadores.

A princípio, Saldanha fora chamado apenas para cumprir a programação das duas excursões citadas. O presidente Paulo Azeredo, teria falado o seguinte com Saldanha: “João, faz esta excursão até contratarmos um técnico”²¹². Uma excursão com João Saldanha como técnico de um time que tinha Garrincha e Paulinho Valentim, jogadores folclóricos, conhecidos por diversos casos de boêmia, até hoje atua no imaginário de muitos torcedores do clube que têm conhecimento desta passagem. Saldanha teria feito um acordo com os jogadores, combinando com eles que se vencessem os jogos, a

²⁰⁸ Porto, Roberto. Botafogo: 101 anos de histórias, mitos e superstições. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2005. 207 p.

²⁰⁹ SANTOS, Nilton. Op. cit., p. 63

²¹⁰ VILLARINHO, Carlos Ferreira. Op. cit., p. 199

²¹¹ SIQUEIRA, André. Op. cit., 187

²¹² SALDANHA, João. Op. cit., p. 75

concentração antes das partidas não seria obrigatória ou bem reduzida²¹³, o que rendeu várias histórias, que seriam contadas pelo próprio em futuras entrevistas.

O rendimento do time nessas excursões foi tão bom que o clube decidiu manter Saldanha como técnico para a disputa do campeonato carioca e do Torneio Rio-São Paulo²¹⁴. Sobre o Botafogo, muito se fala dos esquadrões de craques dos times montados na década de 1960, no entanto, este time de 1957, com Saldanha como técnico é o precursor dessa época. O time fora campeão carioca daquele ano, com uma goleada de seis a dois (até hoje a maior goleada em um jogo final de campeonato carioca) sobre o Fluminense, que precisava apenas de um empate pra conseguir o título. Mas Paulinho Valentim marcara cinco gols (um deles de bicicleta) em um time do Fluminense que também contava com jogadores que marcaram época no clube como o goleiro Castilho, o lateral direito Telê Santana (que também fez carreira de técnico) e o artilheiro Waldo²¹⁵.

Saldanha exerceu o cargo de técnico do time do Botafogo até 1959 e nesse período continuou colecionando histórias junto de seus jogadores nas partidas e viagens que fazia com o time. Essa convivência fez com que Saldanha se tornasse um técnico íntimo de seus jogadores, o que também ocorre com a maioria do time treinado por ele na seleção brasileira no período pré-copa do mundo de 1970. Por exemplo, a relação próxima com Nilton Santos vinha desde quando o famoso lateral esquerdo subiu para a categoria dos profissionais do clube. Antes mesmo de Saldanha se tornar técnico, os dois sempre conversavam sobre a situação do time, e quando assumiu o posto de técnico, sempre dedicava um espaço para que Nilton Santos falasse com o time antes dos jogos²¹⁶. Paulinho Valentim, que fora vendido ao time argentino Boca Juniors, se tornando o maior artilheiro do clássico mais importante do país (Boca Juniors x River Plate) até os dias atuais, superando jogadores como Maradona e Palermo, ídolos do futebol argentino, também tinha uma relação de amizade com o técnico Saldanha e escolhera o comandante do time para ser seu padrinho de casamento com Hilda Maia Valentim²¹⁷, conhecida como Hilda Furacão, prostituta que marcou época na zona boêmia de Belo Horizonte, e que teria sua vida registrada no livro de Roberto

²¹³ PORTO, Roberto. Op. cit., p. 80

²¹⁴ VILLARINHO, Carlos Ferreira. Op. cit., p. 202

²¹⁵ PORTO, Roberto. Op. cit., p. 91

²¹⁶ SIQUEIRA, André. Op. cit., p. 202

²¹⁷ SIQUEIRA, André. Op. cit., p. 184

Drummond, servindo de inspiração para uma minissérie gravada pela Rede Globo. Pelas entrevistas, o jogador que Saldanha mais gostava de contar histórias, aparentando uma grande admiração, era Garrincha, que também respeitava muito o seu técnico: “o seu João é bom, porque deixar jogar o que a gente sabe” é uma de suas afirmações sobre Saldanha²¹⁸, que em contrapartida apesar de admirá-lo tinha uma visão bem caricata do craque: “É um primitivo, um matuto, meio índio, meio selvagem, criado num mundo de miséria e ignorância, um lugar atrasado onde nem o trem parava”²¹⁹. Esse lugar “onde nem o trem parava” se tratava da cidade de Pau Grande, uma pequena cidade no interior do Rio de Janeiro, na qual Garrincha, ou “o torto”²²⁰ (como Saldanha o chamava), nasceu e fora criado.

A saída de João Saldanha do cargo de técnico do Botafogo inclusive tem relação com a possível saída de alguns jogadores. Se por um lado, a falta de títulos em 1958 e 1959 vinha acompanhada de uma insatisfação interna do clube que ganharam ainda mais força contra o seu trabalho após o segundo ano seguido sem título, por outro lado, Saldanha também estava insatisfeito com a diretoria alvinegra, que dava sinais de querer negociar Paulinho Valentim com o Boca Juniors e o meia Didi com o clube espanhol Real Madri, dois jogadores próximos a Saldanha e que foram trazidos pelo mesmo ao clube²²¹. Os novos jogadores que Saldanha trouxera não foram bem vistos pela diretoria e nem pela torcida do clube, com exceção do seu futuro substituto no cargo de técnico da Seleção Braswileira, Zagallo. O clima para a permanência de Saldanha como técnico do Botafogo foi ficando cada vez mais insustentável, e assim, Saldanha preferiu sair do seu clube de coração.

Após sair mais uma vez do Botafogo, Saldanha teria voltado novamente a trabalhar no cartório do seu pai, Gaspar Saldanha, pelo breve tempo de alguns meses²²². Provavelmente pela vontade de continuar trabalhando com o futebol, decidiu ser jornalista, após uma conversa com sua esposa, Thereza Bulhões, que foi um dos contatos que Saldanha usou para arrumar um trabalho como jornalista, mais precisamente, como comentarista esportivo²²³. Na verdade, Saldanha teria tido sua primeira experiência como jornalista esportivo ainda quadro era técnico do Botafogo,

²¹⁸ SAMPAIO, Paulo Marcelo. Os dez mais do Botafogo. Rio de Janeiro: Maquinária, 2009.

²¹⁹ SIQUEIRA, André. Op. cit., p. 200

²²⁰ IDEM

²²¹ VILLARINHO, Carlos Ferreira. Op. cit., p. 282

²²² SIQUEIRA, André. Op. cit., p. 215

²²³ IDEM

quando aceitara o convite do conhecido locutor Jorge Cury para comentar os jogos sul-americanos, em Buenos Aires, pela Rádio Nacional²²⁴.

Primeiramente, Saldanha fora trabalhar na Rádio Guanabara no início de 1960, comentando jogos, num momento em que a emissora passara a transmitir cada vez mais partidas de futebol durante suas programações²²⁵. No mesmo ano, Saldanha fora chamado para escrever na Última Hora²²⁶. E enquanto se tornava “o realmente técnico”, como Waldir Amaral, outro locutor conhecido dessa época no jornalismo esportivo, anunciava antes dos seus comentários, Saldanha também se tornou um colunista semanal de jornal, ficando mais conhecido no meio do jornalismo esportivo, que desde a popularização do rádio passava por contínuas inovações nas transmissões e programas de temas esportivos. Mas o programa que talvez represente melhor essas inovações nas transmissões sobre o futebol, até pelo espaço que ocupou sendo um programa televisivo, foi a Grande Revista Esportiva, inaugurada em 1963 pela TV Rio.

A Grande Revista Esportiva foi um dos programas pioneiros do jornalismo esportivo na televisão brasileira. Com o formato idealizado por Luiz Mendes, jornalista, que acompanhando um debate político entre diversos comentaristas, imaginou um programa nos mesmos moldes voltado para o futebol²²⁷. O programa revolucionou o debate esportivo, pois ao mesmo tempo em que as pessoas se acostumavam com discussões sobre futebol na televisão, estas também assistiam a debates que quebravam os padrões até então estabelecidos desde a época em que somente o rádio fazia uma cobertura sobre futebol²²⁸. O programa era composto por jornalistas esportivos que defendiam claramente seus times, o que gerava debates acalorados quase em todos os programas. O “time” do programa era o seguinte: Luiz Mendes, o âncora e Armando Nogueira, que faziam os papéis de “mediadores”, eram botafoguenses; Nelson Rodrigues, tricolor; José Maria Scassa, rubro-negro; Vitorino Vieira e o ex-jogador Ademir, vascaínos. Além dos “mediadores”, também tinha um outro botafoguense no debate, que era João Saldanha. O calor do debate característico do programa gerou frases que repercutiram no jornalismo esportivo da época, como o comentário de José Maria Scassa, no qual o rubro negro afirma que “quem não é torcedor do Flamengo é

²²⁴ VILLARINHO, Carlos Ferreira. Op. cit., p. 20

²²⁵ SIQUEIRA, André. Op. cit., p. 217

²²⁶ IDEM

²²⁷ Memória Globo. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/relembre-grande-resenha-facit-primeira-mesa-redonda-da-tv-de-1963-12752794>

²²⁸ VILLARINHO, Carlos Ferreira. Op. cit., p. 22

contra o Flamengo”²²⁹. Nelson Rodrigues também teria feito uma declaração marcante para a época ao contestar uma imagem que confirmava um pênalti contra o Fluminense: “Se o vídeo diz que foi pênalti, pior para o videoteipe. O videoteipe é burro”²³⁰.

Em 1966, o programa passara para a Rede Globo e ganhou o nome de Grande Revista Esportiva Facit, nome de uma empresa que fabricava máquinas de escrever e que começou a patrocinar o programa quando chegara à Rede Globo²³¹. Saldanha continuava comentando jogos, mas em 1963, ano que estreou na televisão com a Grande Revista Esportiva, saiu da Rádio Guanabara para a Rádio Nacional²³².

Com um senso crítico, seus comentários ficaram marcados primeiro pela linguagem próxima do “povão” ao falar de futebol, e segundo, pelas diversas críticas que fazia quanto à administração do futebol²³³. Ressaltava principalmente: a condição dos atletas, as políticas nos clubes, a riqueza de seus dirigentes (nessa época, os salários dos jogadores não eram altos, quando passaram a ter valores estratosféricos, Saldanha também passou a criticar), e já desde essa época, se tornou um crítico conhecido da CBD (Confederação Brasileira de Desportos), entidade presidida por João Havelange. Todas essas queixas eram feitas como se fosse por uma pessoa que estivesse em um bar, com uma linguagem comum, coloquial, em contrapartida ao modo rebuscado e metódico que predominava até então. Segundo Luiz Mendes, a inovação de Saldanha passa por essa questão da linguagem, que por sua vez tem total relação com as suas expressões, que eram tão comumente reproduzidas por quem acompanhava seus comentários:

“Inteira­mente diferente. Naquele tempo os comentaristas falavam assim: ‘aos trinta minutos de jogo, fulano fez o primeiro gol do Flamengo’. E o João: ‘é, aos trinta minutos, fulano investiu e fez o primeiro gol’, falava conversando, assim. E foi diferente, criou: ‘se continuar jogando assim, vai cair do cavalo’. Ele que criou. ‘A vaca vai pro brejo’. Ele que criou. ‘Entregou o ouro pro bandido’. Ele que criou. ‘O mapa da mina’. Ele que criou. Então ele era um cara assim”²³⁴.

²²⁹ IBID

²³⁰ IDEM

²³¹ IDEM

²³² SIQUEIRA, André. Op. cit., p. 223

²³³ IBID

²³⁴ Memória Globo. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/relembre-grande-resenha-facit-primeira-mesa-redonda-da-tv-de-1963-12752794>

Além dessas, muitas outras expressões que têm um sentido figurado foram atribuídas a autoria de Saldanha. Se foram mesmo criadas por ele ou não, é bem complicado provar, mas que ele certamente foi um dos primeiros comentaristas esportivos a usar expressões metafóricas para explicar situações que ocorrem em um jogo de futebol, e que esse método foi bem recebido pelo público, não restam dúvidas.

- Saldanha nos registros policiais: análise da trajetória parcial de um ativo militante pela ótica da polícia

Nesse período, João pode ter ficado afastado de vários de seus companheiros do PCB e provavelmente não devia participar de passeatas e manifestações de cunho político. Já estava com quarenta anos, passado por diversos tipos de governo e de militância, já havia sido preso, fichado, viajado por vários países por conta de suas missões desde o tempo em que era universitário. No entanto, os órgãos de repressão e espionagem que continuaram atuando mesmo com a anistia concedida por Juscelino Kubistchek, não esqueceram o militante João Saldanha, e vários relatórios foram feitos sobre o mesmo ainda nesse período. Como já fora afirmado aqui, o DOPS, já tinha algumas anotações sobre Saldanha desde antes de sua primeira detenção, dado o controle repressivo que se dava sobre os comunistas mesmo em tempos “democráticos”, e por causa de sua militância, João continuava sendo observado de vez em quando por esses órgãos, que volta e meia pediam uma verificação de antecedentes de Saldanha.

Como Saldanha voltaria a desempenhar um papel político apenas quando assumisse o cargo de técnico da seleção, no qual sua saída seria marcada por polêmicas, inclusive relacionando-as ao seu passado de militância, neste momento do trabalho serão feitas análises dos registros policiais que constam seu nome produzidos nesta época. A maioria dos relatórios produzidos sobre Saldanha nessa época de seu distanciamento do PCB relembra a sua primeira detenção, aquela de 1947 em que Saldanha estava realizando um comício relâmpago no Largo do Machado. A recordação desta sua passagem pela polícia nesses relatórios dá uma impressão de que funcionava como uma justificativa para que Saldanha fosse algumas vezes vigiado pela espionagem das forças de segurança, tendo os seus antecedentes lembrados constantemente nesses relatórios. No entanto, há registros de suas atividades e presença em eventos do PCB antes mesmo desse episódio de 1947.

<u>NOME</u>	<u>Residência local de trabalho</u>	<u>Profissão</u>	<u>Celula</u>	<u>Inscrição</u>
JOAO ALVES SALDANHA	R. Bolívar, 7, ap. 10 Trav. do Ouvidor, 17	Escrivão	A.N.L.	7.45
JOSE HENRIQUE MIZO	R. Amires, 86 R. C. de Bomfim, 99 (Ins. Metro)	Cabeleireiro	"	-
LUIZ EUGENIO SALAZARA	R. Constante Ramos, 158 R. Debret, 79, 7ª and.	Estudante Direito	"	11.43
LUIZ LINS MARTINS	R. Constante Ramos, 141 (Faculd. Flum. Medicina, Niterói)	Estudante	"	-
MARTA DAS GRAÇAS MARTINS SALDANHA	R. Barata Ribeiro, 572, ap. 1 Comis. Execut. Textil	Fun. pública	"	9.45
MENDES DE ALMEIDA RODRIGUES	R. Barata Ribeiro, 723	Tradutor e Professor	"	-
OSLINDO FERREIRA ALVES	R. Bolívar, 61 ap. 403 R. Quitanda, 20-64 5/607	Eng. Civil	"	5.45
RODOLFO GUILHERME FERREIRA	Pça. Eugenio Jardim, 19 R. Xavier Silveira, 80 (Coqueabana)	Estudante	"	10.45
SAMSO LUCIANO MOREIRA	R. Xavier Silveira, 99	Jornalista	"	7.45
ADRIEN RIBEIRO DE SOUSA	R. Djelma Ulrich, 201, ap. 13 Av. Rio Branco, 143-14	Dentista	"Mariategui"	6.8.45
ALMERINDA ESTEVES	R. Djelma Ulrich, 201, ap. 13 Av. Rio Branco, 143-14	Doméstica	"	18.8.45
ARISTIDES SALDANHA	R. Bolívar, 97-ap. 32 Trav. Ouvidor, 07-2ª	Advogado	"	1.7.45
AMELIA RODRIGUES DE FREITAS	R. Leopoldo Migueis, 161 R. " " "	Doméstica	"	7.12.45
CARLOS FREDERICO LOPES DA MOTA	R. Barata Ribeiro, 752 P. Nac. de Direito	Estudante	"	12.43

²³⁵APERJ. "Documentos constantes dos arquivos do PCB", 1946.

O primeiro documento em que consta o nome de João Alves Saldanha data de 1946 em um registro feito pela polícia sobre os membros inscritos no PCB no ano anterior. Como pode se observar, o documento traz uma lista não apenas com os nomes desses novos membros, mas também com seu endereço, profissão, e a sua "célula", que geralmente representavam organizações próximas ao PCB das quais esses novos membros já faziam parte. Pelas biografias consultadas para a realização deste trabalho não há um consenso quanto à data da entrada oficial de João Saldanha no PCB. A dúvida se mantém entre 1942 e 1945, até pelo fato do próprio Saldanha se confundir quanto ao ano de seu ingresso. Em entrevista, Saldanha já teria afirmado: "Quando afundaram os navios brasileiros (1942 – durante a II Guerra Mundial), no dia seguinte nós (ele e seu irmão Aristides) entramos para o partido". Em outras teria dito que seu ingresso no partido se deu em 1935, possivelmente se confundindo com a sua entrada na A.N.L.

Na página em que consta seu nome, Saldanha é o primeiro da lista, trabalhando como escrivão, cargo que exercia no cartório de seu pai, seu trabalho considerado fixo

²³⁵APERJ. Dossiê "Documentos constantes dos arquivos do PCB", setor DOPS, Fundo Polícias Políticas, p. 147.

durante a maior parte do tempo em que estava realizando missões para o partido. Integrante da “célula A.N.L.” com sua inscrição datada de julho de 1945, mesma data de seu irmão (nome que está na mesma página, sendo o terceiro nome de baixo para cima), que já era advogado, mas que pertencia à “célula Mariategui”. Maria das Graças Martins Saldanha (quinto nome de cima para baixo), irmã mais velha dos irmãos Saldanha já morava em outro endereço e pertencendo à mesma célula de seu irmão João, teria entrado para o partido em setembro de 1945, dois meses depois de seus irmãos mais novos.

Nome	Residência e local de trabalho	Célula	Profissão	Insc.
HENRIQUE MESQUINO COVRE	R. Leopoldo Miguez nº 40=apt.205 R. México nº 98=5ª	Aliança Nac.Libert.	Comerciante	1928
ISIA MOREYRA DUARTE	R. Xavier da Silveira nº 99	Aliança Nac.Libert.	Professora	1942
JOÃO ALVES SALDANHA	R. Belivar nº 7=apt. 10 Trav. Ouvidor nº 17	Aliança Nac.Libert.	Industrial	Julho 1944
JOSÉ HENRIQUE MELO	R. Amires nº 86 R. Conde de Bonfim nº 99	Aliança Nac. Libert.	Cabelereiro	
LUIS EUGENIO SALAZAR	R. Constante Ramos nº 158 R. Debret nº 79-7ª-sls.708-709	Aliança Nac. Libert.	Estudante	Novembro 1943
LUIS LINS MARTINS	R. Constante Ramos nº 141 Faculdade Fluminense de Medicina	Aliança Nac.Libert.	Estudante	
MARIA DAS GRAÇAS M.SALDANHA	R.Barata Ribeiro nº 572=apt. 1 Comissão Executiva Textil	Aliança Nac.Libert.	Func.Publica	Setembro 1945
NEWTON DE ALMEIDA RODRIGUES	R. Barata Ribeiro nº 723	Aliança Nac.Libert.		

²³⁶APERJ. “Relatório Partido Comunista do Brasil”, 1946.

Outro documento feito no mesmo ano, 1946, e que tem o mesmo formato do analisado anteriormente, embora seja mais volumoso, por constar todos os integrantes do PCB, não somente os novos integrantes do último ano, que deu origem a um documento de mais de duzentas páginas. Duas curiosidades que chamam a atenção sobre Saldanha neste documento: a profissão de industrial, o que pesquisando biografias e documentos não se acha nenhuma explicação, e a sua inscrição datada de julho de 1944, servindo para aumentar ainda mais a dúvida sobre a exatidão da entrada oficial de João Saldanha no PCB, principalmente pelo fato da data de inscrição de seu irmão se manter inalterada. Sua irmã Maria das Graças M. Saldanha volta a aparecer (penúltimo nome) dando a impressão de ser uma integrante participativa compondo a Comissão Executiva Têxtil do PCB, possivelmente sendo uma das representantes do partido no sindicato.

Um outro documento, intitulado “Partido Comunista do Brasil – Lista dos Associados, 1ª Zona Eleitoral”, que se encontra em condições muito precárias, o que

²³⁶ APERJ. Relatório “Partido Comunista do Brasil”, setor Informações, Fundo Polícias Políticas, p. 70

dificulta sua exibição, assim como vários documentos que constam o nome João Saldanha, de certa forma confirma essa data de inscrição de Saldanha no PCB. O documento é datado de junho de 1945 (14/06/1945, mais precisamente) e já possui o nome entre seus registros, inclusive o número de seu título (374). Este relatório tem como objetivo a “investigação sobre as atividades do PCB no Distrito Federal” e especifica a necessidade de se apurar: “Comitês Estaduais, Comitês Populares, Comitês Democráticos, Recrutamento de Associados para o PCB”, o que abre uma temporada de investigações em que um dos alvos acaba sendo João Saldanha.

Nessas investigações que se dariam ao longo do ano de 1946, uma das agremiações investigadas foi o “Copacabana Club” que teve o seu primeiro relatório investigativo produzido por Cecil Borer que ainda ia ficar no encaixe de João Saldanha por algum tempo. Datada de abril de 1947 (21/04/1947), este relatório ia dar origem a outros inquéritos que pelos mesmos moldes de Cecil Borer, alguns militares reproduzindo o caráter “subversivo” da organização, solicitariam a sua investigação.



INFORMAÇÃO Nº 40/St.1

REFERÊNCIA: Req. de Archiopo Pinto Amendo, Vice-Presidente do "Copacabana Club", datado de 26-12-946, dirigido ao Sr. Delegado de Costumes e Diversões, solicitando registro.

O COPACABANA CLUB, com sede à Avenida Copacabana, 1.102, 13º andar, é uma sociedade que aparentemente se propõe a desenvolver a educação física, promover reuniões, diversões de caráter esportivo-social, cultural e cívico, mas, que nada mais é que um reduto político, dos muitos que o PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL, faz fundar com o rotulo de sociedades esportivas, culturais ou cívicas.

Tais sociedades o PCB utiliza para atrair ao seu bojo pessoas desavisadas que na maioria das vezes se deixam influenciar pela catequese que sofrem nas reuniões convocadas com finalidades diversas.

Para atrair associados às sociedades que funda o PCB faz com que as diretorias das mesmas sejam integradas por alguns elementos sem ligação com o partido, conservando para os seus militantes invariavelmente a presidência e o cargo de secretário, o que ora se verifica com a sociedade em causa, que tem como presidente o indivíduo ARISTIDES SALDANHA, ativo militante comunista, membro do corpo jurídico do partido, como advogado que é, além de ser Secretário Geral do Comité Democrático Progressista de Copacabana e, como Secretário outro militante LIVIO COSTA, que é estruturado na Celula Ipanema.

Além dos indivíduos já mencionados o COPACABANA

²³⁷ APERJ. "As atividades do PCB no Distrito Federal", 1947.

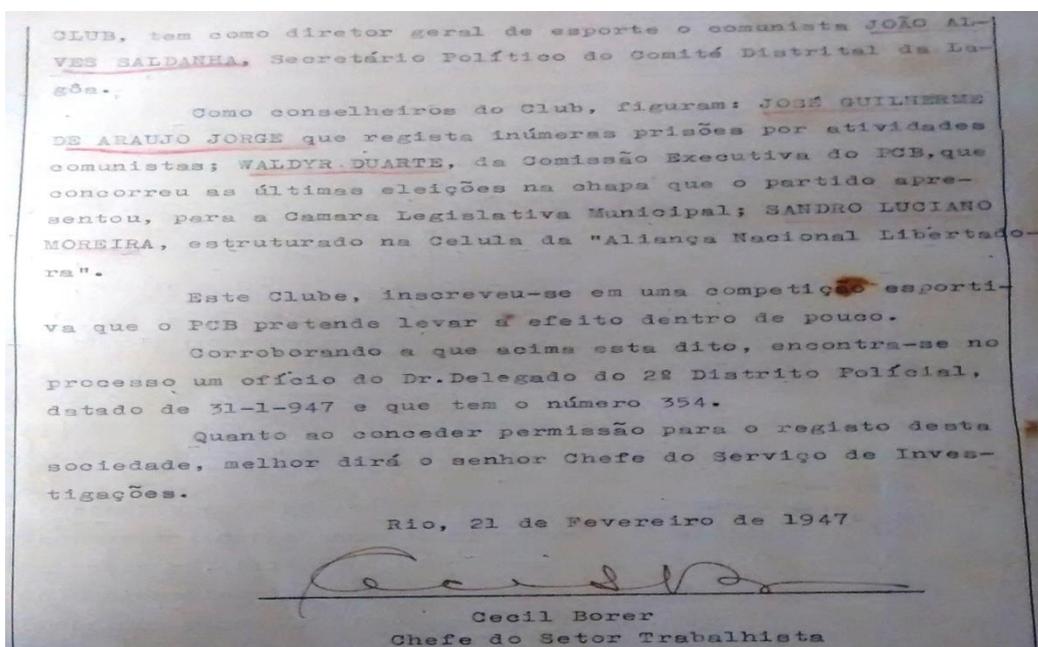
Nesta primeira parte do relatório, o irmão de João Saldanha, Aristides Saldanha aparece como presidente e "membro do corpo jurídico do partido". Já vimos no primeiro capítulo um episódio em que Aristides Saldanha sofreu represálias por ser um advogado comunista. Cecil Borer refere-se ao "Copacabana Club" como

"uma sociedade que aparentemente se propõe a desenvolver a educação física, promover reuniões, diversões de caráter esportivo-social, cultural e cívico, mas

²³⁷ APERJ. Dossiê "As atividades do PCB no Distrito Federal" Relatório do chefe do setor trabalhista, Cecil Borer, ao Departamento Federal de Segurança Pública. Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 1947. Fundo Polícias Políticas, Setor DOPS: Prontuário GB. 12365.

que nada mais é que um reduto político, dos muitos que o Partido Comunista do Brasil, faz fundar com o rótulo de sociedades esportivas, culturais ou cívicas. Tais sociedades o PCB utiliza para atrair ao seu bojo pessoas desavisadas que na maioria das vezes se deixam influenciar pela catequese que sofrem nas reuniões convocadas com finalidades diversas”²³⁸.

O documento ainda cita o irmão de João, Aristides Saldanha como um ‘ativo militante comunista’, colocando-o como ‘Secretário Geral do Comitê Democrático Progressista de Copacabana’. Sobre João, o documento cita sua participação como diretor geral de esporte do “Club” e “Secretário Político do Comitê Distrital da Lagoa”.



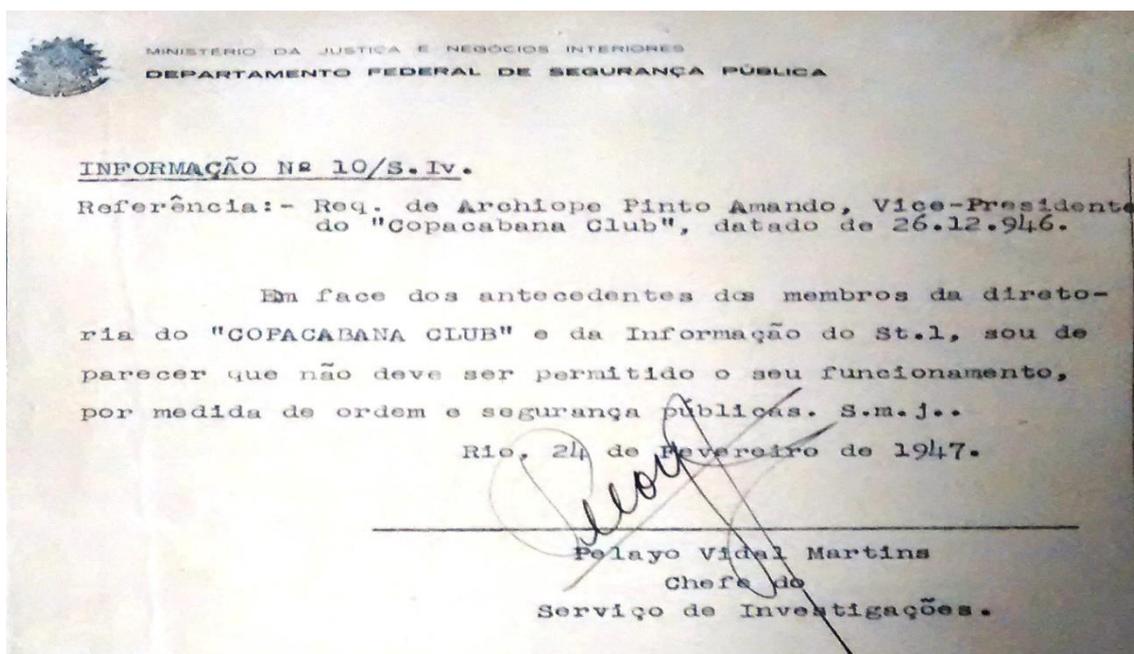
²³⁹APERJ. “As atividades do PCB no Distrito Federal”, 1947.

Neste primeiro relatório sobre o “Copacabana Club”, o investigador colocou a ocupação dos membros da organização e a sua função que cada um também tinha no partido. Por exemplo, Saldanha era diretor geral de esporte do “Copacabana Club” e “Secretário Político do Comitê Distrital da Lagoa” do PCB. Foi uma maneira que Cecil Borer encontrou para associar, na prática, alguma organização, que se tornaria suspeita para a ordem pública apenas por conter em sua composição organizadora, “elementos comunistas”. Dei ênfase a esse relatório por se tratar de um momento em que antecede e se prepara uma nova temporada de caça aos comunistas e também por ser feito no ano em que se daria a primeira prisão de João.

²³⁸ IDEM

²³⁹ IDEM

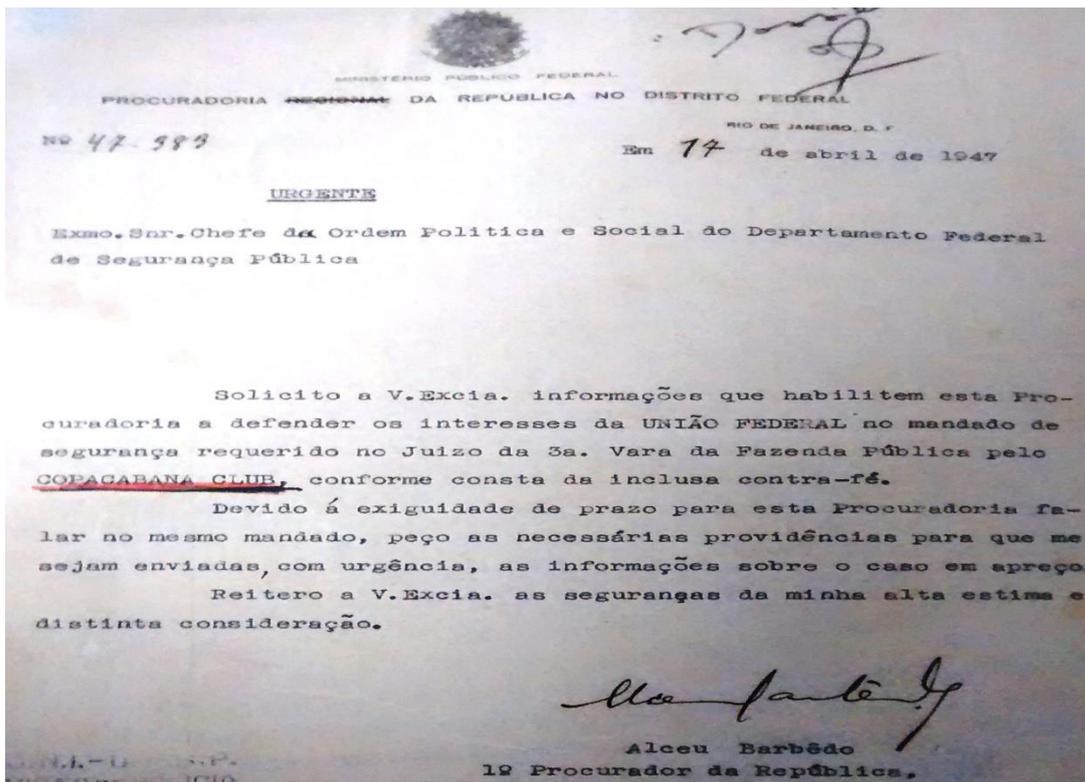
A estratégia do governo Dutra acabou sendo bem sucedida, pois contava com um grande aparato de espionagem sobre algumas referências consideradas públicas, ou no mínimo conhecidas do PCB, em um período em que essas atividades deveriam ser vistas como legais e livres, e assim com registros individuais sobre as atividades de cada uma dessas referências, transformá-las em crime contra a pátria e a democracia, como registrado por Cecil Borer, em 1947.



²⁴⁰APERJ. Ministério da Justiça e Negócios Interiores, 1947

Apenas três dias após o relatório de Cecil Borer o Chefe do Serviço de Investigações, Pelayo Vidal Martins, emite um parecer contrário ao “funcionamento, por medida de “ordem e segurança públicas”, do “Copacabana Club”.

²⁴⁰APERJ. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Relatório de Pelayo Vidal ao Departamento Federal de Segurança Pública. 24 de fevereiro de 1947, setor DOPS: Prontuário GB. 12365



²⁴¹APERJ. Procuradoria da República, 1947.

Quase um mês depois (17/04/1947), um novo parecer, que teria um caráter emergencial e relatado por Alceu Barbêdo, 1º Procurador da República. A necessidade de urgência se dá pela defesa dos “interesses da União Federal”, como se um grupo da classe média do Rio de Janeiro filiado a organizações de esquerda representasse uma ameaça real à soberania nacional por pertencerem a um grupo que “consta da inclusa contra-fé”, como registrado no documento.

²⁴¹ APERJ. Procuradoria da República no Distrito Federal. Relatório de Alceu Barbêdo, 1º Procurador da República ao Departamento Federal de Segurança Pública. 17 de abril de 1947, Setor DOPS: Prontuário GB. 12365

Em 23 de abril de 1947.

Diretor do D.F.S.

Sr. Dr. 1º Procurador da República no Distrito Federal.

Presta informação.

Referências:
Proc. nº 4947/47.

Senhor Procurador:

Atendendo à solicitação contida no seu ofício nº 47-583, de 17 do corrente, informo a V.Sª que em sindicâncias procedidas por esta Divisão em torno das verdadeiras atividades e finalidades do "COPACABANA CLUB", foi apurado ser essa agremiação um reduto reservado do Partido Comunista, oculto sob a aparência de "propagador e difusor da cultura física e, também de princípios cívico-culturais", condições com as quais, a exemplo de outras sociedades similares, conseguem atrair ao seu seio pessoas menos avisadas, com o único propósito de, mais tarde, transformá-las em colaboradores da doutrina vermelha.

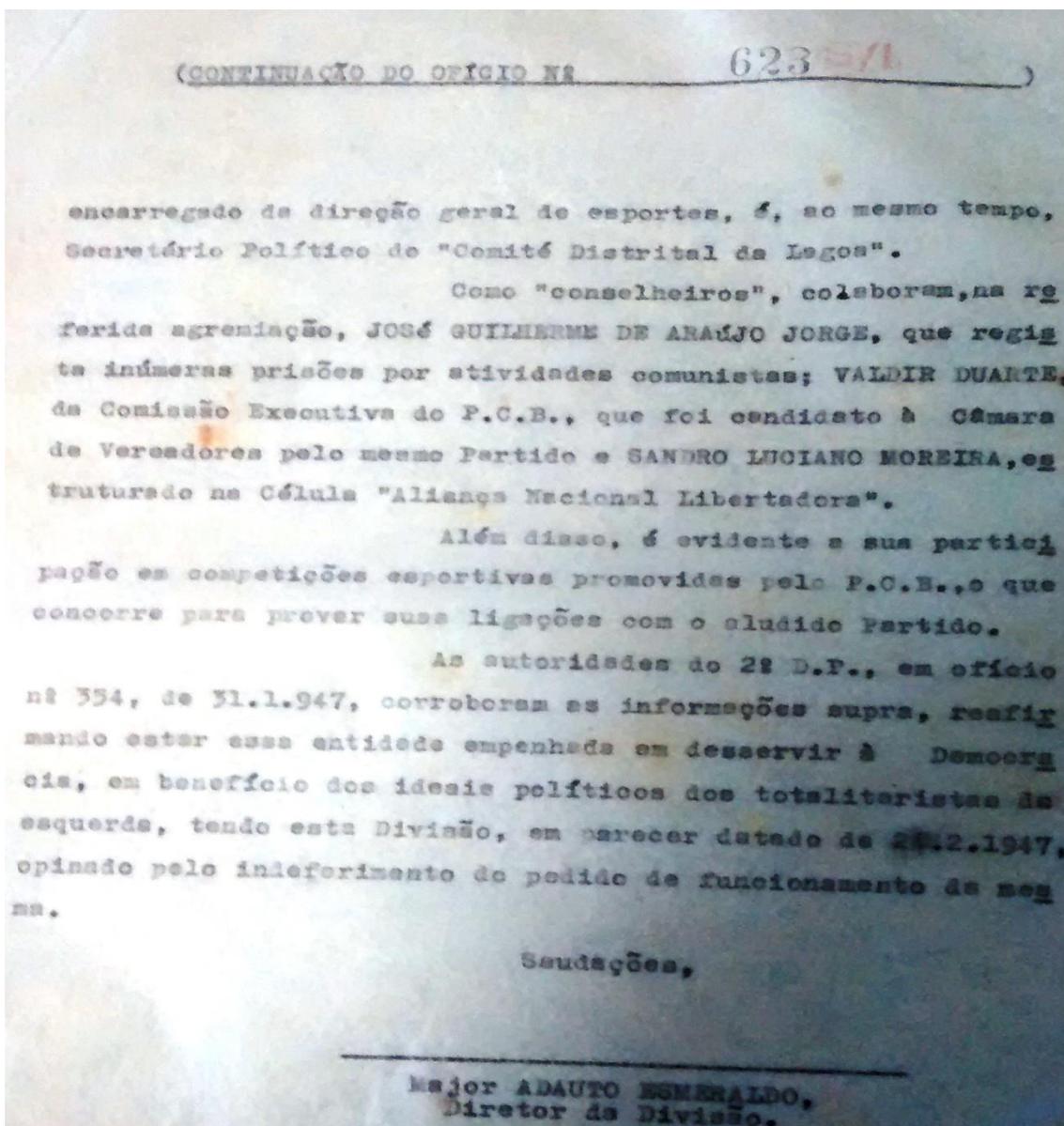
Sua diretoria é composta, em grande parte, de elementos notoriamente comunistas: o advogado ARISTIDES SALDANHA, seu presidente, é membro do corpo jurídico do P.C.B. e Secretário Geral do "Comité Democrático Progressista de Copacabana"; LÍVIO COSTA, secretário, figura entre os militantes estruturados na Célula "Ipanema"; e JOÃO ALVES SALDANHA,

²⁴²APERJ. Departamento Federal de Segurança Pública, 1947.

Em resposta ao pedido urgente de Alceu Barbêdo, um dos delegados do DOPS, Major Aduino Esmeraldo, que junto com Cecil Borer, iria liderar as investigações sobre o "Copacabana Club", fornece informações seguindo a lógica de Borer em seu relatório, que, segundo o próprio Major, teria conhecimento das "verdadeiras atividades e finalidades do 'Copacabana Clube' por ser essa uma agremiação de um reduto reservado do Partido Comunista". O objetivo do grupo seria o de "atrair ao seu seio

²⁴² APERJ. Departamento Federal de Segurança Pública. Relatório do diretor da divisão, Major Aduino Esmeraldo, ao 1º Procurador da República. 23 de abril de 1947, Setor DOPS: Prontuário GB 12365.

pessoas menos avisadas, com o único ensejo de, mais tarde, transformá-las em colaboradores da doutrina vermelha”.



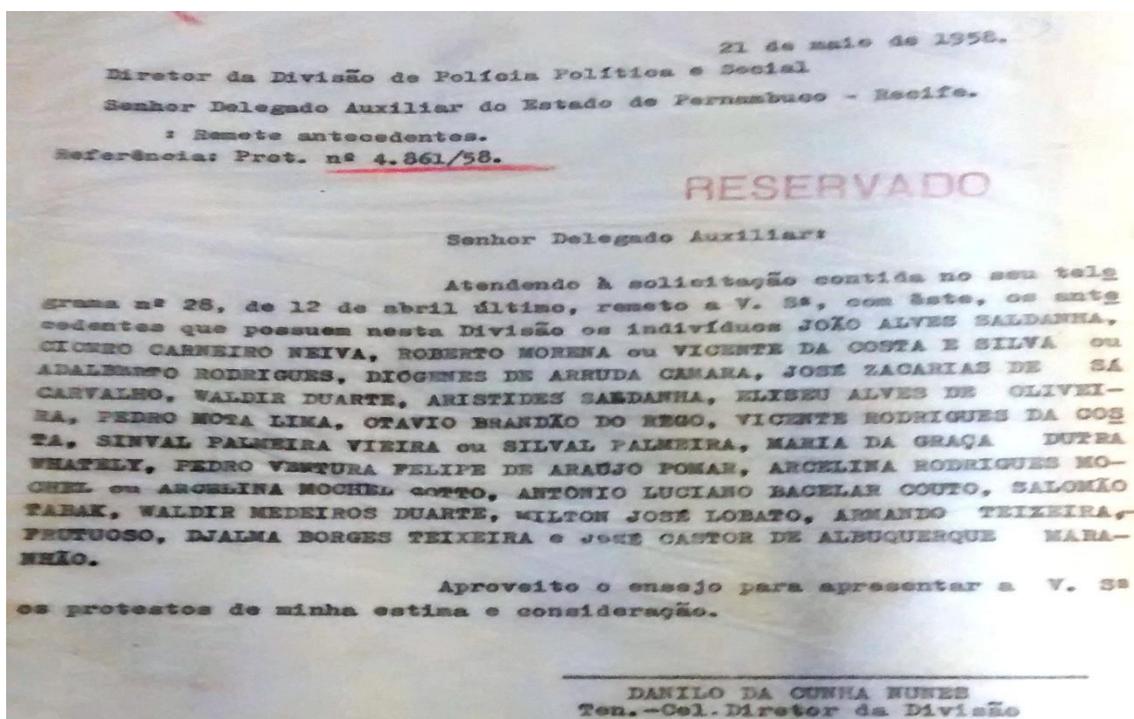
²⁴³APERJ. Departamento Federal de Segurança Pública, 1947.

O Major Adauto Esmeraldo seguindo a estratégia de Cecil Borer, detalha a participação de cada elemento que participa do “clube” junto com a atuação que desempenham para o PCB. É interessante notar como os procuradores, delegados, investigadores, em geral, para provar uma acusação ou simples suspeita de alguma atividade, apenas citam nomes que também atuariam no PCB, e os cargos que estes nomes supostamente ocupavam no partido. O segundo parágrafo da continuação do Major Adalto Esmeraldo evidencia essa prática, onde as acusações são: registrar

²⁴³ IDEM

inúmeras prisões por atividades comunistas, ser candidato à Câmara de Vereadores pelo PCB e pertencer à A.N.L. Um mecanismo dos serviços de espionagem que mostra como ser ligado a partidos de esquerda, literalmente configurava um crime, bastando apenas alguma autoridade te associar a algum movimento comunista, mesmo nesse breve período “democrático”, como o que esses relatórios foram produzidos. Estes documentos retratam a tática do presidente Eurico Gaspar Dutra. Antes de proibir qualquer referência ao comunismo, Dutra, mantendo a atuação de espionagem do DOPS passa a classificar mobilizações de esquerda, como o “Copacabana Club”, um crime contra a pátria e a soberania nacional, e assim, com a polícia contendo informações sobre seus principais integrantes, que pensavam estar em um período democrático mas passam a ser vistos como criminosos pela lei, começam a ser facilmente sufocados, assim como seus espaços de atuação, devido as informações obtidas pelas polícias nesse breve período de relativa liberdade.

comunismo um crime contra a pátria, foram colocadas em um prontuário (Prontuário GB. 12365 - APERJ), que era feito sobre qualquer indivíduo flagrado em atos “subversivos”.

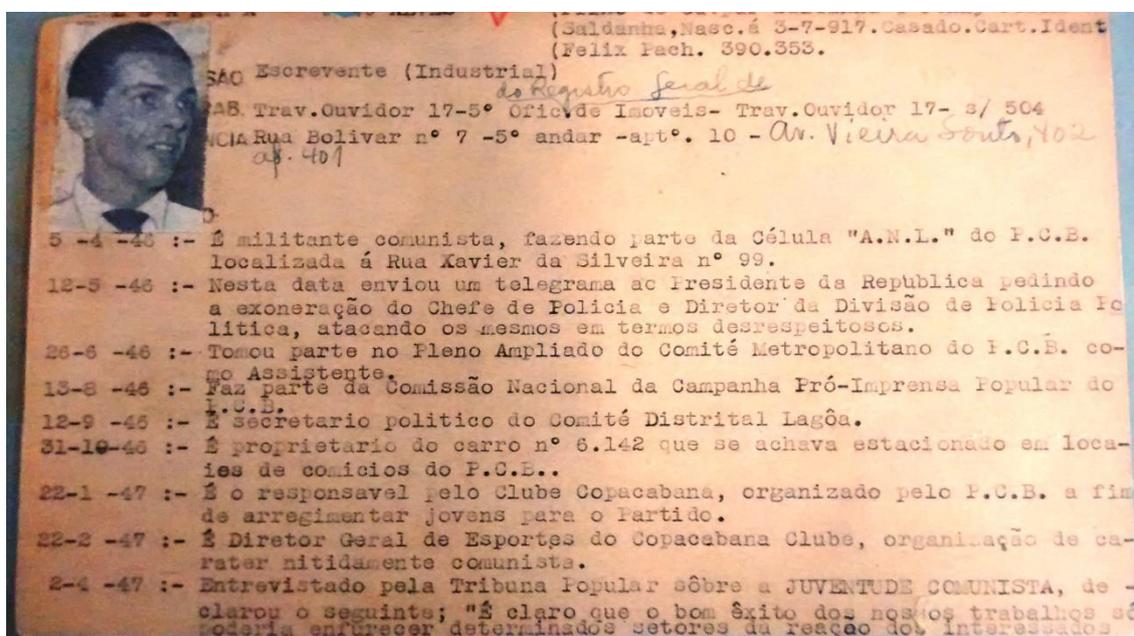


²⁴⁵APERJ. Divisão de Polícia Política e Social, 1958

Saldanha demoraria a ser lembrado pelo DOPS/GB de novo. Apenas em 1958 o Tenente Coronel Danilo da Cunha Nunes lembraria o nome de Saldanha em uma investigação sobre atos subversivos, sendo um dos nomes solicitados para a verificação de antecedentes. No entanto, um documento de 1981, em um relatório sobre o CEBRADE (Centro Brasil Democrático), possui um telegrama de um delegado de São Paulo para o DOPS/RJ datado de 1950 (24/10/1950) com a relação dos representantes brasileiros que seriam enviados ao II Congresso Mundial dos Partidários da Paz. O evento, segundo o telegrama se realizaria de 13 a 19 de novembro, em Sheffield, Inglaterra, e iriam representar o PCB, na clandestinidade, junto com Saldanha, Graciliano Ramos, escritor, e Oscar Niemeyer, arquiteto. Saldanha também estava na clandestinidade e tinha se fixado em São Paulo, após o episódio da UNE, como visto no primeiro capítulo. O telegrama é mais um dos documentos que devido a sua má conservação dificulta sua exibição.

²⁴⁵ APERJ. Divisão de Polícia Política e Social (DPPS). Relatório do Diretor do DPPS, Tenente Coronel Danilo da Cunha Nunes, ao Delegado auxiliar de Pernambuco (RE). 21 de maio de 1958, Fundo Polícias Políticas, Setor “Integralismo”.

A primeira ficha sobre os antecedentes de Saldanha estava pronta quase um mês depois e mostra como o DOPS continuava registrando qualquer atividade considerada subversiva, não sendo muito diferente da sua forma de atuação durante o Estado Novo.

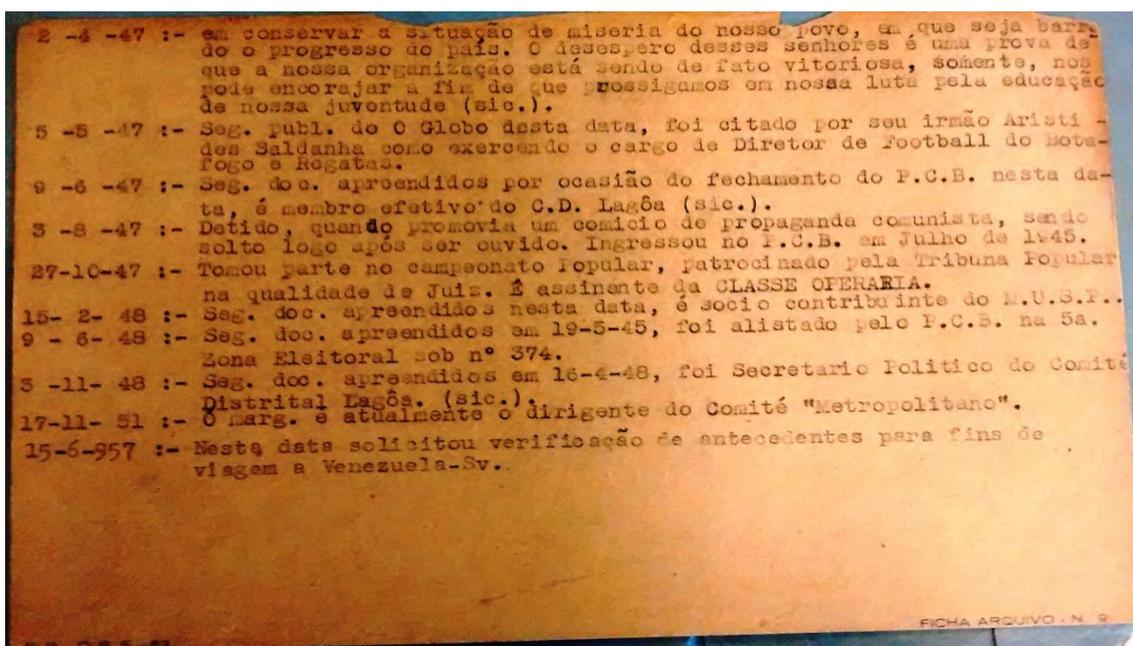


²⁴⁶APERJ. Divisão de Polícia Política e Social, 1958.

A primeira ficha sobre os antecedentes de Saldanha estava pronta quase um mês depois e mostra como o DOPS registrando qualquer atividade subversiva, não sendo muito diferente da sua forma de atuação durante o Estado Novo. Atividades políticas, profissionais, entrevistas, revistas assinadas, solicitações de antecedentes para viagens feitas pelo próprio Saldanha, e claro, a sua detenção, são a maioria das informações que compõem as verificações de antecedentes sobre Saldanha. No entanto, essa ficha é bem mais detalhada do que as outras que ainda seriam feitas. As informações são realmente sobre todas as ocupações que Saldanha já teve em algum momento até 1958, menos a sua função como técnico de futebol, o que é curioso, se tratando de um documento

²⁴⁶ APERJ. Divisão de Polícia Política e Social (DPPS). 17 de junho de 1958, Fundo Polícias Políticas, Setor: Integralismo, Ficha Arquivo nº 9.

contendo seu endereço de trabalho, moradia e até a placa do seu carro.



²⁴⁷APERJ. Divisão de Polícia Política e Social, 1958.

Apesar de parecer ser uma ficha minuciosa, é mais um documento que confunde quando se trata da entrada de Saldanha no PCB. Em três de agosto de 1947, data da detenção de Saldanha, o DOPS teria anotado sua entrada no partido como se fosse em julho de 1945. No entanto, em nove de junho de 1948 o DOPS teria registrado que, segundo documentos apreendidos em maio de 1945, Saldanha já tinha se alistado no PCB. Mesmo com uma confusão de informações geradas pela ficha, o documento tem um registro interessante: uma entrevista de Saldanha quando ainda atuava na União da Juventude Comunista (UJC), provavelmente uma das primeiras entrevistas dadas por Saldanha, principalmente sobre política. A anotação é de dois de abril de 1947, às vésperas da cassação ao PCB, que se daria no mês seguinte, e é um registro de um comentário seu sobre o trabalho da UJC em uma entrevista para o Tribuna Popular:

“É claro que o bom êxito dos nossos trabalhos só poderia enfurecer determinados setores da reação dos interessados em conservar a situação de miséria do nosso povo, nem que seja barrado o progresso no país. O desespero desses senhores é uma prova de que nossa organização está sendo de fato vitoriosa, somente nos pode encorajar a fim de que prossigamos em nossa luta pela educação da nossa juventude”.

A verificação dos antecedentes de João Saldanha se dá por causa da candidatura de seu irmão, que voltaria a tentar se tornar vereador no Rio de Janeiro naquele ano.

²⁴⁷ IDEM

Provavelmente a Divisão de Ordem Política e Social (DOPS) fazia um levantamento dos candidatos e das pessoas próximas, caso representassem alguma ameaça subversiva como Aristides Saldanha poderia ser considerado.

O próximo relatório policial no qual ia constar o nome João Saldanha se daria apenas em 1964, após o golpe civil militar que pôs fim ao governo democrático de João Goulart. Este documento se trata de um Inquérito Policial Militar (IPM) feito pela Superintendência das Empresas Incorporadas ao Patrimônio Nacional (SEIPN) que buscava “investigar a infiltração de uma célula comunista instalada na Rádio Nacional”. O início do inquérito é do mês seguinte (07/05/1964) ao golpe que se deu em primeiro de abril. A Rádio Nacional foi uma das empresas que mais deixou claro seu posicionamento contra o golpe. No dia primeiro de abril colocou em seu microfone várias personalidades defendendo a democracia e o governo do presidente João Goulart. Um desses defensores que falaram ao microfone da Rádio Nacional contra o movimento golpista foi o deputado federal pelo PTB (SP) Rubens Paiva, que em um discurso inflamado convoca estudantes e trabalhadores “para que todos em greve geral deem sua solidariedade integral à legalidade que por ora representa o Presidente João Goulart”.

Durante o seu discurso, Rubens Paiva alertou sobre o papel que a mídia teve no golpe manipulando a opinião pública, de modo que desmoralizasse o governo de João Goulart.

“O que se diz que o governo pretende acabar com o direito de propriedade, estabelecer o confisco de tudo o que existe como propriedade privada, é uma grande mentira, é uma grande farsa. O que se pretende realmente, estudantes e trabalhadores de São Paulo, é tornar este governo incompatibilizado com a opinião pública sobre uma onda de mentiras e uma imagem deformada”²⁴⁸.

²⁴⁸ Acervo EBC. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/cidadania/2014/03/rubens-paiva-defendeu-legalidade-do-governo-jango-pela-radio-nacional-no-dia-1o-de>

9. Ainda a 12 Jun 64, com referência ao meu ofício nº 2-IPM de 15 Mai 64, recebi em anexo ao ofício Confidencial nº 032-SFI/2153/64, de 12 Jun 64, do Chefe do Gabinete da Secretaria do Conselho de Segurança Nacional (Fls 267-IPM), a "4ª via do Relatório da Comissão de Sindicância na Superintendência das Empresas Incorporadas ao Patrimônio Nacional e Rádio Nacional" e "41 (quarenta e uma) fichas de apreciação individual que constituem o anexo nº 1 do mencionado Relatório" (Fls 268 a 399-IPM).

9.1. Esse documento passou a constituir uma das peças principais do inquérito e do seu estudo surgiu a caracterização inicial de indiciados, tais como alguns dos que foram apontados "como elementos militantes principais" de uma "célula comunista" que segundo o dito Relatório, "ficou configurada na Rádio Nacional" (Fls 268 a 269/IPM) e outros a saber: ANTÔNIO TEIXEIRA - MÁRIO LAGO - HEMÍLCIO JOSÉ FRÓES - GERALD RENNER DOS SANTOS - JOSÉ GERALDO DA LUZ-RODNEY GOMES - ALFREDO DE FREITAS DIAS GOMES - Major ROBERTO DA GAMA E ABREU - MÁRIO FARIAS BRASINI - JOSÉ MARQUES GOMES (Paul Roberto) - JOSÉ GOMES TALARICO.

²⁴⁹APERJ. Conselho de Segurança Nacional, 1964.

Os estúdios da Rádio Nacional e da TV Rio, dois locais de trabalho de Saldanha, foram cercados e invadidos pela polícia pouco tempo após o golpe dos militares. O IPM sobre a Rádio Nacional acabaria resultando em um relatório com mais de duzentos e trinta páginas. Em doze de junho de 1964, um arquivo confidencial com quarenta e uma fichas de apreciação individual, ficariam prontos e serviriam de base para o restante do inquérito, pois essas fichas seriam dos principais investigados, como colocado no documento. Saldanha não estava nessa primeira, mas alguns de seus companheiros como Mário Lago, ator e militante do PCB e Antônio Teixeira, que escrevia novelas para o rádio, já estavam tendo seu histórico de antecedentes investigados. Segundo o próprio inquérito:

“Esse documento passou a constituir uma das peças principais do inquérito e do seu estudo surgiu a caracterização inicial de indiciados, tais como alguns dos

²⁴⁹ APERJ. Conselho de Segurança Nacional (CSN), Inquérito Policial Militar (IPM): “Infiltração nos órgãos de comunicação social”. 3 de julho de 1964, Fundo Polícias Políticas, Setor: DGIE, p. 12

que foram apontados “como elementos militantes principais” de uma “célula comunista” que segundo o dito relatório “ficou configurada na Rádio Nacional”.

1.8 - Aliando-se ao ambiente reinante na Emissôra, não podemos deixar de citar a existência de empregados e artistas da Rádio Nacional tidos e havidos como comunistas ou com antecedentes comunistas, conforme informes oriundos do DOPS/GB (Fls 786 a 803 - 866 - 1331 a 1451), DOPS/SP (fls 1170 e 1171), Conselho de Segurança Nacional (fls 267 a 299) e de depoimentos prestados.

1.8.1. Pode-se, entre outros que porventura existam, destacar:

- ADELAIDE DE ANDRADE TEIXEIRA (Carmem Lídia)
- ALFREDO DE FREITAS DIAS GOMES..... (a)
- ANTONIO TEIXEIRA..... (a)
- EDMO DO VALLE
- EPAMINONDAS XAVIER GRACINDO (Gracindo Júnior)... (a)
- FERNANDO BARROS DA SILVA
- GERALD RENNER DOS SANTOS..... (a)
- HEMÍLCIO JOSÉ FRÓES..... (a)
- ILKA LABARTE
- IRACEMA DE SOUZA FERREIRA (Nora Ney)..... (a)
- JOÃO ALVES SALDANHA
- JOÃO ANASTÁCIO GARRETA PRATS (Jonas Garret)..... (a)
- JOÃO FAGUNDES DE MENEZES
- JOÃO DE SOUZA LIMA
- JORGE NEVES BASTOS (Jorge Goulart)..... (a)
- JOSÉ GERALDO DA LUZ..... (a)
- JOSÉ GOMES TALARICO
- JOSÉ LUIZ RODRIGUES CALAZANS (Jararaca)..... (a)

²⁵⁰APERJ. Conselho de Segurança Nacional, 1964.

À medida que o a investigação ia avançando outros funcionários da Rádio Nacional passaram a ser investigados e em setembro de 1964 chegaria a vez de Saldanha ser lembrado a primeira vez pela ditadura militar. Apesar de não ser considerado como um dos “elementos principais” acusados pela “infiltração de uma célula comunista na Rádio Nacional”, Saldanha seria de um grupo que merecia a atenção do inquérito. Ainda no mês de setembro, solicitados pelo tenente coronel Oscar Antônio Couto de Souza, os antecedentes de Saldanha, junto com um grupo de funcionários da Rádio Nacional, seriam buscados e registrados em mais um arquivo do DOPS/GB e por um velho “conhecido” seu: o investigador Cecil Borer. Segundo o Tenente Coronel, um dos responsáveis por este IPM, estes funcionários, apesar de terem um papel secundário na tal “célula comunista” não deviam passar despercebidos pelo

²⁵⁰ APERJ. Conselho de Segurança Nacional (CSN), Inquérito Policial Militar (IPM): “Infiltração nos órgãos de comunicação social”. 3 de julho de 1964, Fundo Polícias Políticas, Setor: DGIE, p. 13

inquérito, pois “Analisando ao ambiente reinante da emissora, não podemos deixar de citar a existência de empregados e artistas da Rádio Nacional tidos e havidos como comunistas ou com antecedentes comunistas conforme” diversos arquivos de registros policiais. Saldanha, primeiramente fora censurado durante a avaliação do inquérito e assim como vários de seus companheiros preferiu deixar a Rádio Nacional.

Ainda assim continuou comentando futebol pela TV Rio, que apesar do cerco e da invasão não sofreu uma investigação tão severa como a Rádio Nacional, e também na sua coluna semanal no “Última Hora”. Seus comentários sobre futebol voltariam a ser referência após a fraca campanha da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1966, disputada na Inglaterra²⁵¹. Esse status de “referência”, que seus comentários sobre a Seleção ganharam na época, se dá devido ao fato de que Saldanha já era um crítico ferrenho da preparação que a Seleção estava tendo antes da Copa. Mesmo após a vitória no primeiro jogo, Saldanha não se iludiu e escreveu em sua coluna na Última Hora:

“Meus patricios, vocês todos vão poder ver, pela televisão, o papel ridículo de um amontoado de jogadores, esse troço que muita gente por este mundo afora anda chamando de seleção brasileira, e a teimosia siderúrgica e empedernida de uma comissão que eu me recuso a chamar de técnica. Vocês vão ver e julgar o triste espetáculo que o Brasil ofereceu”²⁵².

O fiasco da apresentação da Seleção Brasileira na Copa de 1966 abriu um período de severas críticas e questionamentos por parte do jornalismo esportivo à CBD, que administrava o futebol. A maior expressão desse descontentamento na mídia estava na figura de João Saldanha²⁵³. Após a Copa de 1966, a CBD não colocou um técnico para a ocupação oficial do cargo e o que se tinha eram técnicos avulsos que se revezavam no comando do time entre uma partida ou outra²⁵⁴. O que mais comandou o time da seleção nessa época foi Aymoré Moreira, acumulando vinte partidas separadas por sequências de três jogos (1967), onze jogos (1968) e seis jogos (1969). Outros treinadores que comandaram a Seleção nessa época são: Zagallo (que substituiria Saldanha após sua demissão) e comandou dois jogos e Dorival Knipel (também conhecido como Yustrich, que teria um incidente com Saldanha por causa do cargo).

²⁵¹ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 250

²⁵² SALDANHA, João. “Um troço”, Última Hora, 16 de julho de 1966

²⁵³ MÁXIMO, João. Op. cit., p. 103

²⁵⁴ SALDANHA, João. Op cit., p. 71

Em 1969, Saldanha voltaria a ser muito comentado pelas suas análises que se dariam em torno novamente da preparação da Seleção para a Copa do Mundo de 1970, no México, a desorganização, já citada, e a corrupção dos dirigentes da CBD²⁵⁵. A constante troca de técnicos dificultava a criação de um time-base, o que refletia na qualidade técnica do time, segundo Saldanha. No entanto, o presidente da CBD, João Havelange, surpreendeu o país ao apresentar João Saldanha como o novo técnico da Seleção Brasileira. A motivação do convite feito de Havelange a Saldanha é difícil de ser compreendido em sua totalidade, mas o depoimento de alguns amigos de Saldanha em suas biografias podem nos ajudar, como o comentário do jornalista Luiz Mendes:

“Quando escolheu o Saldanha, João Havelange o fez talvez por ser fã de Getúlio Vargas, porque era Getúlio que chamava os inimigos para o governo dele. João Saldanha era um crítico voraz da seleção brasileira desde 1966. Pois Havelange colocou justamente o inimigo no poder, tirou desse inimigo o poder de fogo. E todos da imprensa não contestaríamos a escolha de um companheiro nosso, que tinha um currículo de técnico e havia sido campeão pelo Botafogo em 1957”²⁵⁶.

A surpresa para o convite à Saldanha se dá por ser feito por um dirigente da CBD conhecido como um oportunista, se mostrando aliado dos sucessivos governos brasileiros, eleitos democraticamente ou militares, desde que passou a ocupar a presidência da entidade. No final do século XX e início do XXI, Havelange seria citado em diversos casos de corrupção relacionados ao futebol e aos esportes, em geral. Juca Kfourri, jornalista da ESPN Brasil, que no início de sua carreira conviveu bastante com Saldanha, concorda com Luiz Mendes sobre a ideia de “tirar o poder de fogo do inimigo”, mas vai além:

“Ele era o cara que, de alguma maneira, podia reunir de novo a confiança da torcida, absolutamente desmoralizada depois do fiasco de 1966. Diante da desmoralização geral, o Havelange, que, independentemente de posições políticas, sempre foi esperto, faz o convite ao João como uma maneira de, no mínimo, dividir a ‘porrada’. Deve ter pensado: ‘quem é o cara que pode trazer uma onda de otimismo, confiança, que é popular, que é querido e que me deixa um pouco na sombra? O João Saldanha’. Naquele momento, para ter o seu sossego, ele deu menos importância a qualquer confusão política que poderia advir dali”²⁵⁷.

²⁵⁵ VILLARINHO, Carlos Ferreira. Op. cit., p. 35

²⁵⁶ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 286

²⁵⁷ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 288-289

Algum tempo depois o próprio João Havelange explicaria a escolha por Saldanha:

“Quando tivemos de compor a comissão técnica da CBD para preparar a seleção, como presidente dei a chefia ao Dr. Antônio do Passo que teve a liberdade de fazer a escolha dos elementos que iriam compô-la. Portanto, quem fez o convite ao Sr. João Saldanha foi o Dr. Antônio do Passo”²⁵⁸.

Sobre as questões políticas, levantadas por Juca Kfourri, Havelange responde:

“Como presidente da CBD nunca tratei de qualquer questão política e, como tal, não haveria porque intrometer-me quanto à participação de qualquer elemento da CBD, como filiado de qualquer agremiação política. De outra parte, não havia porque consultar o governo militar, primeiro como presidente da CBD e, segundo, como homem público”²⁵⁹.

Não se sabe se Saldanha planejava voltar a ser técnico naquele momento. Quando ainda estava no Botafogo, em 1958, teria recebido o primeiro convite para assumir o cargo²⁶⁰ e depois receberia outro convite da CBD, dessa vez para ser o supervisor técnico da delegação que iria para a Copa de 1966²⁶¹. Saldanha recusou os dois. Pelo período em que o Brasil se encontrava, com a repressão aumentando cada vez mais no decorrer de 1968, Saldanha, segundo ele mesmo, aceitou o cargo com o objetivo de ser mais que um técnico: “Tem tortura, gente sumindo. Posso ser mais útil nesse cargo, útil para o futebol e para a política”²⁶².

No comando da Seleção Brasileira, Saldanha ficou por dezessete jogos e perdeu apenas dois (aproveitamento de 85,29%), apelidou seus jogadores de feras, que ficaram conhecidos pelo público como “as feras do Saldanha”. Mas sua saída do cargo foi como a sua chegada, repentina e surpreendente. Talvez não tão surpreendente devido ao clima de tensão que se iniciou e só aumentou após a posse de Emilio Garrastazu Médici como presidente, em outubro de 1969. O governo de Médici foi marcado pelo momento de maior repressão dos governos militares, no qual as forças de polícia perseguiram de maneira implacável, desleal, bárbara e violenta os opositores do governo²⁶³.

²⁵⁸ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 286

²⁵⁹ IDEM

²⁶⁰ VILLARINHO, Carlos Ferreira. Op. cit., p. 19

²⁶¹ SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 291

²⁶² SIQUEIRA, André Iki. Op. cit., p. 287

²⁶³ FILHO, Dinarco Reis. PCB – Uma história de luta.

Em 1964, Saldanha estava sendo investigado, como mostrado nos documentos sobre a Rádio Nacional, e em 1967, Emilio Médici era um dos poucos que tinham acesso aos inquéritos como Chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI), portanto, tinha também conhecimento da militância de Saldanha. No entanto, tirar Saldanha do posto de técnico da seleção não seria muito fácil devido à sua popularidade confirmada por pesquisas da época²⁶⁴. Mesmo assim, segundo Saldanha em entrevista para o programa Roda Viva, em 1987, sua saída já era planejada por Médici conforme uma conversa que ele teria tido com Havelange revelada no programa: “Meu patrão me chamou uns quatro meses antes (de sua saída), quando o Médici foi para a Presidência da República, e me disse: ‘olha, dessa você não escapa, Não tem pra ti mais’”²⁶⁵.

Talvez o motivo principal para a saída de Saldanha possa ser apontado em algumas denúncias que fizera em jornais de outros países durante algumas viagens pela seleção. Como a censura no Brasil, assim como a repressão do governo militar, aumentava a cada dia, principalmente nos dias do governo Médici, Saldanha chegou a dar entrevistas como técnico denunciando as torturas e assassinatos praticados pelo Estado brasileiro. Segundo Beto Macedo, um dos diretores do documentário “João”, Saldanha teria adotado a ideia de que era um “defunto caro” para o governo Médici. Beto Macedo, na mesma ocasião vai mais longe: “Durante a atividade dele como técnico da seleção, aconteciam, na casa dele, reuniões do partido comunista brasileiro”.

André Iki Siqueira, um dos seus biógrafos que também dirigiu o documentário “João” também lembra a sua forma de militância como técnico:

“Evidente que o fator político: o contexto de uma ditadura militar dura, forte. Vários companheiros do João sendo presos, torturados, assassinados, sequestrados, enfim. A América do Sul ali, toda fechada em ditaduras. O presidente militar, portanto, gostava de futebol, acompanhava futebol e o governo sabia que precisava da vitória da seleção pra alimentar o seu marketing de “Brasil pra frente” “ame-o ou deixe-o”. Coisa que o João não permitia e nem deixaria. Então o João passou realmente a ser um problema de Estado. Quer dizer, e se volta então com a Taça Jules Rimet na mão um comunista, um famoso comunista? Que foi na primeira entrevista no México... Brasil ganhou, se classificou, João foi pro México

²⁶⁴ VILLARINHO, Carlos Ferreira. Op. cit., p. 93. O jornal do Brasil fizera três pesquisas com o público sobre Seleção entre novembro e dezembro de 1969. A primeira pesquisa foi sobre time: apenas 26% achava que mais alguém deveria ser convocado. A segunda seria sobre os substitutos de Tostão caso o jogador não estivesse em condições de jogo. A terceira foi uma comparação com os times de 1958 e 1962 e 22% consideravam igual, enquanto 31% achava melhor.

²⁶⁵ Roda Viva. Entrevista com João Saldanha. São Paulo, TV Cultura, 25 de maio de 1987.

escolher concentração, hotel, e em uma entrevista coletiva para os correspondentes estrangeiros perguntam ‘pra’ ele se havia tortura no Brasil, ele diz que sim e aí mostra uma pilha de documentos. Evidente que isso ‘não bateu bem’ em Brasília”²⁶⁶.

Pelo relato de André Iki Siqueira percebe-se que Saldanha realmente usou a seleção de um país, governado por um regime totalmente antidemocrático, para assim denunciá-lo. Saldanha não era o único a fazer essas denúncias em meios de comunicação internacionais, outras pessoas exiladas pelo mundo também faziam essas denúncias que, de certa forma, constrangia o governo brasileiro no cenário internacional, que respondia a essas acusações como “uma calúnia de uma campanha da esquerda comunista contra o Brasil”²⁶⁷.

Outros fatores foram pesando na permanência de Saldanha como técnico justamente nesse clima em que já se configurava uma quebra de braço com o governo militar e só podem ser analisados em sua totalidade, caso a caso, em um trabalho mais amplo. Entre esses fatores estão: o suposto desentendimento que Saldanha teria com Pelé; a aproximação de alguns membros da comissão técnica da CBD, como o médico Lídio Toledo, com alguns militares que ocupavam cargos na entidade; a campanha de alguns jornais paulistas que se mostraram totalmente contra a escolha de Saldanha desde o início para o cargo, justificando-a como um “apadrinhamento”, e o fato de ter assinado um contrato com a Rede Globo ainda como técnico da Seleção Brasileira.

É uma possibilidade que casos como esses servissem para aumentar a tensão em torno da seleção, principalmente no ano da copa. Mas ainda haveria espaço para outros casos que iam servir para deixar a situação de Saldanha mais insustentável, até porque se juntou com alguns resultados negativos do time em campo. Quando a queda de Saldanha foi ficando evidente, começaram a surgir rumores de quem poderia ser o seu sucessor no cargo, e Dorival Knippel, talvez por achar que estava bem cotado para isso começou a provocar Saldanha por meio de entrevistas, principalmente após um jogo-treino da seleção com o Atlético Mineiro, time que Dorival Knippel treinava, no qual a seleção perdera por dois a um, com o gol da vitória marcado por Dario Maravilha, o

²⁶⁶ Especial GloboNews: Memórias do João “Sem Medo”

²⁶⁷ FILHO, Dinarco Reis. PCB – Uma história de luta.

Dadá. Mas o desentendimento de Saldanha com o tal técnico se daria quando este estava no comando do time do Flamengo, continuando a provocar Saldanha²⁶⁸.

O temperamento intempestivo de Saldanha, conhecido por outras histórias suas, também o marcou nesse episódio. Revoltado com a última entrevista dada por Dorival Kippel, na qual afirmou que Saldanha não sabia nada de futebol, ainda como técnico da seleção, Saldanha se dirigiu a concentração do Flamengo armado procurando o técnico do time. O jornalista Aparício Vianna e Silva, estava com João Saldanha e tem um relato sobre esse caso:

“O João chegou e encontrou o Adão, um negão forte, goleiro do Flamengo, perto do portão. Ele encostou o revólver no Adão e perguntou: ‘Onde é que está o Yustrich’ (como também era conhecido Knippel)? Aí o Adão disse: ‘Ele não está’. João afastou o Adão e foi entrando assim mesmo. Procurou o Yustrich, que, por sorte, não estava”²⁶⁹.

Outro caso próximo à saída de Saldanha e que seria considerado a gota d’água para sua demissão seria a recusa de atender um pedido de Médici sobre um jogador que poderia ser escalado. Esse jogador era Dario Maravilha, do Atlético Mineiro, que agradava ao gosto do presidente como revelado pelo próprio em entrevistas, no entanto passados os jogos Dario Maravilha não aparecia em nenhuma convocação e Saldanha começou a ser frequentemente questionado sobre o jogador, mesmo que segundo uma pesquisa do Jornal do Brasil apontasse que apenas 2% dos entrevistados quisessem Dario Maravilha na seleção. Como o clima já estava estranho entre o técnico da seleção e sua comissão, Saldanha passou a dar entrevistas deixando claro o seu descontentamento com as tentativas de interferência do governo. Em uma entrevista para a TV Tupi no mês de março de 1970, perguntado pelo repórter se entre ele e a comissão técnica estava “tudo bem”, Saldanha responde:

“Entre eu e a comissão técnica está tudo muito bem, nenhum problema entre nós. Agora, visivelmente, há algo de podre no reino da Dinamarca ‘né’. É, esse time é esse que vai jogar se for eu o treinador, se for outro vocês perguntem para ele”²⁷⁰.

Médici, como André Iki Siqueira afirmou, realmente acompanhava futebol, inclusive uma das imagens mais famosas dos presidentes militares em público, é

²⁶⁸ SIQUEIRA, André. Op. cit., p. 333

²⁶⁹ SIQUEIRA, André. Op. cit., p. 334

²⁷⁰ TV Tupi, 1969

justamente a de Médici, no Maracanã em 1969, com um rádio de pilha colado aos ouvidos, durante um “Fla x Flu”, acompanhando o seu time Flamengo, e Dadá Maravilha foi lembrado algumas vezes por ele nas entrevistas que se falava sobre a seleção²⁷¹. Saldanha então, resolveu dar uma resposta mais direta a Médici, deixando claro que não aceitaria nenhuma intervenção no seu trabalho e em uma entrevista na televisão teria dito a frase que acabaria marcando sua passagem na seleção: “Eu não escalo o ministério, nem o presidente escala time. Então está vendo que nós nos entendemos muito bem”²⁷². Saldanha acabou sendo demitido do cargo de técnico da seleção em dezessete de março de 1970²⁷³. Dezessete anos depois, em um Brasil com mais liberdade, Saldanha falaria em um programa de televisão o seguinte sobre a sua saída e sua polêmica com o então Presidente Médici: “Eu considero o Médici o maior assassino da história do Brasil. Eu nunca ‘vi ele’ em pessoa, eu nunca tive com ele em pessoa. Até me recusei, num convite que me fizeram em Porto Alegre para um jantar com ele, nós estávamos lá por acaso... Claro que na porta talvez eu fosse até barrado, mas eu disse ‘eu não vou’. ‘Pô’, o cara matou amigos meus. Eu levei ‘pro’ México uma pilha de documentos de três mil e poucos presos, trezentos e tantos mortos e não sei quantos torturados. Então eu vou compactuar com um ser desse? Eu tenho um nome a zelar, já tinha e tenho ainda. Não! Então eu disse ‘pra’ ele: ‘o senhor organiza o seu ministério e eu organizo o meu time’”²⁷⁴.

Duas semanas após ter dito esta famosa frase, Saldanha seria demitido do cargo. A saída de Saldanha na época fora marcada por muitas polêmicas, que com tantas possibilidades devido aos casos aqui já citados ser viram para esconder o verdadeiro fator determinante, que foi o fato da seleção possuir um técnico que além de ser um militante comunista, denunciava o governo para a imprensa internacional. Quando perguntado sobre se a saída de Saldanha teria relação com questões políticas, João Havelange sempre negou, mas Zagallo, que substituiu Saldanha no cargo e, de fato, levava Dario Maravilha, pensa diferente:

“O João Saldanha era comunista, era vermelho, e a maior parte da imprensa que cobria a seleção naquele momento também era. Como assumi um cargo no lugar do Saldanha, eles me botaram numa situação de ter tirado politicamente uma pessoa do posto.

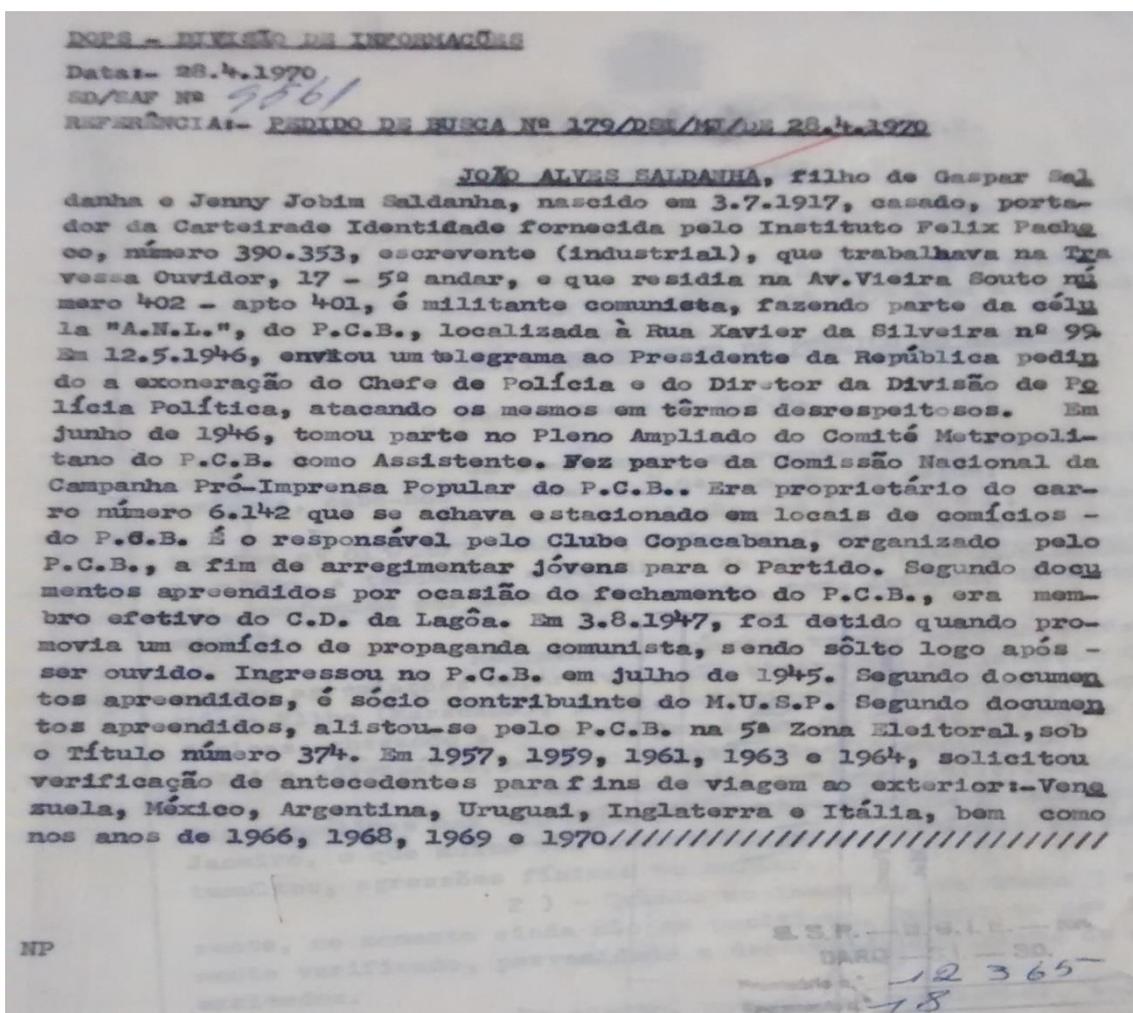
²⁷¹ VILLARINHO, Carlos Ferreira. Op. cit., p. 107

²⁷² TV RBS, 1970

²⁷³ SIQUEIRA, André. Op. cit., p. 357

²⁷⁴ Roda Viva. Entrevista com João Saldanha. Rio de Janeiro, TV Cultura, 25 de maio de 1987.

Então, passei a ser atacado por ter entrado, mas a minha vida é de esportista, eu não tenho nada a ver com política, jamais me envolvi em problema político”²⁷⁵.



²⁷⁶APERJ. DOPS: Pedido de busca, 1970.

Após a saída de Saldanha, o DOPS fez mais um relatório lembrando os antecedentes de Saldanha em abril de 1970, sem justificar o motivo. Provavelmente os órgãos de repressão e espionagem passariam a registrar qualquer atividade suspeita de Saldanha e mantê-lo, pelo menos, sob vigilância constante, pois Saldanha poderia até não ser mais técnico da seleção brasileira, mas continuaria sendo um “defunto caro”, até pela repercussão que teve sua saída no Brasil e fora do país também. Saldanha decidiu continuar trabalhando em torno de futebol voltando a ser comentarista. Sua primeira Copa do Mundo em seu retorno como jornalista esportivo seria justamente a de 1970.

Conclusão

²⁷⁵ SIQUEIRA, André. Op. cit., p. 372

²⁷⁶ APERJ. Divisão de Informações. Pedido de busca João Alves Saldanha. 26 de abril de 1970, Fundo Polícias Políticas, Setor DOPS. Prontuário GB. 12365.

Após essa breve reflexão sobre a biografia política parcial de João Saldanha espero ter fornecido algum conhecimento ao leitor da sua trajetória como militante do Partido Comunista Brasileiro, desconstruindo a imagem de personagem produzida pela mídia do tempo do objeto estudado, além de fazê-lo compreender a razão principal de sua saída do cargo de técnico da Seleção Brasileira.

Algumas biografias sobre Saldanha que não usei como fontes não dão o devido destaque a questão política na vida de Saldanha, o que contribui para a construção desse personagem²⁷⁷. Em algumas biografias, Saldanha aparece apenas como alguém simpático às políticas de esquerda, como consequência da relação com algumas amigas suas. Nesse sentido, sem avaliar a militância de Saldanha com um pouco mais de profundidade, o que acaba acontecendo é uma naturalização da sua saída da CBD, com uma simples associação de que um possível opositor ao regime não seria técnico do time de um país ditatorial em uma copa do mundo por apenas por ser alguém simpático a ideias subversivas.

O que se deve levar em conta para debater a passagem de Saldanha pela Seleção é o seu histórico como militante ativo do PCB junto, é claro, com o contexto político da época. Por isso, acredito que optar por colocar quase todos os documentos policiais aos quais tive acesso que se referem à Saldanha em algum momento, possa ter facilitado qualquer naturalização de uma ideia expressada no parágrafo anterior. Saldanha, não era apenas alguém simpático ao socialismo, ou alguém que “exerceu a sua militância durante seus tempos de universitário”, como visto em uma matéria que aparentava uma tentativa de caráter biográfico. Saldanha era de fato uma pessoa de esquerda, e à medida que a censura no Brasil ia perdendo a força junto com a ditadura militar, fazia questão de ressaltar seu posicionamento ideológico. Tendo acesso a várias entrevistas e depoimentos, Saldanha dificilmente deixava de falar futebol, mas nunca deixava de fazer alguma referência a questões políticas.

Outro fator que me incomodou durante a pesquisa sobre Saldanha decorrente dessa naturalização já citada de sua saída é a tendência em apenas “vitimizar” João Saldanha por causa de sua demissão. Saldanha, fora de fato, vítima de um governo repressivo, como o de Médici, por já ser um conhecido militante de esquerda, mas até certo ponto, porque, como relatado no último capítulo, Saldanha também usou seu cargo

²⁷⁷ PROENÇA, Ivan Cavalcanti. João Saldanha & Nelson Rodrigues. Rio de Janeiro, Educom, 1976.

contra este governo. Portanto, se Saldanha já podia incomodar a ditadura por ser apenas alguém com um passado de esquerda, como afirmado em algumas matérias e biografias, os registros policiais e toda a documentação do terceiro capítulo argumentam a favor da ideia de um militante ativo que poderia constranger o governo do seu próprio país na imprensa internacional.

Saldanha com certeza foi vítima de uma conspiração para tirá-lo do cargo, devido ao seu posicionamento político, conhecido pelo governo. Por isso que determinadas situações divulgadas pela imprensa surgiram naquele momento, como as citadas na parte final do trabalho, a fim de esconder o real motivo de sua demissão. Dificilmente um governo repressivo como o de Médici ia admitir de fato um comunista no comando do time de seu país, mas para tirá-lo seria necessário aproveitar algum mal-estar, que passaram a ocorrer sucessivamente após as tentativas frustradas do governo de tentar intervir no comando técnico da Seleção Brasileira. Portanto, Saldanha seria vítima sim, mas não exclusivamente vítima, pois também soube denunciar e resistir ao governo e suas tentativas de intervenção em seu trabalho.

Como uma pessoa acostumada com a política desde o início da vida com a política, Saldanha voltaria a atuar neste ambiente até o final de sua vida. Após a passagem pela Seleção, ficou exercendo o seu trabalho de comentarista esportivo também até o seu falecimento, durante uma copa do mundo, em 1990. Assim como em épocas anteriores, o setor de inteligência da polícia voltaria a produzir inúmeros relatórios sobre qualquer atitude de Saldanha que pudesse ser considerada suspeita. Os documentos do DGIE feitos nessa época (posterior a 1970) possibilitam a continuação de um estudo da militância de Saldanha pelos registros policiais. A continuação do envolvimento de João Saldanha com a política deve ser feita a partir de uma análise cuidadosa desses documentos pós 1970.

Em 1975, Saldanha voltaria a ser lembrado pelo Departamento Geral de Investigações Especiais (DGIE), sendo acusado de estar instruindo o comentarista esportivo Mário Vianna a provocar a multidão que assistia aos jogos no Maracanã com o objetivo de causar tumultos. O relatório cita alguns registros de Saldanha, como a sua primeira passagem pela polícia, em 1947, e que o seu nome estava entre os “indiciados que poderiam compor uma célula comunista infiltrada na Rádio Nacional”. A justificativa para essa conclusão é dada da seguinte forma, segundo o relatório:

“Tem ocorrido durante a realização dos jogos no Estádio Mario Filho (Maracanã) comentários agressivos e por vezes ofensivos, proferidos pelo comentarista de arbitragens da Rádio Globo, Sr. Mário Viana. Consta que essas provocações têm como criador e orientador, o comentarista JOÃO ALVES SALDANHA, elemento ligado às esquerdas e defensor da ideologia comunista, o qual se utilizava do locutor Mário Viana, elemento inculto e incapaz de compreender, que estava sendo usado para outros propósitos, mas que por sua linguagem rude e grosseira, sem dúvida alcança através do rádio de pilha dos torcedores uma fácil comunicação com o alvo desejado, o público presente. Por repetidas vezes as reações vêm sendo testadas em suas mutações e sempre conduzidas na direção desejada, cada vez mais crescendo em proporção, tendo já sido observados atos e reações com requintes de perversidade e destruição. O comentarista de arbitragens da Rádio Globo vem provocando na massa de torcedores, reações descontroladas que normalmente culminariam um distúrbio de médias proporções, chegando à agressões indiscriminadas e a destruição das instalações do Estádio. Consta que o objetivo era formar um clima de histeria coletiva tal, que num dia de grande jogo, não seria difícil o desencadeamento de um grande tumulto, cujos resultados imprevisíveis, poderiam gerar uma catástrofe semelhante em outros estádios do Brasil”²⁷⁸.

Este registro abriria uma nova temporada em que o nome de Saldanha voltaria a frequentar as páginas dos relatórios feitas pelos setores de inteligência da polícia, sendo lembrado em uma “Investigação sobre os colaboradores da Imprensa alternativa”, quando Saldanha escrevia para o jornal “Hora do Povo”. Essa investigação voltou a lembrar os antecedentes dos colaboradores de jornais que representavam uma oposição direta à ditadura, assim como a orientação de cada periódico, que o DGIE diferenciava de acordo com cada jornal analisado, mas que em um plano geral, tinham o objetivo de atacar o regime militar.

Outros momentos em que Saldanha voltaria a ser continuamente citado nos arquivos do DGIE são: durante as campanhas para as eleições estaduais de 1982, onde Saldanha declarou apoio ao PMDB, e nas eleições municipais de 1985, na qual Saldanha, ainda pelo PCB que formou a chapa Frente Democrática Rio, de esquerda com PSB, partido que indicou Marcelo Serqueira para a candidatura de prefeito. No entanto, as eleições foram vencidas por Saturnino Braga do PDT, partido do governador Leonel Brizola, vencedor em 1982.

²⁷⁸ APERJ. Divisão de Informações, assunto: “incitamento do público no Maracanã”. 2 de julho de 1975, Fundo Polícias Políticas, Setor: DGIE, p. 1

Saldanha também seria lembrado pelo DGIE devido à sua atuação no CEBRADE (Centro Brasil Democrático), organização fundada em 1978, que teria entre seus criadores João Saldanha. O CEBRADE surgiu num momento em que o Brasil começava a dar sinais de retomar o caminho da democracia, no contexto da “Anistia ampla, geral e irrestrita”, vários presos políticos começaram a ganhar a liberdade aos poucos, assim como os exilados políticos iniciaram o seu retorno. Alguns desses perseguidos iriam compor o CEBRADE, que ainda iria se desdobrar em outras causas nesse mesmo momento. Segundo o manifesto de fundação do CEBRADE que consta nos arquivos do DGIE:

“O Centro Brasil Democrático se propõe a lutar pela democratização da vida brasileira e pelos direitos humanos fundamentais e aponta como objetivos prioritários preliminares: anistia para todos os punidos e perseguidos políticos, a supressão do AI-5, e demais instrumentos vigentes de abuso do poder, a revogação da atual Lei de Segurança Nacional, o reconhecimento franco do direito de opinião e de associação, de reunião, de greve, de organização de partidos políticos e a convocação de uma assembleia constituinte”²⁷⁹.

O CEBRADE organizava diversos eventos: palestras, festivais, debates em universidades e etc. Esses eventos sempre eram monitorados pelo DGIE que registrava atividades, discursos e a presença de personalidades que fossem reconhecidas pelos espiões, que ainda atuavam. Entre as personalidades que o DGIE mais registrava as suas respectivas presenças, estavam as pessoas que ocupavam algum cargo no CEBRADE ou as que foram fundadoras do movimento. Por isso o nome de Saldanha volta a frequentar rotineiramente os arquivos de espionagem da polícia, que registrava apenas sua presença, mesmo que não fizesse algum discurso.

Em umas das palestras organizadas pelo CEBRADE que constam nos arquivos do DGIE, o tema principal era futebol, logo, um dos principais convidados, ou até o principal por ainda se tratar de uma figura pública devido ao seu trabalho de comentarista esportivo, seria João Saldanha. No relatório sobre este evento, que se deu na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, além de conter informações básicas sobre a palestra, como a duração do evento e o público (“de aproximadamente 300 pessoas”), há também um registro da fala de Saldanha sobre a sua saída da Seleção Brasileira:

²⁷⁹APERJ. Manifesto de Fundação do CEBRADE. 29 de julho de 1978, Fundo Polícias Políticas, Setor: Informações.

“Minha saída da Seleção nada tem a ver com PELÉ. Eu disse ao Presidente da República que ele se metesse com o time dele na política, que eu cuidava do meu no futebol. Aí, ele me derrubou. Como não pude derrubá-lo, perdi”²⁸⁰.

Este registro ilustra a preocupação que os serviços de espionagem ainda tinham com relação ao modo com que Saldanha iria tratar do assunto em público e pode nos levar a pensar mais uma vez de como situações que estariam causando desconforto no ambiente interno do time, que podem ter ocorrido sim, mas que tiveram um tom sensacionalista na época, de certa forma atuaram, na “camuflagem” do verdadeiro motivo da saída de Saldanha de técnico da Seleção Brasileira.

O motivo real da demissão de Saldanha espero ter deixado claro ao leitor a partir da análise dos documentos aos quais tive acesso. Os motivos que especularam sua saída também foram citados quando a sua passagem pela seleção fora debatida. Ao longo deste trabalho, a escrita que se desenvolveu entre uma variação de escalas foi produzida a partir de consultas à diversas fontes como: jornais, revistas, biografias e documentos oficiais. Por isso, acredito que construir um “diálogo” entre esses conteúdos que me forneceram uma variedade de fontes de informação tenha sido muito proveitoso não somente à produção de uma pesquisa cuidadosa, como também para a minha formação acadêmica.

²⁸⁰ APERJ. Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, assunto: “Palestra sobre futebol, na PUC/RJ – João Saldanha – Centro Brasil Democrático”. 15 de setembro de 1978, Fundo Polícias Políticas, Setor: DGIE, p. 1

Referências Bibliográficas:

- BETTO, Frei. Das catacumbas: cartas da prisão 1969-1971. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.
- CASTRO, Ruy. Estrela Solitária: um brasileiro chamado Garrincha. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- COSTA, Célia Maria L. Manifesto dos Coronéis. In: COSTA, Célia Maria L. Manifesto dos Coronéis. CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, 2011.
- FAUSTO, Boris. A História do Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação do desenvolvimento da educação. 2012.
- FILHO, Dinarco Reis. PCB – Uma história de luta. Rio de Janeiro: Fundação Dinarco Reis, 2009.
- FERREIRA, Jorge. A Guerra de Porecatu. O Cruzeiro (revista), nº 14, vol. VII, 14 de junho de 1951.
- Folha de Londrina. Lembranças da guerra. Paraná, 23 de julho de 1985.
- _____. Revolta e traição, 23 de julho de 1985.
- GABEIRA, Fernando. O que é isso, companheiro? Rio de Janeiro: Codecri, 1979.
- GERALDO, S. ; CLIFF, W. Lutas camponesas no interior paulista: memórias de Irineu Luís de Moraes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GOMES, Angela de Castro. Trabalhadores, movimento sindical e greve. CPDOC. Fundação Getúlio Vargas, 2011.
- JÚNIOR, Valério Hoerner. Maragatos. Rio Grande do Sul: Editora Jurua, 2007.
- LEAL, José. ‘Rebelião no Paraná. O Cruzeiro (revista), nº 9, XII, 9 de dezembro de 1950.
- KORNIS, Mônica. Pacto de Unidade Intersindical. In: KORNIS, M. Pacto de Unidade Intersindical.

MAGALHÃES, Mário. Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MÁXIMO, João. Sobre nuvens de fantasia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

MILLIET, Raul. Vida que segue: Saldanha e as Copas de 1966 e 1970. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

PEREIRA, Alceu. Reina a paz em Porecatu. O Cruzeiro (revista), nº 25, vol. VIII, 3 de agosto de 1951.

PORTO, Roberto. Botafogo: 101 anos de histórias, mitos e superstições. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. João Saldanha e Nelson Rodrigues. Rio de Janeiro: Educom, 1976.

SALDANHA, João. Futebol e outras histórias. Rio de Janeiro: Record, 1988.

_____. Meus amigos. Rio de Janeiro: Mitavaí. 1980.

_____. O trauma da bola. São Paulo: Cosac & Naif, 2002.

_____. Os subterrâneos do futebol. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1963.

_____. “Um troço”, Última Hora, 16 de julho de 1966.

SAMPAIO, Paulo Marcelo. Os dez mais do Botafogo. Rio de Janeiro: Maquinária, 2009.

SANTOS, Nilton. Minha bola, minha vida. Rio de Janeiro: Gryphus, 1998.

SILVA, Arlindo. Salve o Rei do Café. O Cruzeiro (revista), nº 24, vol. VI, 4 de agosto de 1950.

SIQUEIRA, André Iki. João Saldanha – uma vida em jogo”. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 2007.

SODRÉ, Nelson Werneck. A coluna Prestes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

VILLARINHO, Carlos Ferreira. Quem derrubou João Saldanha. Rio de Janeiro: Livros de futebol.com, 2010.

_____, Carlos Ferreira. O futebol do Botafogo: 1951 – 1960. Rio de Janeiro: Armazém das Letras, 2013.

ZAMORA, Pedro. A hora e a vez de João Saldanha. Rio de Janeiro: Gol, 1969.

- Fontes

APERJ. Conselho de Segurança Nacional (CSN), Inquérito Policial Militar (IPM): “Infiltração nos órgãos de comunicação social”. 3 de julho de 1964, Fundo Polícias Políticas, Setor: DGIE.

_____. Departamento Federal de Segurança Pública. Relatório do diretor da divisão, Major Aduino Esmeraldo, ao 1º Procurador da República. 23 de abril de 1947, Setor DOPS: Prontuário GB 12365.

_____. Divisão de Informações, assunto: “incitamento do público no Maracanã”. 2 de julho de 1975, Fundo Polícias Políticas, Setor: DGIE.

_____. Divisão de Informações. Pedido de busca João Alves Saldanha. 26 de abril de 1970, Fundo Polícias Políticas, Setor DOPS. Prontuário GB. 12365.

_____. Divisão de Polícia Política e Social (DPPS). Relatório do Diretor do DPPS, Tenente Coronel Danilo da Cunha Nunes, ao Delegado auxiliar de Pernambuco (RE). 21 de maio de 1958, Fundo Polícias Políticas, Setor “Integralismo”.

_____. Divisão de Polícia Política e Social (DPPS). 17 de junho de 1958, Fundo Polícias Políticas, Setor: Integralismo, Ficha Arquivo nº 9.

_____. Dossiê “As atividades do PCB no Distrito Federal” Relatório do chefe do setor trabalhista, Cecil Borer, ao Departamento Federal de Segurança Pública. Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 1947. Fundo Polícias Políticas, Setor DOPS: Prontuário GB. 12365.

_____. Dossiê “Documentos constantes dos arquivos do PCB”, setor DOPS, Fundo Polícias Políticas.

_____. Manifesto de Fundação do CEBRADE. 29 de julho de 1978, Fundo Polícias Políticas, Setor: Informações.

_____. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Relatório de Pelayo Vidal ao Departamento Federal de Segurança Pública. 24 de fevereiro de 1947, setor DOPS: Prontuário GB. 12365.

_____. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. 3 de agosto de 1947, Fundo Polícias Políticas, Setor DOPS: Prontuário GB. 12365.

_____. Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, assunto: “Palestra sobre futebol, na PUC/RJ – João Saldanha – Centro Brasil Democrático”. 15 de setembro de 1978, Fundo Polícias Políticas, Setor: DGIE.

_____. Procuradoria da República no Distrito Federal. Relatório de Alceu Barbêdo, 1º Procurador da República ao Departamento Federal de Segurança Pública. 17 de abril de 1947, Setor DOPS: Prontuário GB. 12365.

_____. Relatório “Partido Comunista do Brasil”, setor Informações, Fundo Polícias Políticas.

-Referências websites

Discurso Rubens Paiva. Acervo EBC. Disponível em:

<http://www.ebc.com.br/cidadania/2014/03/rubens-paiva-defendeu-legalidade-do-governo-jango-pela-radio-nacional-no-dia-1o-de>

Matéria Grande Revista Esportiva Facit. Memória Globo. Disponível em:

<http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/relembre-grande-resenha-facit-primeira-mesa-redonda-da-tv-de-1963-12752794>

Advogado do Diabo. Entrevista com João Saldanha. Rio de Janeiro: TVE, 1985.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nqxAGSdaII4>

Roda Viva. Entrevista com João Saldanha. TV Cultura, 25 de maio de 1987. Disponível

em: <https://www.youtube.com/watch?v=fBjcJUskjRw>